



O LIVRO DOS EXEMPLOS

VOL. 1

LAVÍNIA&LÍAM

CONTOS PARA CRIANÇAS E JOVENS

O LIVRO DOS EXEMPLOS

VOL. 1

RECRIAÇÃO DAS HISTÓRIAS CONTADAS POR JESUS

O MESTRE DOS MESTRES



LAVÍNIA & LÍAM

Copyright Lavínia & Líam, 2016/2020

República Federativa do Brasil

Registro do texto em Un. Federativa

CDD: B869.93

Editores Responsáveis Lavínia & Líam

Capa e diagramação Lavínia

Publisher Líam

Revisão final de texto Lavínia & Líam

Imagens utilizadas sem indicação de autores por conta da multiplicidade e repetição das mesmas em diversos sites e links de consulta, tanto no Brasil quanto no exterior, sem a referência de origem.

Nossa eterna gratidão a todos os artistas!

Lavínia & Líam

O Livro dos Exemplos

1ª edição, Dezembro de 2020

Autores independentes

Formas de contato:

lavinia.liam.paz@gmail.com

sites.google.com/view/olivrodosexemplos

[instagram.com/olivrodosexemplos](https://www.instagram.com/olivrodosexemplos)



Dedico esta obra ao médium responsável
por tudo isso, nosso sempre amigo Chico.

Sumário

Apresentação	10
Jesus no Lar.....	13
Princípios, fundamentos e conceitos: Evangelho no Lar, estudo, compartilhamento de ideias versus egoísmo e limitação a novos discípulos	
O Talismã	16
Princípios, fundamentos e conceitos: O tempo como recurso real e fundamental para a aquisição dos poderes espirituais	
Os Instrumentos da Mudança.....	18
Princípios, fundamentos e conceitos: conflitos entre irmãos, inflexibilidade, brigas, acordos, combinados e a noção de mudança	
Jesus Explica	22
Princípios, fundamentos e conceitos: apego, ciúme, materialismo, força de vontade, desapego e a ciência do amor	
Lição da Natureza	25
Princípios, fundamentos e conceitos: ofensa, bullying, maldade, inconsciência diante da compreensão, a resignação e o perdão	
O Grande Líder	29
Princípios, fundamentos e conceitos: Liderança, representação, democracia, trabalho, renúncia, solidariedade, bem-estar social	
Ajudar te Salva dos Perigos	34
Princípios, fundamentos e conceitos: Renúncia, solidariedade, Lei de Causa e Efeito, amizade.	
A Ajuda Divina	40
Princípios, fundamentos e conceitos: Ligação com a proteção Divina; a ajuda necessária versus o auxílio desejado	

Inconstante	43
Princípios, fundamentos e conceitos: melindre, vitimismo, impaciência, intolerância ou a coragem, resistência e enfrentamento amoroso	
Consciência dos Defeitos	46
Princípios, fundamentos e conceitos: Autoconhecimento e relação entre a paciência, a compreensão e o auto perdão no trabalho de renovação de si mesmo	
As Desculpas de Marta.....	48
Princípios, fundamentos e conceitos: A desistência e/ou abandono da tarefa diante das primeiras dificuldades	
A Visita da Verdade	50
Princípios, fundamentos e conceitos: Insatisfação, reclamação, perda de sentido, o auxílio espiritual, a fé, a caridade, a verdade...	
O Maior Jovem.....	54
Princípios, fundamentos e conceitos: mecanismos da vaidade, disputas por reconhecimento, más influências, a Lei de Causa e Efeito, o despertar coletivo e individual	
O Filho Sensato	59
Princípios, fundamentos e conceitos: preguiça, mentira e irresponsabilidade ou a obediência, a boa vontade e o reconhecimento	
Invigilância na Tarefa.....	62
Princípios, fundamentos e conceitos: Concentração e o foco na responsabilidade individual a favor do bem; o prejuízo de deixar sua tarefa pessoal para criticar ou se intrometer na parte alheia	
A Árvore da Felicidade	65
Princípios, fundamentos e conceitos: A importância da união, da paz entre os pares e do trabalho em conjunto para o plantio e a colheita da felicidade	
Medicina do Amor	67
Princípios, fundamentos e conceitos: intelectualidade, egoísmo e mesquinhez ou a renúncia, a solidariedade cristã e os frutos redentores	

Faça o que eu digo, não faça o que eu faço.....	70
Princípios, fundamentos e conceitos: falsidade, autoengano, corrupção e prejuízo ao próximo; o despertar da mediunidade, provas regeneradoras, iluminação, reparação	
Descobrimo o Ponto	73
Princípios, fundamentos e conceitos: Solidariedade, desapego, acolhimento, virtudes versus defeitos: ingratidão, desrespeito, humilhação e crueldade	
Guardaste a Lição?	77
Princípios, fundamentos e conceitos: O mal como fruto da inconsciência, do desespero e da ignorância. O valor da compreensão e do perdão.	
O Valor da Compaixão e o Acréscimo da Compreensão	81
Princípios, fundamentos e conceitos: A compreensão e a compaixão como molas que impulsionam o bem na renovação do mal	
No Rumo da Perfeição	84
Princípios, fundamentos e conceitos: A consciência da imperfeição durante o trabalho por renovação	
O Valor da Mudança	87
Princípios, fundamentos e conceitos: Aparência, hipocrisia e indiferença, renovação, boa vontade, sinceridade...	
Importância da Ação	90
Princípios, fundamentos e conceitos: A aversão e o isolamento em relação ao mal alheio e o problema do egoísmo contemplativo	
Cezar	93
Princípios, fundamentos e conceitos: Intolerância, incompreensão, desgosto com a profissão, provas no trabalho; a boa convivência, funções educadoras e o plano da vida	
A Coroa e as Asas	96
Princípios, fundamentos e conceitos: Inteligência, sabedoria, amor, peças chave ao progresso espiritual	

Os Mansos da Terra	100
Princípios, fundamentos e conceitos: Cortesia no tratamento com as pessoas, gentileza, amorosidade, educação...	
Juíza.....	103
Princípios, fundamentos e conceitos: tirania, distorção na busca por justiça, prejuízo aos semelhantes, colheitas necessárias e transformações espirituais	
O Desafio de uma Família.....	107
Princípios, fundamentos e conceitos: Necessidades materiais, esforço, humildade, honestidade e boa vontade.	
A Receita da Felicidade.....	110
Princípios, fundamentos e conceitos: Faça aos outros a mesma coisa que gostaria fosse feito para você mesmo; plantar primeiro, colher depois.	
O Candidato à Felicidade	114
Princípios, fundamentos e conceitos: Como entender e solicitar as potências divinas	
A Caridade Desconhecida	117
Princípios, fundamentos e conceitos: Riqueza, materialismo, ambição ou a caridade imaterial e moral	
Riqueza.....	120
Princípios, fundamentos e conceitos: Aproveitamento da riqueza no progresso e bem-estar coletivo, partilha de segurança, conforto e felicidade	
O que é Essencial	124
Princípios, fundamentos e conceitos: Consciência do valor e da importância dos bens materiais em compensação e preservação da vida	
A Melhor Religião do Mundo	126
Princípios, fundamentos e conceitos: Disputa por supremacia religiosa e a verdadeira religião de Jesus	

Fanáticos	130
Princípios, fundamentos e conceitos: Conflitos, brigas e disputas relacionados ao conceito de Deus, sua forma e origem	
A Escola da Família	133
Princípios, fundamentos e conceitos: resistências familiares diante da fé e da religião, a paciência, o carinho, o amor e a conquista de um novo rumo	
Em Tempos Não Tão Distantes.....	135
Princípios, fundamentos e conceitos: Auxílio fictício versus a caridade verdadeira	
O Excluído.....	138
Princípios, fundamentos e conceitos: A ajuda que vem da onde menos se espera; vergonha de nada ter feito e só observado; a mudança pelo exemplo	
o Exemplo e o Esforço	141
Princípios, fundamentos e conceitos: A exemplificação e aperfeiçoamento das práticas da caridade repassadas de pai para filho, de geração em geração...	
Isa — Em Busca da Compreensão	143
Princípios, fundamentos e conceitos: Praticar a benevolência e a caridade para com todos: ao bem e ao mal, ao forte e ao fraco, ao doente e ao saudável, ao novo e ao velho, ao ateu e ao religioso, ao benfeitor e ao criminoso...	
Ei, Dor!.....	146
Princípios, fundamentos e conceitos: Incompreensão, questionamentos, entendimentos sobre os motivos e a sabedoria relacionada ao tema da dor, dos sofrimentos e das aflições	
Caminhos.....	152
Princípios, fundamentos e conceitos: As escolhas e as opções de vida, os valores e a religiosidade, perigos e efeitos dos maus hábitos	
Humildade Combina com Autoestima	155
Princípios, fundamentos e conceitos: Os perigos da humildade mal interpretada, o ataque do mal aproveitando de tal erro e o valor da autoestima para o trabalho do bem	

A Tristeza Venenosa	159
Princípios, fundamentos e conceitos: A tristeza e o desânimo da baixa autoestima, o ataque do mal sugerindo a auto sabotagem e os prejuízos daí decorrentes	
Lição da Chuva	163
Princípios, fundamentos e conceitos: A perspectiva da evangelização no mundo, a retenção do Evangelho conforme a disposição de cada ser inteligente	
Jornada ao Reino de Deus	166
Princípios, fundamentos e conceitos: A disposição, vontade, movimentação e perseverança no caminho para Deus: desafios, provas, recompensas, sucesso espiritual	
As Regras de Ajudar	169
Princípios, fundamentos e conceitos: Diretrizes e regras fundamentais para ajudar a si mesmo, aos semelhantes, o Planeta	
Sinais	171
Princípios, fundamentos e conceitos: Bases para a criança, o jovem e o adulto de um futuro próximo	
Oração do Mestre	173

Apresentação

Após anos de evangelização infantil na posição de participantes dos grupos de juventude, semelhante a muitos irmãos e irmãs no curso da jornada evolutiva percebemos a riqueza das histórias contadas por Jesus eternizadas no Livro da Vida: o Evangelho. Consultando obras esclarecedoras, exemplificadoras e desmembradas deste registro milenar, coletadas neste ou naquele país através da mediunidade de espíritos sábios e benevolentes, encontramos exemplos vivos da grande mensagem, propagando com grande sucesso as obras do bem e do amor sobre o planeta. Ao estudar longa e detidamente as histórias salvaguardadas por todos esses autores, da Bíblia Sagrada em diante, percebemos a possibilidade de recriá-las, preservando, obviamente, a essência cristã de cada parábola. Fizemos uma transposição para contextos, ambientes e linguagens mais conectadas com meio infantil e o mundo jovem da atualidade fidelizando novos textos às velhas máximas e decidindo, por nossa vez, reunir este esforço despretensioso em o Livro dos Exemplos, livro este que foi objeto de variadas e pormenorizadas revisões até encontrar a sua última versão.

Cabe destacar ao leitor atento, preponderantemente voltado à crítica e com intenção de contribuir com o aperfeiçoamento deste trabalho, que o Livro dos Exemplos é perpassado pelos princípios e fundamentos da reencarnação, progressão e evolução dos seres inteligentes da criação, das Leis Universais criadas por Deus e organizadas didaticamente por Allan Kardec em sua codificação. Evidenciamos às crianças e aos jovens tais verdades, sem perder de vista a certeza e a concretude dos direitos de segurança e proteção, liberdade, dignidade e lazer, bem como tantos outros cuidados necessários para com o espírito em fase infantil, experimentador da adolescência e a caminho da consolidação dos mais nobres projetos na fase adulta.

Dentre tantas questões levantadas abordamos em detalhes a delicadeza e a problemática da herança selvática oriunda do instinto de conservação e do egoísmo histórico, propomos reflexões acerca das manifestações de violência, do orgulho superdimensionado, das crueldades, das indiferenças, a intolerância, a inconsciência de si, do outro, a inconsciência perante as Leis de Deus e tudo o mais que ordene os atos de desamor em nosso tempo, impedindo o estabelecimento da paz sobre a Terra e algemando corações aos tristes campos da amargura...

Por essas e outras escolhas o livro apresenta possibilidades, potencialidades, caminhos transformadores, bem como responsabilidades possíveis e passíveis de serem apreendidas, movimentadas e sentidas desde tenra idade, obviamente sob o cuidado e amparo da família, dos centros educativos, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público, que devem possibilitar às novas gerações de reencarnados todo o ensino, estrutura e exemplificação para a concretização do mundo que sonhamos, onde o amor e a sabedoria serão os guias fundamentais para a vitória da felicidade.

Em cada personagem deste livro, cada protagonista de ensinamentos, autores dos mais diversos exemplos e ponderações cristãs, vemos manifestada a presença de Deus, ora intervindo mais diretamente, muitas outras trabalhando por meio das pessoas para ajudar as próprias pessoas, estejam elas distantes ou em processo de distanciamento perante as suas leis.

Outro detalhe digno de nota: ao encontrar semelhança na sequência e na estrutura dramática de alguns capítulos os leitores poderão notar o cuidado dos autores em apresentar nuances e problemáticas diversas relacionadas a um mesmo tema, demonstrando certas sutilezas, perspectivas que se complementam ou divergem dependendo da situação e da lição apresentada.

O Livro dos Exemplos, acreditamos, poderá contribuir com os núcleos evangelizadores interessados em seu conteúdo; poderá auxiliar os ninhos domésticos nas questões do dia a dia; poderá ser usado como fonte de reflexões para auxiliar as reuniões do “Evangelho no Lar”; poderá ser adaptado a meios e contextos educativos diversos; poderá ser ampliado pela ação coletiva e a Caravana da Fraternidade, etc., etc., etc. Poderá chegar bem perto de você, tornar-se um amigo de cabeceira, a oferecer leitura edificante e um pacote completo com uma boa noite de sono mais a prática renovadora do dia seguinte. Temos histórias para crianças, histórias para jovens, para crianças que gostam de contos mais juvenis, para jovens que gostam de acompanhar e aprender com as histórias das crianças, textos para todos os adultos do presente e do futuro.

Aos evangelizadores, pais, responsáveis, pessoas de boa intenção e comprometidos com o trabalho digno dedicado à causa, desafiamos abordarem estas histórias utilizando suas próprias potências criadoras! Se lhes aprouver, adaptem da forma mais cativante que encontrarem, resumam os textos se precisarem, transformem em arte, em teatro...

Entretanto, não esqueçam de manter a força das mensagens na apresentação dos contos, e na opção de materializar a técnica de “Contaçon de Histórias”, desafie-se a verbalizar mudanças de tonalidade, volume de voz, realçar e destacar nuances emocionais em determinados trechos das narrativas, usando da interação com o público na clara intenção de fazer saltar a imaginação às telas mentais realistas e potencialmente transformadoras. Importante apontar outra nuance: da mesma forma como acontece com os adultos, algumas crianças e jovens têm dificuldades de acessar automaticamente as definições de vocabulário ou entender plenamente o teor de algumas palavras. Nomenclaturas ligadas a valores cristãos, por vezes, precisam ser melhor explicadas. Por exemplo, nem todos têm clareza das definições ligadas ao que seja benevolência, indulgência, a própria humildade, compaixão, o que é misericórdia, autoestima, assim por diante, todas essas palavras presentes no livro. Pedimos, então, aos contadores e multiplicadores dessa ideia o cuidado em apresentar e explicar as definições do dicionário, obviamente quando acharem necessário. E a você leitor direto, sem intermediários, também solicitamos o espírito de pesquisa e autonomia no sentido de consultar os dicionários.

Nossa intenção, enquanto autores de projeto tão amado, é contribuir humildemente com a construção do Reino de Deus nos corações espirituais dos seres humanos. Outrossim, pedimos uma vez mais a contribuição de quantos puderem e quiserem nos contatar com a boa intenção de melhorar, corrigir e aperfeiçoar a obra. Nas primeiras páginas colocamos à disposição os meios de comunicação.

Que o Divino Mestre continue nos abençoando e
inspirando por meio das suas eternas histórias!

Lavinia & Liam.

Jesus no Lar



Toda semana a família de Talles se reunia na mesa da sala para orar e ler um trecho do Evangelho, iniciando o estudo edificante guiado por livros de aporte, outros livros escolhidos no intuito de ajudar a entender cada ponto da palavra sagrada. O dia escolhido era Domingo e o horário de início às oito da noite, mas toda vez que iniciavam o seu momento em família aparecia alguém no portão e pedia a permissão de acompanhar os estudos sagrados. Eram tios, tias, primos, primas, conhecidos, vizinhos e seus amigos mais próximos, pessoas interessadas em acompanhar esta escola familiar de bons ensinamentos.

As energias do ambiente eram tão boas e atrativas que, depois de alguns meses na mais honesta e correta dedicação, aplicando o cuidado, o amor e a fidelidade ao estudo do Evangelho, a notícia já havia corrido por toda a comunidade, pois só se falava bem dos ensinamentos assimilados na casa de Talles junto aos seus parentes. A boa nova foi espalhada pelos próprios participantes do pequeno encontro. A partir daí começaram a

aparecer outros vizinhos, amigos dos vizinhos; depois amigos dos amigos dos vizinhos, todos interessados em aprender as lições do livro Divino. E a cada encontro aumentava o número de pessoas pedindo um lugarzinho na reunião. Entretanto, Talles, o menino mais novo da família, meio egoísta, meio inconsciente, inocente, sem entender bem o que estava acontecendo, comentou com os pais em uma tarde de Domingo momentos antes de chegar o primeiro visitante para o “Evangelho no Lar”:

— Mãe, pai, aquela gente vai vir novamente? Eu não quero eles aqui! O Evangelho é só para a minha família. Já têm muitas pessoas, não cabe mais ninguém na nossa casa!

Dona Lurdes, muito sensível e inteligente, perguntou a Talles:

— Me diz uma coisa, filho! Quando chega aquela hora do dia em que de você pode jogar videogame, depois do dever de casa, o que você faz?

— Ah, eu chamo os amigos e vizinhos para jogar comigo. A gente faz torneios de futebol, de skate, de surf, tudo no comando do videogame.

— Hmmm, e qual a primeira coisa que você faz quando quer tomar banho de piscina?

— Grito para os amigos das redondezas virem brincar na água, junto comigo.

— E quando quer montar cenários de cidades e estradas com as pedrinhas do quintal, para brincar com a sua coleção de carrinhos?

— Aí eu convido a galera e todos vêm me ajudar e nos divertimos muito. Sabe, eu empresto todos os meus carrinhos!

— Verdade, e a mãe sempre prepara um lanche saboroso para todos os seus amigos, não é mesmo?

— Sim, bem gostoso!

— Pois é, se a gente recebe com tanta amizade e alegria as crianças que vêm brincar na nossa casa, porque não receber, com a mesma alegria, as pessoas interessadas em aprender os segredos do Evangelho de Jesus?

— Hummmm, é mesmo, mamãe, não tinha pensado nisso!

— Todos têm essa mesma sede de aprender a Boa Nova, e juntos aprendemos mais e mais rápido, pois cada um pode contribuir com o que sabe e também com o que não sabe, fazendo perguntas e propondo respostas para o grupo.

— A Senhora está certa, mamãe! Me desculpa?

— Tudo bem, meu filho! Que bom você ter entendido!

A noite daquele Domingo estava bela, linda, cheia de estrelas e com uma lua exuberante. As luzes do céu pareciam sorrir. Certamente acenavam felizes para o “Evangelho no Lar” que ocorria na casa do menino. A prática continuou ganhando popularidade. Decorridos alguns meses nascia na região um Centro Religioso de estudos cristãos, fundado por Talles, a sua família e inúmeros amigos. Entre os ajudantes da casa, em caráter voluntário o próprio menino, recepcionando os frequentadores entre sorrisos e votos carinhosos de uma “Boa noite de estudos!”

O Talismã



Raíssa encontrava-se fascinada pelo seriado da TV. Era sobre uma garota e o seu talismã superpoderoso. O amuleto tinha poder de criar e materializar coisas maravilhosas e surpreendentes. Com ele Lara Kim visitou pirâmides, teletransportou um foguete para a Lua, montou em um cavalo voador, flutuou no oceano ao lado das baleias Jubarte, construiu uma cidade acima das nuvens. Lara Kim, com seu talismã, podia inventar e fazer aparecer qualquer coisa que a imaginação pudesse alcançar. Raíssa acreditou tanto em Lara e no poder do talismã a ponto de pedir um exatamente igual para a mãe.

— Mãe, mãe, mamãe?!

— O que foi, filha?

— Mãe, compra para mim o Talismã da Lara Kin? Compra, mãe? Por favor!

— Hmm, o talismã daquele seriado?

— Sim, sim, isso mesmo!

— Sente aqui, minha filha! ... Eu conheço um talismã cem mil, ou melhor, um milhão de vezes maior e mais poderoso que o da Lara Kin?

— Sério, mãe? Então me fale, fale logo! Que talismã é esse?

— Ah, este talismã materializa força-vital, deixa você superinteligente, faz o seu coração brilhar de amor, de saúde e de paz. Com ele você poderá entender as pessoas, descobrir a arte e a ciência do bem-viver; por meio dele entrarás em conhecimento e contato superior com as coisas sagradas e as verdades divinas; aprenderás o caminho da sabedoria, recebendo nas mãos sementes de alegria para espalhar por toda a Terra. Este talismã vai enriquecer a tua vida e te colocar em contato direto com Deus.

— ÓÓÓÓÓHHH, PUUXAA VIDA, EU QUERO, EU QUERO, EU QUERO ESSE TALISMÃ, MAMÃE!!! QUANTO CUSTA? VOCÊ VAI COMPRAR? QUANDO? EM QUE LOJA, EM QUAL LOJA?

— Não custa nada e não tem loja que o venda!

— O QUÊ?!!! MAS, MAS... COMO EU VOU?...

— Como vai ganhar esse talismã? — perguntou Dona Serena.

— Sim, como eu posso? Estou confusa!

— Você já ganhou! Este bendito talismã, Raíssa, é de todo mundo, está em todos os lugares, em todos os momentos da sua eternidade. O talismã do qual a mamãe fala é o tempo, a hora que vivemos, o agora. Sim, este momento! Aproveitando o tempo e cada minuto da sua vida para estudar, adquirir sabedoria e praticar o Evangelho você irá conquistar e sentir pulsar no seu interior poderes maiores e mais poderosos do que os Lara Kim e seu amuleto.

— QUE LEGAL, MAMÃE! O TALISMÃ DO TEMPO E SEUS PODERES “MEGA MÁSTER”!

Dona Serena sorriu, abraçou a filha, foi até a gaveta da cômoda mais próxima e retirou uma caixinha de joias. De dentro da caixinha puxou pequeno colar com um pingente em forma de relógio. Pendurando no pescoço da filha, concluiu:

— Esse presente foi minha mãe, a sua avó quem me deu. Agora ele é seu, para lembrar da nossa conversa neste dia e hora tão importante da nossa história.

Raíssa dava pulos de alegria. Que lindo talismã! Que simples e tão poderosa verdade! Por que não havia pensado nisso antes? O tempo! Sim o tempo...

Os Instrumentos da Mudança



Os tempos andavam difíceis para Kaio e Maria Alice, dois irmãos residentes em determinada região de uma grande cidade. Você poderia supor o porquê de tempos assim? Os dois, simplesmente, não se entendiam. Toda vez que se dispunham a brincar juntos surgia uma confusão daquelas. Maria queria tudo perfeito, cheio de detalhes, do jeito dela; Kaio era teimoso e super mandão, era totalmente contrário às vontades da irmã. Num certo momento do dia ela corria aos pais e reclamava:

— Mãe, mãe, pai, o Kaio não sabe brincar! Ele não faz nada do que eu digo! Só quer mandar! É um chato de “galocha”!

Outra hora era Kaio quem corria para dedurar a irmã:

— Pai, pai, mãe, a Alice não deixa a gente brincar do jeito que eu gosto! Precisa ser tudo como ela quer! Nunca mais vou brincar com essa chata do tempo dos dinossauros! — exclamou o menino bufando de raiva.

Aquelas briguinhas já haviam atingido o limite. Estava na hora dos pais entrarem em ação e ensinarem aos filhos como resolverem seus próprios conflitos e os problemas da relação. Na próxima corrida de Alice para acusar Kaio a mãe sentou-a em seu colo e, acalmando a filha por meio de afetuosos carinhos, falou com doçura:

— Alice, minha filha, as pessoas com as quais nascemos e convivemos aqui na Terra, por exemplo o Kaio, são instrumentos de Deus na nossa evolução. Com ele você pode aprender a fazer o bem, amar o próximo e construir uma relação de amizade. Ora, quando vocês estão brincando, se ele te fizer algum mal, transforme esse mal em coisas positivas! Utilize o carinho, palavras doces e calmas, amizade, e combine com ele o que irão fazer. Cada um pode ficar com uma parte e certo momento da brincadeira. Se fizer dessa forma garanto, vai dar tudo certo, e não haverá mais tantas brigas ou reclamações!

— Tá bom, mamãe, eu vou tentar! — respondeu a menina um tanto descrente.

E quando Kaio apareceu enfurecido, a boca cheia de reclamações contra a irmã, foi a vez do bondoso pai esclarecer:

— Kaio, filho, sente aí no sofá! Deixa o pai te contar uma coisa! Preste muita atenção porque é um segredo!

— Um segredo? — perguntou o menino curiosíssimo.

— Sim! Sempre que alguém nos chateia, nos incomoda ou vai contra as nossas ideias, há aí uma lição escondida. Precisamos decifrar a charada. Você deve aprender a tratar bem sua irmã; se ela é difícil, não precisa brigar por causa disso! Conversa com a “mana”! Tenta fazer um acordo, olhe bem! Algumas vezes ela pode e deve comandar a brincadeira. Isso é bom para os dois. Veja como é aqui em casa! O papai e a mamãe dividem as tarefas: ela faz a comida, eu lavo a louça, ela seca; eu varro o chão, ela lava e estende a roupa; eu recolho, dobro, guardo e assim por diante. Ninguém fica chateado e a nossa relação é sempre cheia de paz e de amor.

— Puxa vida, pai, eu acho que entendi essa charada! É só dividir: um pouquinho eu, um pouquinho ela em cada brincadeira! Achei legal fazer deste jeito. Vou tentar!

E não é que deu certo? Voltando os dois para brincar, num determinado momento Kaio orientava quais seriam as regras:

— Agora vai ser assim: o pneu vai ficar aqui, a estrada dos carrinhos vai seguir até o canto do muro, o centro da cidade vai ser nesse lugar, a casinha de madeira é a creche, você a professora e ali é o hospital! Eu sou um caminhoneiro!

Noutro momento a irmã comandava:

— Agora a casa de bonecas é o hospital, dentro do pneu é o shopping, lá no canto é o chuveiro da praia, e a praia vai ser bem aqui, no meio do pátio, onde tem esta areia que sobrou da obra do papai; eu sou a prefeita da cidade e você é o salva-vidas!

Em outra brincadeira, um pouco mais adiante, Alice dizia o que queria e como queria os elementos, bem do seu jeitinho, é claro. Kaio aceitava e contribuía com uma ou outra opinião para melhorar o projeto da irmã. E a irmã aceitava as sugestões.

— Mano, eu quero a Boneca grande sentada nesta cadeira, longe da janela, para não tampar o vento. Nossa casinha de bonecas é muito quente! Sente você aqui e espere a refeição! Coma devagar, mastigue bem! Não, Kaio, não ponha a pedra na boca, é de mentirinha! Tome, tome o suco de abacaxi! Fiz com água lá da torneira!

Um tempo depois Kaio ordenava uma segunda vez como queria a brincadeira, em que lugar ficaria cada objeto. Maria Alice aceitava tranquilamente e acrescentava seu toque de menina detalhista.

— Alice, vamos tirar a mesa para lanche na frente da casinha; aqui vai ser a festa do Dia das Crianças!

— Mas ainda falta um mês para o Dia das Crianças! — disse Alice.

— Não tem problema! — respondeu Kaio. — Vamos fazer duas festas! Na verdade, não! Aqui não vai ser o lugar da festa: mudei de ideia! A casinha de bonecas será a vendinha dos doces! Por favor, irmã, vai lá fora comprar alguns brigadeiros, eu vou ser o porteiro da festa!

Alice achou alguns doces de mentirinha, coquinhos das palmeiras recolhidos pelo chão do quintal. Logo em seguida ofereceu a Kaio.

— NÃO É PRA COMER, KAIO! É DE MENTIRINHA! — exclamou a menina.

E assim os irmãos iam brincando, rindo, se divertindo, dividindo as posições de comando nas brincadeiras, criando regras e combinados, atividades em conjunto na mais bonita paz de espírito. Quando terminou o dia de brincadeiras ambos voltaram para dentro de casa unidos pelo ombro, feito bons amigos de velhos tempos. Curiosa, Maria e Kaio procuraram os pais para perguntar de onde vinham aqueles ensinamentos transmitidos horas antes. A mãe adiantou em dizer:

— Os ensinamentos captados pelos dois foram materializados na Terra por um grande mensageiro de Deus, alguém que viveu por essas paragens há mais de dois mil anos.

Kaio empolgou-se na revelação:

— AH, ESSA EU JÁ SEI! É JESUS, É DE JESUS QUE MAMÃE ESTÁ FALANDO, O MESTRE DOS MESTRES!

Jesus Explica



Naquela noite Riam voltava da evangelização mais quieto do que de costume. Ele olhava pela janela lateral do carro a procurar alguma ideia consoladora no céu estrelado. O pai do menino estranhou o silêncio e perguntou:

— Filho, conte para nós, como foi a evangelização?

— Ah, pai, foi muito forte!

— Como assim forte?

—Eu to pensando... Jesus diz pra gente não ficar muito conectado e grudado com as coisas do Planeta Terra, assim, como posso dizer, apegado. A evangelizadora explicou que não é bom ficar viciado no celular, no computador, no videogame, no carro que a gente tem, nos bens materiais, essas coisas. O pior é aprender e não ter ciúmes de toda essa matéria. Eu não quero perder essas coisas, nem dividir meus brinquedos, meus jogos, minhas roupas e tênis caros, meus pertences, não quero dividir com ninguém! É tudo meu, meu, só meu!

Seu Antônio aguardou uns minutos em silêncio esperando a raiva passar, pouco tempo depois, vendo Riam ainda um tanto indignado, conversou:

— Filho, Jesus também explica uma coisa muito importante e sábia! Fala pra mim: o que você mais gosta de fazer quando está em casa?

— Brincar com meus carrinhos de ferro super coloridos. O pai já sabe.

— O pai sabe. E o que aconteceu com aquele seu carrinho preferido que ficou jogado na rua por muitos dias?

— Ele enferrujou por causa do tempo!

— Então, é a mesma coisa com os ensinamentos de Jesus. O egoísmo enferruja a alma. Se queremos aprender bem certinho, bem direitinho a verdade do Grande Mestre, precisamos cuidar para não enferrujar o coração com o sentimento de apego, de ciúme, de inveja, negando o amor e a solidariedade aos nossos semelhantes. Entendeu?

— NÃO SEI SE QUERO ENTENDER! — respondeu Riam um pouco exaltado.

— Se deixar o carrinho do seu coração jogado na rua do apego logo logo o verá estragado, enferrujado e poderá ser comido pela química do tempo. O egoísmo corrói os espíritos!

Riam, ainda meio triste, perguntou:

— Então onde eu guardo o carrinho do meu coração?

— Você não guarda! Você coloca ele a caminho de Jesus, do bem, da caridade, da solidariedade!

— E o que tem no final desse caminho?

— Não só no final, mas ao longo de todo o percurso. O que tem para você é a felicidade!

— Mas, pai, como a gente faz para todo esse egoísmo ir embora?

— Jesus explica, Riam! Jesus explica! Precisamos ter paciência e aplicar a força de vontade, trabalhando por se desfazer do egoísmo dia a dia, pouco a pouco. Impossível melhorar tudo de uma vez! Mas com um tanto de trabalho e dedicação o seu carrinho interior vai ficar ultra turbinado, sem nenhuma ferrugem, e mais!, uma tinta nova poderá surgir, a tinta mais bonita do Universo!

— Que tinta é essa papai?

— A tinta pura do amor!

— Óóóhh, mas isso é muito “manero”, muito “massa”! Gostei, heim?! Gostei de saber! — respondeu o menino todo satisfeito.

Riam entendeu perfeitamente a lição. O pai se afastou e o deixou em silêncio, para pensar e encontrar suas próprias conclusões. Terminada a assimilação de todas as possibilidades diante de um trabalho transformador, o menino mostrava-se empolgado com o futuro. Queria transformar não somente um, mas todos os carrinhos interiores em verdadeiros possantes do amor.

Lição da Natureza



Kindim era filho de Seu Fidalgo e Dona Amélia: ela uma modesta dona de casa; o pai um singelo jardineiro da escola municipal. Kindim estudava no mesmo lugar em que Seu Fidalgo trabalhava. O pai cultivava os jardins e pequenos bosques da instituição. Havia Figueiras, Flamboiãs, Amendoeiras, canteiros com flores típicas da estação, trepadeiras abraçadas em Arcos de ferro formando bonitos portais e desenhos de animais formatados pela tesoura artística do jardineiro.

Esta família era muito simples, vivia com pouco dinheiro, resultado da soma entre os salários do pai e da mãe do garoto. Muitas vezes passavam por dificuldades financeiras, entretanto, apesar da situação, todos os espíritos daquele núcleo familiar mantinham a gratidão e satisfação pela vida abençoada que possuíam. Nesta casa estavam presentes duas virtudes das mais valiosas: a “fé que remove montanhas” e uma imensa capacidade de amar o semelhante.

Aproveitando o trabalho na mesma escola, o velho pai costumava observar Kindim quando este saía da sala de aula, principalmente nos dias de Educação Física, onde toda a turma se deslocava para a quadra aberta. E já de algum tempo o velho Seu Fidalgo vinha notando e observando de longe colegas mal-intencionados, insensíveis, zombeteiros, praticando bullying com o seu filho. Podia ouvir, do lugar de onde trabalhava, frases como essa:

— E aí, Kindim, que roupa de mendigo, heim?

— Ow, Kindim, olha só o meu tênis novo: é de marca! Cadê o seu, você perdeu?

— Kindim, Kindim, por que não pede para o seu pai te fazer um boné com as folhas do jardim?

O filho do jardineiro, a princípio, não dava a mínima importância às provocações. Havia aprendido a desculpar os amigos e também os inimigos quando cometiam maldades desse tipo, afinal de contas, nesses momentos lembrava: “Eles não sabem o que fazem!”. Entretanto, Seu Fidalgo vinha percebendo a mudança no comportamento do filho, chateado que estava com tantas perseguições. Ultimamente triste, calado, pensativo, isolado pelos cantos da escola, andava sozinho durante o recreio e a maioria das vezes evitava os colegas.

Por um desses dias mais difíceis o sábio pai convidou Kindim para ajudá-lo no plantio de novas árvores: seria no bosque da escola. Poderiam ir no contra turno, depois das aulas. O menino aceitou satisfeito. Adorava contribuir com a natureza, estar com ela, vê-la crescer, arvorecer, perfumar-se, frutificar.

Plantando novas árvores naquela tarde de céu azul, o pai, em determinado momento, pediu ao filho observasse com clareza o que acontecia de diferente algo distante dali, lá na quadra aberta da escola. A turma do sexto ano fazia Educação Física. Kindim viu e ouviu uma menina da turma receber de alguns colegas diversas provocações e palavras agressivas, muito parecidas com àquelas que ele mesmo sofria todos os dias no período da manhã. Todavia, este professor encontrava-se mais atento e, rapidamente, o bullying foi desfeito através da autoridade adulta.

Seu Fidalgo, então, direcionou o olhar do menino para algo surpreendente e que ocorria bem ali, na frente dos dois, mais abaixo, escondido sob folhas secas caídas pelo chão. Pediu para Kindim abaixar-se junto com ele. Deixaram as ferramentas de lado e remexeram o local utilizando as mãos. Embaixo de grandes folhas, algumas já em estágio inicial de decomposição, crescia pequeno pé-de-árvore do tamanho de um dedinho da mão.

— Filho, agora me escute com atenção! — exclamou Seu Fidalgo. — Se a gente deixar essas folhas pesadas em cima desta pequenina muda ela poderá sofrer com o seu peso, mas você também sabe: ainda assim irá crescer e superar os desafios da natureza,

pois ela já nasceu, já vive e sobrevive, mesmo estando pressionada por grandes folhas secas caídas pelo chão.

— Mas, pai, ainda assim, com essas folhas pressionando, a mudinha poderia morrer sufocada?

— Se morrer é porque foi fraca e a terra onde nasceu ou a própria raiz tinha pouca força! Você está me entendendo?

— Mais ou menos, pai!

Seu Fidalgo continuou:

— Por que, meu filho, por que este pezinho de árvore está vencendo as folhas que tentam impedir de viver?

— Porque teve força suficiente para nascer e busca incansavelmente alcançar o céu azul e a luz solar.

— Você é um filho muito inspirado. Agora escute-me com atenção! Esta árvore que começa a crescer é você, as folhas pesadas são os seus amigos malvados. Continue fazendo o bem e resista às provocações! Finque suas raízes na terra da fé e do amor; continue perdoadando quem te faz o mal e procure ajudá-los no que for possível!

— Mas por que fazer isso, meu pai? — perguntou Kindim algo triste.

— Porque se fizer dessa forma Deus vai te ajudar a alcançar o céu e a luz espiritual, e será um progresso muito mais rápido e verdadeiro do que as folhas secas que procuram te impedir de crescer. Tais folhas ficarão pelo chão esperando o tempo fazê-las adubo. Só então darão um novo sentido às suas existências!

Kindim sorriu e exclamou satisfeito:

— Entendi, meu pai! Entendi!

Mais contente e pacificado, o filho continuou a ajudar o pai no cultivo e limpeza do pequeno bosque. Seu olhar, vez em quando, procurava por entre os galhos mais altos a luz brilhante do céu infinito. Uma semana depois, vendo continuar a perseguição e o próprio filho procurando ser mais amigo, compreensivo, compassivo, ajudando, tentando convencer os colegas a pararem com os ataques, Seu Fidalgo conversou com a

Diretora da escola e todos os adultos responsáveis foram chamados para dar explicações e ajudar a resolver o problema.

O Grande Líder



Um grupo de amigos e amigas costumava se reunir toda tarde depois das aulas e do dever de casa em uma pracinha do bairro. Lugar cheio de possibilidades para movimentar ideias e brincadeiras. Ali havia montado um parque com escorregadores, balanços, gangorras, gira-giras, dois cavalos de mola e uma casinha da árvore elevada a poucos metros do solo. Todos os espaços vagos do bonito ambiente eram preenchidos com árvores de diversos tipos e sombras, flores de diversas cores e perfumes, gramados em vários corredores e, no centro de tudo, via-se erguer pequeno labirinto mantido em pé com um tipo de planta que cresce grudada uma na outra. Aqui e ali bancos aguardando o descanso das pessoas e mesas com acentos de cimento convidando à reunião de amigos para um bom papo. Ao lado da pracinha havia uma floresta de mata nativa ainda preservada e guardada por uma cerca de arame.

Naqueles tempos este grupo de amigos enfrentava uma série problemas bem delicados, muitos desentendimentos, briguinhas por quase nada, discussões sobre essa ou aquela brincadeira, etc., etc. Por conta do drama alguns encontros, vez em quando, eram suspensos ou só tinha metade da galera, porque a outra metade ficava em casa chateada e alimentando as mágoas.

Ao assistir determinada notícia na TV sobre democracia e lideranças, uma nova integrante do grupo, chegada recentemente com a mudança, teve um daqueles momentos de luz e de grandes ideias. Ficou super empolgada e mandou, imediatamente,

mensagens para todos os amigos não deixarem de ir na pracinha no dia seguinte. Quando o dia chegou e todo vieram ao seu encontro ela compartilhou no grupo uma ideia que os adultos movimentavam na sociedade do seu tempo:

— Pessoal, escutem só! E se a gente fizer como no mundo dos adultos? Vamos escolher um líder para ajudar o nosso grupo, escolher por meio do voto! Aquele que tiver mais votos assume o compromisso de decidir, ter a palavra final e ajudar quando a gente se dividir ou começar alguma confusão. Pode ser?

— Pode ser! — responderam todos.

Eles então escolheram duas crianças entre as mais preferidas e colocaram elas na possibilidade de escolha. Foi votação aberta, todos saberiam quem votou em quem: só levantar a mão. Escolheram Ákilas para ser o primeiro líder.

Tão logo Ákilas percebeu que todos procuravam ouvir os seus conselhos e aceitar suas decisões, começou a agir com um jeito muito Ákilas de ser. Por exemplo, todos correram para brincar no escorregador. O novo líder mandou pararem:

— PAREM! PAREM! Primeiro eu! Primeiro eu devo subir as escadas! Vou descer na frente de todos!

Ninguém entendeu muito bem essa ordem, mas obedeceram. Depois foram aos balanços.

— PAREM! PAREM! — gritou Ákilas. — Eu escolherei primeiro qual é o balanço do líder, e vou ficar com este, o melhor, esse que tá bem firme, novinho e pode ir bem alto!

Algumas crianças do grupo ficaram irritadas, mas todos aceitaram, naquele momento, deixar o melhor balanço para o líder. Então alguns deles decidiram ir no giragira. O líder viu a correria e pulou do balanço gritando alto:

— PAREM, PAREM JÁ! PRIMEIRO EU! PRIMEIRO EU SUBO NO GIRAGIRA!

Foi a gota d'água. Começou uma discussão daquelas. Todos se juntaram contra Ákilas e aquela atitude estranha, louca e egoísta. Ele rebatia as reclamações dizendo:

— EU SOU SEU LÍDER! EU FUI ELEITO POR TODOS! É MEU DIREITO!

Um amigo mais exaltado exclamou:

— SEU DIREITO ERA NOS AJUDAR A MANTER A PAZ! SEU DIREITO ERA SER AMIGO E TRABALHAR PELO BEM DE TODOS!

Vendo que a confusão aumentava a mesma menina que deu a ideia da votação chamou Ákilas num canto para conversar. Sentaram num banco isolado da pracinha e conversaram por uns dez minutos, até o menino aceitar a nova proposta. Quando voltaram Ákilas pediu fosse escolhido outro líder para o seu lugar. E o grupo resolveu pelo candidato que havia perdido a votação momentos antes, mas que ainda era um dos mais preferido. Samuel assumiu a liderança. Tudo certo novamente, Maria teve uma ideia:

— Ei amigos, por que a gente não brinca lá na graminha de virar estrela e plantar bananeira?

Samuel rebateu:

— Não, não, não!

— E por que não? — perguntou outro amigo.

— Por que essa ideia não foi eu que bolei! Brincamos outro dia quando eu lembrar da brincadeira!

Bernardo exclamou exultante:

— JÁ SEI! VAMOS BRINCAR DE PEGA-CONGELA! Os bancos são a “barra”!

— NEGATIVO! — disse Samuel. — Vamos esperar eu ter alguma ideia! Depois brincamos disso aí que você falou!

Amanda começou a sugerir:

— E O LABIRINTO? NÓS PODEMOS...

— ESPERA! ESPERA! — exclamou o líder. E o próprio Samuel continuou— JÁ SEI, TIVE UMA IDEIA! VAMOS BRINCAR NO LABIRINTO!

— Mas eu ia falar! — rebateu Amanda.

— NEGATIVO! — continuou Samuel. — Essa grande ideia é minha, só minha! Viram? Sou mesmo o máximo!

Depois dessa fala arrogante começou outra discussão e agravou-se o conflito, uns defendendo Samuel, outros irritados por ele agir de um modo estranho, louco de vaidade. Resumindo, precisaram sentar novamente no grande círculo e decidir quem assumiria a liderança.

Muita conversa, dúvidas e novas ideias, acabaram sem ninguém para escolher. Não havia um outro amigo mais preferido pela maioria. Dado o impasse alguém sugeriu:

— Por que não votamos para líder aquela que nos deu a ideia? Vamos escolher a Kiara para o cargo!

Ela até quis recusar, mas todos concordaram, insistiram e, como foi ela que deu a ideia, agora era a sua vez de comandar. Diferente dos outros líderes Kiara era, de todos, a mais tranquila. Apareceu no grupo fazia pouco tempo, quando mudou para o bairro com a sua família. Nem sempre aparecia na pracinha, porque seus pais não a deixavam sair todas as tardes. Apesar do pouco contato, antes mesmo de ser líder, quando ela aparecia vinha sempre com um sorriso no rosto, muita alegria e cuidado no falar, para não ofender os amigos, gentilezas de sobra e uma grande compreensão no olhar. Surgia uma confusão e lá estava ela, tentando acalmar os ânimos e manter o clima da boa convivência. Uma vez chegou a levar uma tapa sem ter culpa da briga. Só estava tentando separar.

Assumindo o cargo de líder pôs logo em movimento as ideias de Maria, de Bernardo e de Amanda. Brincaram de virar estrela, bananeira, pega-congela, o desafio do labirinto e ainda convidou todos para brincarem de “O Rei ou a Rainha mandou buscar”: a casinha da árvore era o castelo.

Kiara deixava todos brincarem ao mesmo tempo e em todos os brinquedos. Quando surgia uma confusão aqui e ali por não ter balanços ou gangorras suficientes para todos, ela combinava a ordem de cada um aproveitar os brinquedos, garantindo diversão e bem-estar sem deixar ninguém de fora. Novas ideias apareciam no meio do grupo e, se eram boas, poderiam todos participar, não gerassem perigo, Kiara autorizava, apoiava e se divertia junto com a galera. Todas as tardes, antes de iniciar as atividades na pracinha, ela os reunia em círculo com o intuito de movimentarem e discutirem novas ideias, conversarem sobre as aventuras passadas e rirem das atrapalhadas e dos tombos. Sempre que necessário sentavam todos juntos a um amigo ou amiga do grupo para ouvirem seus problemas, acalmarem as suas tristezas (todos nós passamos por

momentos difíceis na vida), dando o apoio preciso e abraçando a situação do companheiro com palavras de carinho. Além disso Kiara criou o Momento do Piquenique. Cada integrante levava alguma coisa de comer ou beber para os encontros da tarde. Quando chegava o horário marcado, a turma se reunia no gramado e, sob a sombra de uma grande árvore montava o lanche coletivo. Era impressionante notar a evolução e o bem-estar causados por uma liderança humilde, solidária, generosa, amiga, preocupada com a felicidade dos semelhantes.

Os pais de Kiara, certa feita, ouviram dos lábios de uma família vizinha comovido agradecimento por todo o bem que a nova líder estava proporcionando aos seus filhos e a todas as crianças da pracinha. Sensibilizados, os pais de Kiara começaram a prestar maior apoio ao compromisso da filha. Agora a grande líder dificilmente faltava aos encontros da tarde, somente em dias de chuva e por causa de uma ou outra doença mais delicada. Naquele ambiente de amor e prosperidade ela construiu laços de respeito, promoveu a solidariedade e a paz entre todos, criando uma linda jornada, quem sabe digna de uma história, quem sabe registrada no Livro dos Exemplos.

Ajudar te Salva dos Perigos



Clara Luz e Otávio moravam no sítio, lugar onde as famílias dedicavam suas forças para tirar o sustento da vida através do trabalho com a terra. Eram primos e residiam um ao lado do outro. Adoravam brincar no imenso pasto do Vô Olegário, lugar cheio de gramas verdejantes e árvores frondosas, belas trilhas, pontes de madeira, grandes pedras e um belo rio que cortava a imensidão dos campos. Os primos também gostavam muito de andar de bicicleta e sentir a brisa do campo, o cheiro da floresta, o frescor das manhãs e os raios acolhedores do sol cintilante brilhando logo acima das montanhas. Por vezes saíam para passear na casa de amigos e de outros parentes, voltando somente quando o sol avisava a noite próxima.

Certo dia, ao saírem para dar uma volta, perceberam um caminhão de mudança estacionado no outro lado da rua. Acabara de chegar uma família de outra cidade, pessoas que herdaram o terreno e a modesta casa do local. A filha dos antigos e já falecidos agricultores, seu marido e uma filha pequena chegavam para morar e passar um tempo. No meio de toda aquela movimentação surgiu de relance a menina morena, de olhos negros e cabelos castanhos, mais ou menos da mesma idade de Clara e Otávio.

— Venha, Clara! — exclamou Otávio. — Vamos logo, a tia Sara está esperando!

Os primos deixaram a curiosidade de lado e partiram em disparada. No fim da tarde, quando chegaram em casa, tudo estava calmo, o caminhão havia partido e só era perceptível uma sombra das pessoas movimentando móveis no interior da casa.

Passaram-se dois dias sem qualquer novidade. Na tarde posterior Clara e Otávio tinham pedalado longa distância para brincar com o primo Lucas. Ficariam até o sol se pôr, mas os pais de Lucas alertaram as crianças quando chegaram da lavoura:

— É melhor vocês irem embora! Olha como está o céu! Vejam aquela trovoada se formando no horizonte!

Podia-se ouvir o barulho das nuvens deslocando partículas em choque e tomando conta do céu, avançando na direção dos expectadores. Otávio e Clara saíram às pressas, pegaram as bicicletas com agilidade e partiram em disparada. No meio do caminho avistaram, andando a pé, a menina do dia anterior: a nova vizinha. Ela também caminhava com pressa, é claro, uma trovoada roncando logo atrás dos seus passos. Pela expressão de cansaço parecia ter corrido um bom eito. Clara Luz e o primo passaram por ela sem trocar uma palavra. Alguns metros à frente a prima exclamou:

— OTÁVIO, PARA!

Os dois pararam.

— O QUE FOI, CLARA?

— PRECISAMOS AJUDAR A MENINA!

Nessa hora Eduarda já havia os alcançado. Parou para observar a conversa. Continuou Otávio um pouco irritado:

— Mas se a gente der carona para essa menina não vamos conseguir chegar a tempo, antes da chuva! Podemos nos molhar e pegar uma gripe! Eu não vou ajudar!

— Tudo bem, então, mas eu vou!

— Então tchau para vocês duas! — disse Otávio retomando a bicicleta e saindo a toda velocidade, pedalando desesperadamente.

— Vem, amiga! Sobe, senta aqui no bagageiro! Eu te levo!

Com peso extra, muito vento e a estrada de terra dificultando o caminho Clara Luz ficou mais lenta. Todavia, não desistiu de vencer o percurso antes da trovoada alcançá-

las com os seus pingos gelados. Faltavam duzentos metros para chegar em casa quando as meninas avistaram Otávio logo à frente, caminhando e empurrando a própria bicicleta. Estava mancando.

— O QUE FOI, ÓTAVIO???

— Eu caí! Ralei o joelho! Olha! E a roda da bicicleta entortou, travou. Agora só empurrando.

— PUXA VIDA! — exclamou Clara Luz sem parar de pedalar. — QUANDO CHEGAR EM CASA VOLTO PARA TE BUSCAR!

A poucos metros de casa as duas meninas receberam os primeiros pingos de chuva e logo desabou um temporal. Eduarda pulou da bicicleta, correu para dentro de casa; Clara Luz fez o mesmo, mas entrou rapidamente pela porta da casa de Otávio.

— TIA, TIO, O OTÁVIO CAIU DE BICICLETA! ESTÁ MACHUCADO E NÃO CONSEGUE PEDALAR! ELE ESTÁ NA CHUVA!

Nesse momento da conversa caiu um raio estrondoso, de tremer a terra. O pai de Otávio apanhou rapidamente dois guarda-chuvas e saiu no meio da trovoada. Encontrou o filho perto de casa, todo molhado, tremendo de frio. Deu a ele o guarda-chuva e trouxe a bicicleta nas costas. Otávio chegou e foi rapidamente encaminhado para um banho quente, com o intuito de recuperar a temperatura. Todo o cuidado não evitou o aparecimento de uma gripe forte, febre alta e alguns dias de cama.

Uma semana depois, já recuperado, convidou Clara para novo passeio, dessa vez a pé. Com a bicicleta quebrada era a única forma de se locomover. Foram ver Mateus, convidá-lo para brincar. Ficaram com ele boa parte da tarde. No caminho de volta o céu fechou de repente e começou a despontar outra trovoada.

— Vamos logo, Otávio! A chuva está vindo!

E Otávio falava alto enquanto corriam:

— HOJE NÃO, HOJE NÃO, HOJE NÃO!

De repente surgiu Eduarda no horizonte, pedalando um pouco atrás. Ela vinha rápido com a sua bicicleta. Parou de imediato e ofereceu carona:

— VAMOS LOGO, MAS EU SÓ CONSIGO LEVAR UM DE VOCÊS! SINTO MUITO!

Otávio, cavalheiro, entendendo possuir mais força para correr, mandou a prima subir no bagageiro de Eduarda. As duas partiram rapidamente e chegaram em casa antes da chuva. Otávio corria, corria, e repetia enquanto corria:

— HOJE NÃO, HOJE NÃO, HOJE VAI DAR CERTO!

Nessa hora do “CERTO” começou a chover, e ele disse para si com ar de decepção:

— HOJE SIM! MAS QUE CHUUUUVA FRIIIIAAAA!

Não demorou também chegou em casa, apesar de todo molhado uma segunda vez. Tomou um banho e o chocolate quente da mamãe. Dessa vez teve força e saúde suficiente para suportar o choque de temperatura e não ficar doente com o banho de chuva. Dois dias depois seu pai trouxe a bicicleta do conserto. Feliz com a novidade, gritou para Clara Luz:

— PRIMAAAAA, TO DE BIKE NOVA! VOU CHAMAR EDUARDA PARA UMA VOLTA?

— SIIIMMM! SÓ ESPERA EU ESCOVAR OS DENTES!

— EDUARDA! EDUARDA! — clamou Otávio.

— O QUE FOI?

— VAMOS DAR UMA VOLTA DE BICICLETA. CLARA LUZ VAI TAMBÉM!

— NÃO POSSO AGORA! MEU PAI LEVOU A “BICI” PARA ENGRAXAR! ELA É MUITO VELHA E ONTEM FOI MUITO PESADO DE ANDAR! MAMÃE TAMBÉM PEDIU PARA EU IR COMPRAR QUEIJO NA DONA IVONE! HOJE EU NÃO POSSO!

Um tanto decepcionado Otávio esperou Clara se arrumar e os dois saíram para mais uma visita, dessa vez na casa de Margarida. Quase noite podíamos ver os primos novamente na estrada, e mais uma vez fugindo de uma trovoada que queria pegá-los pelas costas. Ainda longe de casa encontraram mais uma vez a vizinha Eduarda,

correndo com uma peça de queijo embaixo do braço. Otávio se antecipou e exclamou para a prima:

— DESSA VEZ EU AJUDO!

E assim foi. Deu carona na sua bicicleta e os três chegaram em casa sãos e salvos, muito antes dos primeiros pingos da chuva matreira. Quando o sol dos dias conseguiu secar a lama da estrada encontramos os três juntos novamente — Otávio, Clara Luz e Eduarda — cada um com sua bicicleta a caminho de encontrar Lucas e Mateus. Já estava combinado: iriam brincar lá no pasto do Seu Olegário, o avô de Clara e Otávio.

Sabe aquelas trilhinhas de terra firme onde os bois e as vacas formam alguns caminhos por conta de se movimentarem de um lado para o outro ao longo das pastagens? Eram essas as trilhinhas onde as crianças pedalavam, com suas subidas e descidas, curvas que passavam na beira do rio, cortavam pequenas elevações, alcançando grandes pedras compondo a paisagem, com trechos onde rampas naturais se formaram, convidando a pequenos saltos e o frio na barriga. Tudo ia bem, muita diversão e gargalhadas, quando, de repente, Otávio soltou um grito na última posição da fila.

A galera voltou-se para ver o que tinha acontecido. O garoto escorregou e caiu na grama. Não seria nada grave, mas a planta viva no lugar da queda era um pé de Urtiga. Em contato com a pele a Urtiga causa forte sensação de ardor, queimação, inchaço, vermelhidão e muita, muita coceira. Dói, arde muito e como coça!

Otávio não parava de arranhar a perna com as unhas das mãos, e chorava e chorava. Eduarda abandonou a bicicleta. Em silêncio e com muita pressa começou a procurar alguma coisa na barranca do rio. Voltou com uma outra planta nas mãos, tirou as folhas e amassou rapidamente entre os dedos. Todos olhavam curiosos, Otávio coçando a perna cada vez mais forte, a pele do menino prestes a sangrar de tão irritada pelo atrito com as unhas. Eduarda pegou sua garrafa da água, desenroscou a tampa sem retirá-la e apertou para sair algumas gotas. Pingou o líquido nas folhas amassadas e trabalhou a mistura na palma das mãos. Logo em seguida aplicou a pasta esverdeada sobre a perna de Otávio.

— O que você tá fazendo? — perguntou ele.

— Só pare de coçar e espere um pouco! — ordenou ela.

Dentro de instantes o menino parou de chorar e, imediatamente, olhou assustado para os amigos. Falou muito surpreso:

— Pois olha! Não sinto mais nada! Passou toda a coceira, parou de arder.

— Você é uma bruxa? — perguntou Lucas.

— Não! É que meus pais são biólogos.

— E o que isso quer dizer? — questionou Mateus.

— Quer dizer que sabem muito sobre o perigo e o poder curativo das plantas. Mamãe me ensinou esse tratamento. Uma vez fomos caminhar em uma trilha na floresta e também precisei do remédio.

— Que massa! — concluiu Clara Luz mega feliz.

— Agora precisamos levar Otávio para casa e contar tudo aos seus pais. Eles deverão continuar com os cuidados.

Otávio foi pedalando na frente de todo mundo. Pedalava em silêncio. Estava pensando nos acontecimentos das últimas semanas e tentando entender o jogo das circunstâncias. Chegando em casa, quando pôs os pés para dentro pode concluir todos os pensamentos com uma frase mestra que bipava em sua cabeça: “Ajudar te salva dos perigos!”.

A Ajuda Divina



Eleonora morava e ainda mora numa região muito árida do país. Região muito seca, sol o ano inteiro, lugar sofrido, pessoas frequentemente sem água para beber, cozinhar, tomar banho. Na sua cidade, se alguém quisesse saciar a sede, lavar a louça ou fazer qualquer coisa com o líquido sagrado, precisava caminhar quilômetros e ter a sorte de achar um poço onde obtivesse alguns baldes d'água.

Numa tarde de sol escaldante Eleonora recebeu a missão de buscar água na fazenda ‘Santa Ana’. O lugar era longe e a família não tinha carro, moto, bicicleta, qualquer veículo que pudesse adiantar a jornada. Eleonora deveria ir a pé. Consciente da dificuldade de caminhar tamanha distância embaixo do sol escaldante, a menina soltou “Bilu”, o cachorrinho, para lhe fazer companhia, e os dois partiram em busca da sobrevivência. Ao pisar na estrada Eleonora fez uma prece sentida, sincera, com a pureza do coração:

— Deus do céu, por favor, me ajuda a chegar ao destino em segurança!

Poucas palavras e lá se foi saltitando pela estrada árida. No meio do caminho Eleonora resolveu parar e descansar embaixo de uma árvore, a única em todo percurso que fornecia alguns metros de sombra aos viajantes. Bilu, não deixou ela sentar, ele saiu em disparada, correu e correu longe. Para não o perder de vista a menina apressou-se

atrás do animal. Mais à frente, uma sede incontrolável tomou conta de todo o seu corpo. Suada e ofegante resolveu bater na porta de uma casinha dois quilômetros antes do poço. Queria apenas um gole de água, um gole por misericórdia. Contudo, foi ela fazer o pedido para ser expulsa a vassouradas pela dona da casa. A água era um tesouro que, por ali, ninguém queria dividir.

Sem tempo para se queixar, a menina continuou a missão. Mil metros antes de chegar à fonte ela procurou cortar caminho por uma ponte velha, instalada em cima de um rio seco, há muito tempo sem registrar os dons da vida. Entretanto, logo na entrada da ponte escorpiões venenosos circulavam de um lado para outro, aparentemente à procura de alimento. A menina precisou recuar e voltar para o caminho mais longo. Daria uma volta muito maior até chegar ao poço. Depois de tanto caminhar, com os pés cansados, suando e com uma sede de elefante, Eleonora chegou ao seu destino. Ao levantar o primeiro balde bebeu o líquido sagrado e saciou a própria sede. Deu um pouco para Bilu beber. Retornou a enchê-lo e retomou o caminho de volta.

No retorno ela constatou, assustada, que a ponte bloqueada pelos escorpiões tinha caído no fundo do rio seco e se despedaçado em mil partes, estraçalhada, alguns escorpiões estavam mortos. Em pensamento Eleonora agradeceu a Deus por tê-la salvado do acidente. Andando mais um pouco viu a correria e o desespero na casinha onde havia parado para pedir água, a mesma onde fora expulsa à vassouradas. Um homem — parecia ser o pai —, preparava o jumento para levar os dois filhos ao hospital da cidade. Ouviram-se gritos de desespero dos lábios da mãe, afirmando que a água podia estar envenenada. Eleonora agradeceu mais uma vez a proteção Todo Poderoso e pediu misericórdia para as crianças em agonia. Quando a menina se aproximou da árvore onde procurou descanso e não o pode, porque precisou correr atrás de Bilu, viu corajoso fazendeiro tentando capturar uma cobra, do tipo muito perigosa, que dormia no alto de um galho bem acima da estrada. Eleonora olhou em direção ao céu e murmurou baixinho:

— Muito obrigada, meu Deus, por toda a ajuda!

Dentro em pouco ela e Bilu chegaram em casa, são e salvos. Da janela singela a menina meditava nas lições.

— Que surpresa! Muitas vezes, algo que parece ruim e faz nosso caminho mudar quando a gente menos espera, é Deus nos ajudando e protegendo, guiando nossas almas

ao destino. Obrigada, obrigada, obrigada, meu Deus! — repetiu ela antes de abraçar Bilu e sair a brincar de pega-pega-cachorrinho.

Inconstante



Desde muito a pequena Zoe teve problemas com as escolas em que estudava. Logo na primeira encontrou muitas dificuldades para aprender certas matérias. Chateada, reclamou com a mãe, reclamou muito, alegando ser muito duro o lugar onde aprendia as matérias da vida, muito rígido, muitas provas e difíceis. Compadecida, a mãe mudou-a de escola.

Na segunda instituição, ainda nos anos iniciais e nas fases de aprender a ler e escrever, Zoe começou a sofrer perseguições e apelidos de alguns colegas, principalmente porque andava atrasada nos estudos e não conseguia ler direito. Chateada novamente reclamou para Dona Eulália; disse não aguentar mais toda aquela situação. A mãe se prontificou em ir até a escola e resolver o problema, mas a filha estava decidida a nunca mais pisar os pés no lugar. Muito bondosa e, até certo ponto compreensiva, a mãe mudou novamente a filha de escola.

No terceiro colégio, quinto ano, Zoe começou a reclamar, e reclamava e reclamava, porque estava enjoada de estudar no mesmo lugar, muito pequeno para ela e muito chato “dar de cara” todo os dias com as mesmas pessoas. Suas notas começaram a cair, os professores passaram a cobrar, a família foi chamada. Os pais, sem saber direito o que fazer, resolveram atender o pedido da filha. Adivinhem qual foi o pedido? ... Sim, mais uma vez Zoe trocou de escola!

Na nova escola foi até a oitava série, contudo, não aguentou a disputa maluca com outra garota pelo carinho e o amor de um preferido por ambas. Tudo acabou em uma briga feia, daquelas de arrancar os cabelos. Zoe prometeu nunca mais pisar no chão daquele colégio. Entretanto, os pais, cansados de tanto trocar de escola, resolveram chamá-la novamente a ter mais atenção para os problemas que viam se repetindo de ambiente em ambiente. Afinal estava claro, a questão principal não envolvia os lugares ou as pessoas, mas a necessidade de mudar as próprias atitudes, enfrentar os problemas e resolver os desafios sem fugir das provas oriundas do convívio social entre crianças, jovens ou adultos. Entretanto, muito bonzinhos que eram, os pais atenderam à teimosia e transferiam-na para um colégio particular — o melhor na região.

Nesta escola, quando Zoe atingira o segundo ano do ensino médio, discutiu ferozmente com o professor de história a ponto de cuspir na cara dele. GRAVE! Os pais foram chamados em caráter de urgência e combinaram o pedido de desculpas da filha ao professor. Mas a jovem não aceitou reparar o erro. Resultado: precisou concluir o ensino médio em outra escola, a de número seis.

O pai e a mãe da garota tentaram, por diversas vezes e variados períodos da vida, sensibilizá-la para estados de maior tolerância e de uma convivência pacífica no mundo das relações, pedindo mais paciência e menos ódio ao coração. De nada adiantou a instrução. Cabe destacar que Zoe não se lembrava claramente, mas soube de todos esses desafios antes de reencarnar e que precisava superar o espírito de intolerância.

Mantendo a dificuldade — inflexível, impaciente, intolerante, incapaz de perdoar e conviver com alguém por muito tempo —, ela chegou na vida adulta. Agora não fixava-se em um emprego por mais de um mês; era difícil manter um namorado por mais de um ano; não conseguia ter amigos fieis ou companheiros que a apoiassem nos momentos mais difíceis da vida, nem mesmo manter a paz quando localizada no meio dos poucos familiares que a suportavam. Os valores da tolerância, do perdão e da generosidade passaram esquecidos.

Quando ficou idosa e doente, prestes a dar o último sopro na vida física, uma mentora espiritual veio ao seu encontro para acompanhar os momentos do desencarne. Zoe estava triste, deprimida, chorosa:

— Mas por que estás tão triste? — perguntou a mentora de maneira firme enquanto Zoe ainda dormia no leito do hospital.

Após alguns segundos de silêncio, continuou:

— Deus te convocou ao amor desde os primeiros dias da escola, mas você não quis corresponder: não tolerou, não perdoou, não parou para pensar em si, nas próprias atitudes ou como mudá-las, e como superar os desafios sociais apresentados durante a jornada. Nesta vida física o orgulho te venceu. Mas não perca a esperança! Terá uma nova oportunidade! Deus é amor, Deus é misericórdia, é a bondade infinita! Você reencarnará novamente, repetindo as mesmas experiências em todas as escolas do Planeta Terra. Deverás aprender a suportar o mal e a persistir no bem sem tantas exigências ou reclamações!

E porque a velhinha não tivesse nenhum argumento ou nova reclamação a fazer, diante da sua condição submeteu-se obediente ao espírito da verdade e à lembrança do plano de quem um dia se viu partir para renascer como Zoe, filha de Laura e Dagoberto. Cinquenta anos mais tarde vamos ver a pequena Larissa, Zoe reencarnada, caminhando em direção ao primeiro dia de aula na escola da eternidade.

Consciência dos Defeitos



Todas as noites o pai e a mãe dos irmãos Sabrina e Dimy, ora um, ora outro, tinham por hábito ler uma história de Jesus adaptada ao entendimento dos seus filhos, histórias surpreendentes e tocantes. Nas sextas-feiras a contação era em caráter especial, DUAS HISTÓRIAS: uma o pai contava, outra a mãe protagonizava. Não bastasse tantos ensinamentos esclarecedores, por esses tempos os irmãos andavam meio inquietos. Pareciam tristes, um tanto indignados. E naquela noite desabafaram:

— Mãe, pai — falou Sabrina —, eu tô muito chateada comigo mesma!

— Mas por que motivo, minha filha? — perguntou a mãe.

— Ah, essas histórias que a gente ouve, elas nos ensinam a fazer o bem, fazer o que é certo e tudo mais, entretanto, eu não consigo! Se alguém me provoca e me tira do sério já vou dando um beliscão e puxando os cabelos; costume enganar a professora fingindo que faço a lição, de vez em quando conto uma mentira para uma amiga, sinto muita inveja da Luana, uma colega da sala e engano até o mano quando preciso de algo urgente e ele não quer me obedecer.

— É mesmo, pai! — exclamou Dimy. — A Sabrina tem razão! Quando a gente ouve essas histórias bonitas e tudo o que Jesus ensina dá uma alegria no coração, vem aquela vontade de fazer o certo e seguir os seus ensinamentos! Mas é só aparecer um problema qualquer e eu fico chateado, acabo praticando uma porção de besteiras. Por

exemplo, para me vingar, para me livrar do problema, para não fazer muito esforço eu uso da trapaça, da mentira e da falsidade. Também não gosto de acordar cedo e ir para escola; gosto de uma fofquinha vez em quando e fico muito enfurecido quando ajudo meus amigos e eles não me dão nada em troca!

— Dimy, Sabrina — falou a mãe com sinceridade —, somos aprendizes do bem a caminho da perfeição. Nem vocês, nem o seu pai e nem a sua mãe somos espíritos superiores. É preciso reconhecer os erros e os defeitos, mas ficar se lamentando não irá resolver os problemas. Precisamos ir trabalhando, tentando, nos esforçando, um pouco a cada dia, errando, acertando, aprendendo com os erros e aumentando o nível dos acertos. Só assim vamos alcançar o mestre Jesus e aprender o que ele nos ensina.

— A mamãe está certa! — exclamou Seu Alberto. — Que bom que vocês já sabem reconhecer os pontos de erro, as próprias fraquezas, na consciência de que precisam melhorar! Vamos ao trabalho? Vamos lá, atitude! Lembrem-se do que aprendemos nas histórias anteriores: cada minuto de nossas vidas faz parte de um talismã precioso, o símbolo verdadeiro da renovação. O tempo é o nosso amigo.

Dona Maria concluiu:

— Dentro de cada um de vocês têm uma força Divina que quer crescer e sair para fora, quer evoluir e alcançar os mais altos níveis de felicidade. Procurem essa força interior para superarem as carências da alma, as fraquezas do corpo e todas as ilusões deste mundo!

Super, hiper, mega, ultra empolgados com as novas lições, Sabrina e Dimy se entreolharam satisfeitos, ideias renovadas, muitos planos para o futuro de logo mais. Aconchegaram as almas no travesseiro e, amparados por amigos espirituais super, hiper, ultra, mega generosos, descansaram o corpo e a mente, conscientes das novas atitudes e práticas que nasceriam dentro em pouco, feito a luz de um novo dia.

As Desculpas de Marta

Na escola onde Marta estudava trabalhava uma professora que ela gostava muito. A afinidade e a admiração pela mestra mobilizaram o pedido da própria garota para auxiliar Dona Lúcia na sala de aula. No fundo Marta já havia escolhido a profissão da idade adulta: ser uma grande professora.

Dona Lúcia, satisfeita e agradecida, pediu para Marta sentar ao lado de Rodrigo, ajudá-lo no entendimento e na prática das atividades. Além do mais, Rodrigo tinha muita dificuldade de se relacionar com os outros colegas, geralmente ficava isolado, sentado no fundo da sala, nos cantos, esquecido por muitos e jogado à própria sorte. Prova em dupla e ele ficava sozinho. Trabalho coletivo e era difícil alguém dispor para fazer com ele. Rodrigo precisava de amigos.

Muito solícita Marta atendeu o pedido da professora e foi sentar ao lado do colega. Todavia, quando se acomodou ao lado de Rodrigo começou a sentir um cheiro estranho, muito ruim, algo difícil para a sua tolerância, cheiro parecido com o de quem correu muito, suou bastante e não pôde tomar um banho. Marta não conseguiu permanecer vinte minutos na companhia do menino. Levantou-se e foi ter um particular com a professora, afirmando ser impossível suportar o mau cheiro. De fato, a menina não sabia das necessidades materiais e da pobreza do colega, das dificuldades de toda a família para ter água limpa todos os dias ou comida na mesa.

— Verdade, Marta, já falamos com os pais dele sobre a situação. Pedimos também a ajuda da prefeitura e seus órgãos de assistência social. Estamos aguardando para vê-lo em melhores condições e cuidados — confessou a professora em um tom de tristeza.

Dona Lúcia também compreendeu a situação e dispensou Marta da primeira ajuda. Em um dia de ausência da professora auxiliar, convidou-a para acompanhar Emili. Esta colega possuía necessidades especiais: não podia falar, tinha pouca capacidade de movimento, andava em uma cadeira de rodas e apresentava uma saúde muito frágil. Adiantada na matéria, Marta poderia sentar com a colega e ajudá-la a escrever algumas palavras, pintar desenhos, recortar figuras, organizar seu material, explicar algo que já sabia por ela mesma, etc., etc.

Emili possuía uma grande dificuldade no movimento com as mãos, o que tornava o processo lento e muito difícil. Escrever palavras, frases, textos, pintar ou recortar qualquer desenho era sempre um grande trabalho. Mas Emili precisava exercitar, aprender por ela mesma e continuar evoluindo nos estudos. E Marta pedia, pedia, implorava para Emili escrever, recortar ou pintar alguma coisa, entretanto, a colega não correspondia. Tentou conduzir a mão e o lápis da colega pelo papel já amassado, mas o bracinho enrijecido da menina acabou rasgando as folhas. Incompreensiva, Marta abandonou Emili logo no começo dos trabalhos, afirmando ser extremamente difícil ajudar a colega.

A professora entendeu mais uma vez e aceitou a queixa. Sem desanimar ou perder a fé na ajudante, convidou Marta para substituir a Monitora da Turma. A Função consistia em ajudar Dona Lúcia na entrega e recolhimento das atividades, sair para pedir materiais na secretaria da escola, acompanhar um ou outro aluno até a Orientação, dar uma olhadinha na sala quando a “profi.” precisasse sair em qualquer emergência e tudo o mais que fosse possível fazer pela turma sem comprometer os próprios estudos.

Desta vez Marta achou o trabalho muito grande para a sua energia e desistiu antes mesmo de começar. Dizia não ter capacidade e força suficiente perante as tarefas de Monitora. Marta, então, solicitou outra responsabilidade. Neste exato momento a professora olhou-a nos olhos e falou com sinceridade:

— Marta, sem esforço e perseverança, sem paciência e tolerância, você não vai conseguir realizar algo de útil para os semelhantes. Quando as primeiras dificuldades aparecem não podemos desistir e abandonar o serviço. Se for tão suscetível não conseguirá fazer o bem, ensinar alguém, seguir a carreira que deseja. Volte para o seu lugar e pense um pouco! Continue os estudos e procure aprender os valores necessários às grandes responsabilidades. Neste momento o nojo, a intolerância e a preguiça estão te impedindo de iniciar o projeto de futuro.

Marta voltou para a posição exclusiva de aluna e meditou por longo tempo, observando com um outro olhar tudo o que acontecia na sala de aula, como a professora trabalhava e educava, como compartilhava o conhecimento e intervia nos problemas do dia a dia. Passado um mês ela mesma procurou a professora e pediu nova oportunidade. É claro, a “profi” aceitou. Marta retomou o posto de ajudante. Dessa vez foi diferente. E sabe por que? Me conte você!

A Visita da Verdade



Alex era um menino “reclamão”. Como reclamava! Choramingava todos os dias dizendo-se infeliz. Achava o seu quarto pequeno, a sua casa muito simples, a escola insuportável, não gostava das roupas em sua cômoda, da aparência física que possuía e, se fosse possível, trocava até mesmo de família, pais mais ricos e cheios de condições. Para ele nada estava bom, tudo ia mal e a vida era um desastre.

Decidido a implorar auxílio divino o menino começou a rezar, pedindo a Deus mudasse o mundo ao redor para que pudesse se sentir feliz do jeito como imaginava. Orou tanto, implorou com tamanha devoção que o Senhor do Universo lhe enviou um espírito superior para ampará-lo. O anjo amigo, logo no primeiro contato, procurou inspirar o menino no sentido de deixar fruir em si mesmo o sentimento da fé, a fé ensinada por Jesus, aquela que “Remove montanhas”. Por meio da fé o garoto conquistaria a paz, a esperança, aceitaria a sua condição e aplicaria maior gratidão diante da vida.

Dia e noite, por meio indireto ou através de sonhos, o espírito lhe comunicava ideias de confiança e resignação, de satisfação e contentamento, e por um certo tempo Alex registrou os ensinamentos: ficou mais tranquilo, viveu momentos de alegria, sentindo fé em si mesmo, fé no futuro e fé na vida. Mas decorridos alguns dias voltou a se chatear,

lamentando não ter a vida que queria, como queria e fazendo da história pessoal uma nova tragédia.

Cheio de misericórdia, o amigo espiritual tentou outro recurso. Procurou influenciar Alex a buscar dentro de si os sentimentos e as atitudes da caridade, da generosidade, a cumplicidade. Com essa nova condição sentiria prazer de viver e conquistaria uma boa dose de felicidade, na verdade uma dose muito elevada. Durante o sono, trabalhando com energias sensíveis e superiores, o visitante projetou na mente do garoto telas e quadros animados, imagens de crianças fazendo o bem e auxiliando seus primos, amigos, colegas de escola, visitando asilos e orfanatos junto aos parentes e familiares, ajudando nas tarefas do próprio lar, crianças sorridentes, bem-educadas, gentis, doando e recebendo elevadas doses de carinho, de afeto, de amor.

Os sonhos já se repetiam há mais de um mês. Alex já sentiu-se um pouco diferente, renovado. Na última noite de influência positiva o garoto prometeu ao espírito, durante o desdobramento do corpo, mudar definitivamente as atitudes. Entretanto, quando acordou pela manhã mudou de ideia num simples bocejar. Duvidou dos sonhos repetidos noite após noite, dizendo para si não passar de pura fantasia criada pela força da imaginação. Desprezou a ajuda mais uma vez e continuou a maratona de reclamações.

Porque Alex continuava naquele estado depressivo, mas ainda dedicado na prática da oração e pedindo a Deus melhorasse a sua condição de vida, o Pai e Mãe de tudo o que existe ordenou ao espírito protetor levar para o menino a visita da VERDADE.

O menino já havia jantado, escovado os dentes e feito os deveres. Deitado na cama, sozinho em seu quarto, olhava para o teto resmungando em voz baixa, reclamando, obviamente, sobre todas as questões da sua vida, chorando, lamentando os problemas inventados pela própria imaginação. Estava escuro e só a luz de um fraco abajur iluminava o canto da cama. Foi quando percebeu uma outra luz mais azulada, com tons de lilás, configurando um círculo na altura do teto. Flutuava em pleno ar. Alex olhou na direção da lâmpada mais para o lado. Notou que estava apagada. A luz foi crescendo, crescendo, parecia iluminar todo o quarto, a casa inteira. Muito surpreendido, o garoto questionou em alta voz:

— QUEM ESTÁ AÍ?! QUEM É VOCÊ?! VEIO ME LEVAR PARA OUTRO PLANETA? PRECISA SER MELHOR DO QUE ESSE, HEIM!

— Não o levarei para lugar algum! — disse a voz com humildade.

— ENTÃO QUEM É VOCÊ? — perguntou o menino um tanto irritado.

— Eu sou a Verdade! Vim da parte de Deus! Peço que olhe atentamente para você mesmo! Veja o estado do espírito!

Alex passou os olhos procurando o próprio corpo, mas o que viu foi a forma da sua alma. Viu seu corpo espiritual envolto em uma armadura de energia cinzenta que o continha e impedia a luz interior de sair para fora. Os pés pareciam envoltos por um grande bloco de pedra, indicando não poder sair do lugar e, acima da cabeça, pairava uma nuvem de imagens mentais com múltiplas vozes do próprio Alex verbalizando reclamações. “Eu não gosto da minha escola! Mas que aulas chatas! Eu odeio meu quarto e minha casa! Por que eu tenho esse rosto? Não quero esse corpo, ele é feio! É muito chato ficar doente! Por que Deus não facilita as coisas? Como é ruim isso, não gosto daquilo, não gosto, não gosto, é chato, é ruim, desisto, não fala, não me olha. AAAAHHHH!”

Alex escondeu os olhos com a palma das mãos e falou decididamente:

— VÁ EMBORA, EU NÃO QUERO VER ISSO! EU NÃO QUERO OUVIR! JÁ CHEGA, POR FAVOR!

Sem intenção de magoar, o espírito revelou:

— Essas imagens não são para te irritar! Veja o que a insatisfação e tantas reclamações tem feito com a própria alma.

A luz e as imagens espirituais, então, sumiram como num piscar de olhos. Apareceu de imediato o Espírito Protetor ao lado da cama. Buscava os olhos de Alex e uma conversa mais sincera.

— Você orou e pediu a Deus ajuda para teus problemas, mas até agora não quis entender o que venho ensinar!

Alex mantinha os olhos fechados. Não desejava nem mesmo um contato, um olhar, uma palavra. O espírito compreendeu a situação e resolveu desaparecer por completo.

Notando o silêncio reinante, após outros minutos de espera o garoto resolveu destampar os olhos. Não registrou mais nada. Tudo quieto, tudo aparentemente no seu lugar.

Aliviado escondeu-se embaixo das cobertas esperando o sono da noite. Antes de apagar completamente achou tempo para resmungar palavras contra a vida, contra tudo e contra todos. O espírito protetor compreendeu que faltava-lhe coragem e humildade para encarar a verdade e os ensinamentos superiores. Passou a acompanhá-lo a uma certa distância, esperando melhor oportunidade de fazer a diferença na vida do menino. Alex acordou no dia seguinte perguntando por que Deus demorava tanto a atender seus pedidos e, ainda não bastasse, o fez ter sonhos estranhos com extraterrestres. Vai entender!?

O Maior Jovem



Luna e Isak alcançaram a fase da adolescência. Luna por volta dos quatorze anos e Isak com doze. Os candidatos à vida adulta descobriam algo novo na existência física. Tudo estava mudando: seus corpos, as ideias, os sentimentos, as emoções... Tinham um mundo de novidades pela frente e novas chances de construírem a própria felicidade diante da eternidade de suas almas. Mas alguns probleminhas adquiridos em vidas passadas, de maneira quase inconsciente, surgiam com maior força e intensidade em tal fase da vida. E apesar dos dois possuírem boas tendências e qualidades nobres a desenvolver, um vício antigo da alma reapareceu — a vaidade.

De uns tempos para cá começaram a disputar e discutir, nas pequenas coisas do dia a dia, quem era o melhor dentre eles: o melhor filho, o mais esperto da família, o mais rápido em lavar a louça, quem era mais bonito, o mais elogiado pelos professores, com as melhores notas, enfim, em qualquer parte surgia a disputa pelo destaque de ser primeiro, o mais querido, o mais avançado e poderoso.

A avó dos pré-adolescentes, pessoa sensível e humilde, percebeu o perigo da situação e pediu ao Centro Religioso mais próximo uma ajuda para os netos. Dona Corina, diretora da instituição, após ouvir a problemática falou com honestidade:

— Olha, Dona Helena, seus netos precisam ser matriculados em alguma evangelização especializada em juventude. Pode ser qualquer religião, desde que aprendam sobre as virtudes do Evangelho, sobre a humildade, o amor e a misericórdia

de Deus! Precisam aprender urgentemente como aplicar as lições do Cristo em suas próprias vidas!

— Mas, e se eu os trazer até aqui, vocês poderiam me ajudar? — perguntou Dona Helena?

— Mas é claro! Seria uma grande alegria para a nossa casa de oração!

Tudo combinado, na semana seguinte apareceu a avó e os netos inconscientes. Os jovens, assim, meio tímidos no começo, no mais completo silêncio, foram encaminhados à sala de evangelização destinada aos estudos da noite. No ambiente já se encontravam outros seis jovens de outras partes da cidade, todos muito interessados e curiosos sobre os trabalhos de logo mais. O evangelizador responsável trouxe para debate a seguinte história:

“Um grupo de jovens, de determinada escola, recebeu em seu círculo de amizades outro adolescente matriculado na instituição não havia muito tempo. Ele era um aluno dedicado e já muito desenvolvido na habilidade de manipular o próprio corpo no uso das artes marciais: a modalidade do karatê.

Em breve tempo o lutador cativou o grupo e passou a ensinar táticas de luta e defesa pessoal para todos os amigos do novo círculo. Dizia ele que gostava de ver seus “chegados” mais fortes, mais seguros, destemidos e poderosos, sabendo proteger a si mesmos dos perigos de cada dia. Enfeitiçados e apaixonados pela proposta do lutador, todos passaram a utilizar o tempo livre para aprender com o pequeno mestre a técnica dos seus golpes fantásticos. E enquanto aprendiam os jovens eram incentivados pelo professor a alimentarem diversas vaidades pessoais, na soberba de acharem-se melhores do que os outros por meio da simples comparação em matéria de força física. Como ninguém tivesse maturidade e controle sobre o poder de machucar outras pessoas, em breve tempo os jovens aprendizes inventaram motivos para trocarem alguns socos e chutes entre si, na forma de uma brincadeira chamada inocentemente de “Lutinha”. PROBLEMA! No decorrer dessas brincadeiras (Brincadeiras de “Lutinha”) um dos integrantes quebrou o braço.

Após o episódio vários adolescentes abandonaram o grupo com medo dos demais e do risco iminente de serem expulsos da escola. Enfim, toda a amizade se desfez. Passaram-se alguns meses e, com o tempo, novos círculos de estudantes afins se

formaram no coração da escola. Em um destes círculos apareceu uma jovem de fala ligeira, “farpas na língua”, acostumada a espalhar o mal através das palavras, inventar mentiras e fofocas relacionadas a outras pessoas, criar aquelas situações que fazem o “circo pegar fogo”, sabe como é? Essa jovem possuía um grande poder de convencimento e logo fascinou alguns colegas do grupo sobre ideias de autoimagem, de soberba pessoal e vaidade, defendendo ela pelos quatro cantos a ideia de que o seu próprio corpo era o mais perfeito modelo de beleza para meninas da sua idade. Em pouco tempo os corações e as mentes das ouvintes se envenenaram com tais sugestões e impregnaram-se do sentimento de competição e disputa em matéria de beleza física.

A garota maledicente acabou por dividir um grupo de nove amigas em partes menores, três círculos pequenos impregnados de ódio entre si. Surgiu o “Bonde das Models”, o “Círculo das Mais Belas” e as “Garotas Sensação”. Apesar da divisão as meninas ainda se reuniam numa grande roda para trocar ideias e discutir as diferenças. Era este círculo responsável por atrair outros jovens da escola interessados em ingressar nos grupos menores.

A rachadura gerada pela jovem causou muitas perturbações. Dentro de mais alguns dias os três grupos menores passaram a discutir ferozmente sobre qual deles deveria comandar o círculo maior, a grande roda. Deu briga! Decorridas muitas tentativas de entendimento a discussão se tornou tão grave, mas tão grave (quase violenta), que o “Bonde das Models”, o “Círculo das Mais Belas” e as “Garotas Sensação, quebrados pela ganância, a inveja e a repetitiva vaidade, viraram as costas um para o outro e nunca mais retomaram a grande roda, antes tão viva e cheia de positividade. Algumas semanas depois a mesma garota que acabou com todas as amizades saiu da escola, deixando para trás a herança do ódio e dos conflitos destruidores.

Mais um bom tempo corre no relógio da vida. Tudo muda novamente. Uma paz e um clima de harmonia volta a reinar no ambiente escolar. Ressurgem novos e grandes grupos de amizade. Todavia, como a felicidade e a própria amizade cobram algumas provas para sobreviverem, e também se fortalecerem, um desses grupos foi procurado por um jovem de perigosa influência! Era usuário de drogas e queria ampliar a desgraça pessoal conquistando novas vítimas entre os “novos amigos”. Entretanto, o grupo que ele procurou possuía uma integrante especial, adolescente diferente, divergente, inacreditável. Pessoa simples, amiga, o olhar e as expressões reluzentes de alegria. A sua palavra de paz e equilíbrio contagiava a todos. Esta jovem conseguiu renovar todo o

clima pesado gerado pelos colegas tempos atrás. A presença dela, suas palavras generosas, o cuidado para com o semelhante fez desaparecer o ódio reinante, apaziguou os lutadores, extinguiu as fofocas, as disputas pelo poder e renovou, naquele mesmo tempo escolar, o garoto viciado e totalmente perdido na vontade inconsciente e inconsequente de praticar o mal. O grande grupo, orientado pela sabedoria desse espírito cristão, soube acolher o jovem necessitado e unir forças para acabar com o resto das divisões. Cada vez mais novos amigos participavam dos encontros durante os momentos de intervalo. O progresso do amor se fez presente e durou até a formatura, quando os antigos deixaram a escola e novos grupos assumiram seu lugar no ciclo interminável das experiências.

Finda a interessantíssima história, os jovens da evangelização começaram um debate sobre as lições inculcadas na trama, essa história cheia de conflitos e exemplos instigadores. Foi simplesmente “altos debate”, porque os amigos espirituais estavam bem perto e conectados com os jovens na hora do diálogo, inspirando a todos na compreensão dos ensinamentos. Em momento mais caloroso da discussão um jovem destacou:

— Gostei muito desse conto porque ele mostra qual a diferença e quais os tipos de lideranças a gente pode assumir na vida ou decidir seguir quando está em um grupo de amigos. Fica a pergunta: Acompanhar os que mais convencem, mas levam a gente pro buraco ou escutar e ficar próximo de quem movimenta o grupo para o bem viver?

Em outro momento de grande calor e discussão, uma jovem mencionou:

— Interessante notar que o padrão se repetia nas três situações da história. Era sempre a disputa para ver quem era o melhor, o mais forte, o mais bonito, o mais perfeito.

Luna e Isak prestaram bastante atenção nessa fala. De alguma forma, ou de todas elas, se identificaram com a história e puderam entender o problema atravessado na relação entre os dois.

Ao final do encontro saíram do Centro Espírita plenamente quietos, pensativos, refletindo em tudo quanto aprenderam. No íntimo mais íntimo compreenderam a necessidade de mudar algumas atitudes, pois como concluiu outro jovem nas suas últimas contribuições de tão amigável conversa:

— Quem vive e age com humildade, ensinando o bem e evitando brigas, esse é o jovem “Top das Galáxias”!

O Filho Sensato



Willi, Beto e Liel eram três irmãos muito diferentes entre si. De todos — Liel o mais obediente. Certo dia o pai dos três pediu para limparem e organizarem a garagem. O ambiente era cheio de prateleiras parafusadas nas paredes, tinha um grande espaço aberto destinado ao abrigo do carro e das quatro bicicletas, com uma porta nos fundos do ambiente abrindo para um ranchinho de ferramentas.

Seu Erom tirou o carro da garagem e deu um espanador para Willi com a recomendação de eliminar o pó das prateleiras; Beto recebeu uma vassoura adequada à limpeza da garagem; Liel um balde com pano úmido, para limpar as ferramentas do ranchinho e organizar os instrumentos fora do lugar.

Deixando-os a sós os três espíritos entraram na garagem com a reponsabilidade de iniciar e concluir os trabalhos até o retorno do pai. Porém, apenas Liel começou a tarefa. Willi e Beto, assim que Erom sumiu de vista, largaram a vassoura e o espanador, sentando na saída da garagem. Ali se espreguiçavam e conversavam sobre diversos temas, observando vez por outra os vizinhos lavando os carros, alguns pedestres passeando com os cachorros, os amigos do bairro brincando nos quintais de casa.

Liel não se intrometeu no desvio de finalidade dos irmãos, nem reclamou da escolha de sentarem na calçada enquanto ele trabalhava. O filho mais obediente pôs-se a trabalhar com vontade e dedicação, para dar conta da parte que lhe cabia. Em breve

tempo o ranchinho de ferramentas estava todo limpo e as suas peças organizadas. Deu vontade de varrer o chã do ranchinho. Liel juntou a vassoura de Beto largada mais adiante e começou a varrer. Foi tão rápido a limpeza que resolveu, por ele mesmo, varrer a garagem do carro e das bicicletas. Depois de varrer aproveitou o espanador, também esquecido no chão, para limpar as prateleiras deixadas de lado pelo irmão Willi. Enquanto espanava Liel pode ouvir a discussão dos outros dois. Era sobre quais seriam os presentes que ganhariam do pai quando tudo estivesse terminado:

— Willi, meu irmão, o pai vai comprar aquele jogo de videogame para nós! Sabe aquele? — disse Beto entusiasmado.

— Não, Beto, ele vai nos levar no parque aquático! — deduziu Willi.

— Não sei não, irmão! — respondeu Beto querendo apostar uma ficha.

Tempo passou. Quando Liel estava terminando o último metro de prateleira o pai dos três reapareceu. Caminhou pelos locais, observou o ambiente da garagem, o ranchinho de ferramentas, registrou tudo perfeitamente limpo e organizado. Então perguntou:

— Todos terminaram a tarefa?

Os irmãos, antes sentados na frente da garagem, nessa hora já se estavam de pé. Olharam seriamente para Liel com aquela expressão clara que dizia em silêncio: se ele contasse algo para o pai, os dois iriam acertar as contas mais tarde. Willi e Beto, então, responderam:

— Sim, pai, fizemos tudo, tudinho, como você pediu!

— Engraçado!?! — falou o pai surpreendendo os meninos. — Eu fiquei observando lá de casa nessa câmera bem na frente da garagem e vocês dois — olhou francamente para Beto e Willi —, ficaram o tempo todo sentados, conversando, desde o início das tarefas.

— Mas, pai!... — tentou explicar Willi.

— Muito bem, Liel! — interrompeu o pai. — Você que fez a sua parte e tudo o mais que os seus irmãos não quiseram fazer, irá conosco hoje à tarde no “Parque Aquático das Águas Flutuantes”. E vocês — disse novamente olhando em direção aos mentirosos —, por não terem obedecido e ainda terem mentido para o seu pai, vão

perder um mês de celular, internet e videogame. Hoje à tarde ficarão com a vó Rosalina enquanto nós vamos para o Parque. O Parque Aquático das Águas Flutuantes era um lugar incrível, cheio de piscinas, tobogãs, parques arborizados; tinha até tirolesa. Insatisfeitos e birrentos, é claro, Beto e Willi questionaram:

— Mas, pai!?

— Vocês não fizeram o que foi pedido, então vão ficar em casa, e pronto!

— Ah não! — exclamou Beto. — A vó é muito brava, não deixa a gente fazer nada!

— Pois é, deveriam ter pensado nisso antes de burlar o combinado! Agora está decidido: somente Liel vai ao parque! — finalizou Seu Erom com firmeza.

Naquela tarde Liel saiu com os pais para receber o prêmio da obediência e de um trabalho bem executado. Willi e Beto ficaram em casa, sentados no sofá, TV desligada, braços cruzados, bico nos lábios, lamentando não terem feito a parte que lhes foi cabida.

Invigilância na Tarefa



Lá estavam eles: Carolina, Amadeu e Maicom. Os três andavam insistindo com a mãe para obter sua permissão de fazer comida no fogão. Queriam aprender a fazer brigadeiro, pipoca de panela, cachorro-quente, passar um cafezinho, cozinhar arroz, feijão, ferver um leite e tudo o mais que se pode fazer com uma ferramenta desse tipo.

Querendo certificar-se de que estavam prontos para tão delicada e cuidadosa tarefa, mexer com fogo e perigosas panelas, a mãe confiou-lhes algumas atividades iniciais. Seria uma espécie de treinamento à responsabilidade e ao cuidado que deveriam ter ao lidar com as novas experiências. Dona Dulce repassou para Carolina a pequena função de dar um banho em Tomi, o labrador da família, cachorro grande e forte. Amadeu precisava estender os lençóis brancos que a mãe acabara de lavar. Maicom deveria passar um pano úmido nas paredes da casa pelo lado de fora, nas partes onde os fungos haviam tingidos a tinta original. Antes de liberá-lo, a mãe ressaltou:

— Se cumprirem bem o seu papel aprenderão não só a fazer comida no fogão, mas uma lição duradoura, necessária ao sucesso espiritual de cada habitante desse planeta, inclusive ao sucesso dos três no caminho para a perfeição.

Muito bem! Cada um com sua tarefa, partiram para a ação, contudo, iniciado o trabalho Amadeu — que estendia os lençóis brancos — começou a cobrar de Carolina mais capricho no banho de Tomi:

— Tome cuidado, Carolina! Não lave as orelhas, pode encher d'água! ... Cuidado para não colocar sabão no olho do bichinho! Não esqueça das patas!

Trabalhando nas paredes da casa, Maicom chamou a atenção de Amadeu:

— Mano, não é assim que se estende os lençóis! Estica bem! Põe do lado avesso! Não deixa muito próximo ao chão! Olha os grampos aí ô, seu distraído!!

E Carolina, enquanto lavava Tommy, brigava com Maicom por causa das paredes:

— Maicom, põe mais força nessa mão! Olha aí onde você já limpou! Tá tudo sujo!... Faz mais rápido! Você é muito lento!

Os irmãos passaram a discutir um com o outro, muito irritados com as intromissões e críticas alheias. Amadeu deixou os lençóis no varal, foi até Carolina, puxou da sua mão a escova e começou a lavar Tomi da forma como desejava. Carolina, que lavava o cachorro antes de Amadeu se intrometer, tentou impedir o irmão, e os dois começaram a disputar o cachorrinho, puxando o animal de um lado para o outro. Tomi ficou estressado, fez força, queria se soltar, e soltou, aplicou um chacoalhão de água para aliviar os pelos e correu feito louco girando ao redor do pátio: uma fuga espetacular. Maicom abandonou a limpeza das paredes e os três correram, desesperados, atrás do cachorro.

Tomi foi para o quintal. Eles quase o pegaram. O cachorro caiu um tombo na área de terra crua — totalmente sujo, das patas ao focinho. No meio dessa correria o animal se atirou com toda força em cima do varal, derrubou e pisoteou os lençóis brancos da mamãe muito mal estendidos por Amadeu. Carolina tentou pegá-lo. Tomi, encurralado, correu novamente para se salvar, arrastando o corpo sujo na parede limpa por Maicom minutos antes.

Depois de muita confusão, enfim, os três conseguiram prender o cachorro na coleira, mas todo o trabalho tinha ido por “água abaixo”: as paredes manchadas de barro, os lençóis todos sujos e marcados com patas, Tomi mais sujo do que antes. Desapontados os irmãos voltaram para dentro de casa. Após tremenda confusão foram ao consolo da mãe. Dona Dulce sorriu bondosamente e explicou:

— Aproveitem o ensinamento do dia: se cada um tivesse cuidado da sua tarefa, mantendo a concentração e o foco na responsabilidade pessoal, nada disso teria acontecido. Não devemos nos intrometer no trabalho que cabe ao outro. Somente se ele pedir ajuda. É preciso vigiar e focar a parte que nos cabe, e fazer bem feito. Imaginem se deixo os três usarem o fogão! Imaginem se, por acaso, vem Jesus nos visitar e pede para cada um de vocês executarem uma parte do seu trabalho! Só imaginem! É por isso que amanhã irão repetir a tarefa, uma nova chance à conquista do direito e da liberdade de trabalhar com fogo e panelas, com a obra divina no coração do Planeta.

Compreendida perfeitamente a lição caberia a Carolina, Amadeu e Maicom provar que seriam capazes de vigiar as próprias tarefas, aplicar o cuidado e a prudência, manter o foco, a concentração e a eficiência no trabalho. Só assim poderiam ter sucesso da mais simples ação à mais complexa tarefa, na realização de um simples brigadeiro às delícias e maravilhas guardadas a todos os que sabem cumprir a sua parte no trabalho com o Cristo.

A Árvore da Felicidade



Em uma família consideravelmente grande quatro irmãos andavam envolvidos em inúmeros conflitos. O Pai dos brigões, preocupado com a situação, resolveu oportunizar uma chance de encontrarem a paz e o amor entre si. Combinou de levá-los à uma praia no fim de semana caso cumprissem em harmonia uma pequena tarefa. Todos seriam transportados a um lugar paradisíaco, simplesmente lindo, com águas refrescantes, ondas perfeitas ao surfe de isopor, areia ideal para os castelos, uma ilha exuberante na paisagem, etc., etc., etc. Mas para isso ocorrer precisariam os irmãos demonstrar o esforço da mútua cooperação.

O pai distribuiu a cada um deles sementes da “Árvore da Felicidade”, acrescentando uma enxada à um dos filhos, um ancinho para a primeira das filhas, uma porção de adubo para a segunda e o único regador ao último homem. Deveriam todos plantar as sementes na pequena xácara da família ao lado de casa.

Seu Geraldo não disse nada sobre como deveriam efetuar o trabalho, contudo, pelas ferramentas que cada semeador possuía parecia ficar claro — um dependeria do outro na realização da tarefa, pois para as sementes nascerem a terra precisava ser cavada e

mexida com a enxada, ajeitada e limpa pelo ancinho, enriquecida pelo adubo e molhada pelo regador. Era esperado um trabalho em equipe, porém, os quatro irmãos, deixados ao livre-arbítrio, extremamente egoístas uns com os outros, começaram o trabalho procurando apenas o sucesso individual durante o plantio. Nas mentes ingênuas cada um acreditava que o prêmio de ir à praia seria destinado ao melhor semeador, o mais eficiente, o mais rápido, supondo que o último a terminar seria excluído pelo pai do passeio prometido. Todavia, a inteligência dos irmãos também deu conta de uma necessidade: para concretizarem a plantação cada semeador precisaria de todas as quatro ferramentas, entretanto, a enxada estava na mão de um, o ancinho e o adubo com cada uma das irmãs e o regador na posse do outro menino. Começou a briga! Um puxa-puxa, empurra-empurra, toma lá dá cá, cada criança querendo roubar a ferramenta do outro por meio de violência e agressões.

Ao perceber a guerra, os filhos se atacando, machucando-se mutuamente, o pai apressou-se em aparecer e acabar com o conflito. Sacou todas as ferramentas das mãos inconscientes e retirou a promessa da praia no fim de semana. Todos ficaram tristes, naturalmente, e até tentaram questionar o pai, mas a resposta foi certa:

— Os méritos, os prêmios e as recompensas em nossa casa são feitos para os filhos que se amam, se respeitam e trabalham juntos no plantio da Felicidade.

Amigo, amiga, se você estivesse presenciando a cena e a reação das crianças teria percebido claramente que eles entenderam a lição. Mal chegaram a cavar um buraco, entretanto, saíram da xácara refletindo profundamente.

Medicina do Amor



Ígor era um garoto super, ultra, mega esperto, aprendia todas as matérias da escola com grande facilidade, era o melhor da turma e todos o admiravam. Sua missão a Deus, que o podia assistir em todo lugar, era aplicar, desde criança, a boa vontade e a generosidade com os colegas de sala, ajudando, dentro do possível, aqueles que apresentavam dificuldades de compreender as lições mais difíceis. Só precisava ser amigo, compartilhar algumas explicações, sentar em dupla, fazer trabalhos em grupo com os mais atrasados, etc., etc., etc. Todavia, Ígor, tão logo percebeu os primeiros elogios dedicados a sua inteligência, apaixonou-se por essa capacidade individual de um jeito totalmente estranho, de um tal modo que acabou se fechando em uma espécie de cerca interior impregnada com espinhos de egoísmo; prendeu o coração nas grades do personalismo, quando o espírito valoriza de maneira exagerada o seu próprio eu. Não utilizava das virtudes para ajudar sequer a irmã mais nova, iniciante no aprendizado do “A, B, C”.

O tempo voou e ele tornou-se jovem, mais desenvolvido, o corpo ficou forte e musculoso. Deus, que o podia assistir em todo lugar, gostaria de vê-lo usando da força para o trabalho e a liderança no bem, usando a inteligência que já possuía guiando os amigos no rumo do bem, do amor e da paz. Mas o jovem fascinou-se ainda mais pelo seu poder e a sua beleza, aquele novo vigor e força bruta, usando do corpo e da

aparência para impor medo aos colegas, magoando corações de meninas iludidas por sua bela imagem. No colégio, nessa mesma época, Ígor era conhecido como “O grande chefão”.

Bem, ele cresceu um pouco mais, ficou adulto, escolheu a Faculdade de Medicina. Sem qualquer dificuldade adquiriu o certificado para levar o cuidado e a saúde aos doentes sofredores deste planeta. Ígor tornou-se médico. Deus, que o podia assistir em todo lugar, só pediria utilizasse desta ciência para ajudar quem mais precisava. Contudo, Ígor, ganancioso, só quis atender quem fosse capaz de pagar, e pagar bem caro pelas consultas.

O menino, o jovem, o adulto Ígor, não escutando as leis de Deus que vibravam na própria consciência, desencarnou velho, sozinho, cheio de doenças e amarguras. Pela Lei de Causa e Efeito foi parar no Umbral e ali ficou a esperar o momento do resgate certamente enviado, algum dia, pela misericórdia divina.

Mas este pequeno conto tem uma história paralela!

Em outra cidade, bem ao lado daquela onde Ígor outrora morava, vivia, no mesmo tempo destes fatos, um menino chamado Argus — espírito totalmente diferente. Tão inteligente quanto Igor, porém, super, ultra, mega generoso. Argus desde que tomou consciência de si dispôs de energia e boa vontade para auxiliar os colegas de sala em suas mais diversas dificuldades e, quando jovem, tornou-se um grande líder dentro da própria escola, ajudando e defendendo causas nobres em benefício dos estudantes. Com o poder de sua liderança positiva a quadra de esportes foi restaurada, um lindo bosque surgiu no pátio da escola e inúmeros ar-condicionados foram comprados e instalados nas salas de aula, outrora tão quentes e prejudiciais à concentração dos colegas. Além disso, Argus participava dos Conselhos de Classe defendendo a melhoria das aulas e o cuidado para com todos, do Faxineiro aos Estudantes, da Merendeira ao Diretor.

Argus também se formou em medicina e, imediatamente após a formatura decidiu reservar alguns dias e horários da semana para atender, gratuitamente, pessoas que não podiam pagar pelo auxílio de um bom médico. De fato, Argus não enriqueceu materialmente ao longo da vida, mas quando desencarnou, já bem velhinho e sem forças

suficientes para permanecer na Terra, o próprio Jesus veio recebê-lo, acompanhado por centenas de espíritos já desencarnados, todos eles antigos pacientes de Argus, atendidos em outros tempos por meio do seu trabalho voluntário e totalmente gratuito. A primeira fala do Mestre ao encontrá-lo:

— A paz seja contigo, Argus!

Argus chorava de alegria por estar na presença de espírito tão iluminado. Cara, brother, é o governador do nosso planeta! Imagina! Ele já havia aprendido muito sobre a história de Jesus durante sua estadia na Terra, mas a maior lição do Mestre foi a que ele mesmo decidiu praticar desde criança. Jesus, então, continuou:

— Ouviste os chamados de Deus, aquele que é pai e mãe de tudo o que existe! Deus é contigo! Fizeste todo o bem ao teu alcance! Agora, vem comigo! Irás continuar o trabalho do amor neste lado da vida e estudarás os caminhos da nova reencarnação quando voltares daqui a quarenta anos!

Argus nem piscou, partiu na companhia do mestre. O médico desencarnado entendeu o presente sublime da hora. Enquanto volitavam pelo Universo infinito, o recém-chegado ao mundo espiritual olhou para as estrelas e, observando mais uma vez a presença ao seu lado, cochichou para si com uma voz emocionada:

— Eis aqui o servo do amor! Faça-se em mim de acordo com a sua vontade!

Voltando a Ígor: depois de ser resgatado do Umbral, este foi apresentado a Argus na posição de um novo aluno, acompanhando-o no mundo espiritual por longo tempo até aprender e entender profundamente o que vem a ser a Medicina do Amor.

Faça o que eu digo, não faça o que eu faço!

Marina estava com nove anos de idade no tempo desta história começar. Ela era uma menina muito bonita: cabelos longos, rosto delicado, olhos a lembrar o brilho das estrelas. Todavia, por dentro, bem lá dentro, sua beleza frequentemente se apagava por conta de uma atitude, no mínimo esquisita, a de imitar o comportamento dos adultos repreendendo os amigos de infância e colegas da escola, e de um jeito muito Marina de ser. Perceba! Ela aplicava broncas do tipo:

“Não, Isa, não coma essas balas de yogurte, faz mal! Nem pense em abrir este pirulito, cai o dente! Chocolate engorda! Vamos combinar assim, dê tudo para mim e eu dou um jeito de me livrar deste terrível mal em forma de doces!”

Para os meninos também tinha as broncas:

“Senhorzinho Murilo, pare já de jogar esse videogame! Isso aí faz as crianças ficarem viciadas, elas viram zumbi!

Para outras crianças alertava:

“Cintia! Você não deve usar brincos, batom e nada que deixe o corpo fora do natural! É coisa de menina atrevida! Me dê aqui essa maquiagem e todo o kit de beleza!”

“Joãozinho, é melhor não ficar com tantos brinquedos em sua casa, faz mal para a criatividade! O seu cérebro pode ficar aleijado e acabar numa cadeira de rodas! Deixe esses, este aqui e mais este jogo comigo! Eu levo para minha casa!

Marina tinha regras e broncas para cada criança no que dizia estar fazendo errado, entretanto, ela fazia exatamente o contrário do que dizia:

- ✓ Os doces comia escondida;
- ✓ Levou os jogos para casa e logo ao chegar convidou o irmão para ligar o videogame. Jogou tanto que ficou viciada;
- ✓ Usava, quando sozinha em seu quarto, os brincos, o batom e todos os enfeites que havia confiscado de Cintia;
- ✓ E brincava até cansar com os brinquedos do amigo João.

Marina agia dentro daquele ditado: “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço!”. E não pode perceber, mas com a sua influência constante e duradoura sobre os amigos de infância acabou contribuindo, em grande parte, para que Isa se tornasse uma adolescente e adulta loucamente preocupada em permanecer magra, com medo comida, deixando de frequentar festas de família caso soubesse o cardápio antecipado. Na fase adulta Isa precisou tratar de uma anemia severa no sangue por causa das dietas “sem pé nem cabeça” inventadas a partir de receitas extraídas da internet. Para você ter uma ideia, ela chegou a ficar 15 dias comendo somente pedras gelo, dada a paranoia de magreza e o medo de morrer pela boca.

Murilo, depois de ouvir tantas alertas e histórias de Marina sobre os videogames e as novas tecnologias deste mundo, criou em si uma fobia, um medo exagerado de ficar viciado e ser escravizado dentro das telas virtuais. Quando adulto e desempregado perdeu muitas oportunidades de emprego por não aceitar trabalhar no computador e com os sistemas operacionais das empresas. Acabou se tornando um naturalista radical a ponto de deixar a vida já trilhada para ir morar no meio do mato, em uma reserva florestal duzentos quilômetros longe da sua família.

Cintia tornou-se uma daquelas pessoas desleixadas com o corpo físico. Não gostava de cuidar da aparência, ficar bem vestida, não tinha carinho com a própria beleza e jamais chegou perto daquela forma saudável de estética que ilumina a admiração de si mesmo e atrai, naturalmente, os elogios das pessoas bem-intencionadas. Enfim, passou a odiar o ato de se arrumar seja para este ou aquele evento e fazia tempo não penteava nem mesmo os cabelos.

João adquiriu delicado bloqueio criativo que o impedia de avançar na profissão. Era um arquiteto incapaz de produzir algo útil para qualquer empresa. Tinha dificuldades com o próprio filho, pois não permitia brinquedos em casa. O filho, entretanto, criativo por natureza, utilizava os objetos dos próprios pais, principalmente os que encontrava na caixa de ferramentas, para inventar e interagir com seus mundos fantásticos.

Marina continuou avançando na vida, enganando e tomando de outras pessoas aquilo que lhe dava maior diversão e prazer. Problema é que, por comer tantas guloseimas acabou doente: adquiriu uma diabetes; já adulta precisou de terapia com uma psicóloga para deixar o vício em videogame e nas telas do computador; não

conseguia mais sair de casa sem aplicar no corpo grandes doses de maquiagem. Sobre os amigos, já não tinha quem permanecesse ao seu lado, porque percebiam nela uma presença traiçoeira e indesejável.

Quando atingira quarenta anos de idade, despertou nela a visão e audição mediúnica. A nova médium passou a ver espíritos dos mortos tão claro quanto via os vivos aqui na Terra, e praticamente o tempo todo. Precisou correr a um Centro Espírita e tratar da perturbação inicial gerada pela surpresa.

Por um certo tempo Marina ficou maluquinha das ideias! Não sabia e não conseguia entender porque determinado espírito obsessor obrigava ela a ter pesadelos com seus amigos de infância. Afinal, por que ter tanto pesadelo com a galera se eles ainda estavam reencarnados, inclusive vivendo na mesma cidade onde vivia Marina?! “Todos deveriam passar bem!”, pensava ela. Recentemente, inclusive, havia encontrado Isa no supermercado e a amiga pareceu supernormal: magrinha, bonita, contou namorar um jovem homem, modelo da alta sociedade. “Por que tantos pesadelos com a tristeza dos amigos?”.

Decorridos meses de tratamento na Casa Espírita Marina melhorou significativamente e conseguiu interagir com o mundo dos espíritos em estados de maior tranquilidade e autocontrole. Por esse tempo surgiu na sua percepção aquele que representava o verdadeiro mentor desta reencarnação, o seu anjo guardião. Este lhe falou com seriedade e franqueza:

— Agora, Marina, você vai trabalhar primeiramente com a mediunidade no sentido de ajudar os obsessores dos amigos que prejudicou: Isa, Murilo, Cintia e João! E visitará todos eles em seus lares terrenos, para levar melhores conselhos, novas ideias, conforto e amizade, ajudando no destravamento das suas vidas: vidas que você prejudicou!

Neste momento “caiu a ficha”! Marina entendeu os pesadelos, o problema por trás do seu próprio drama. Com boas doses de Doutrina Espírita bem guardadas na memória, compreendeu enfim a necessidade de revisitar os amigos, lhes pedir perdão e oferecer ajuda ao alcance das possibilidades, mostrando para eles e para si mesma a prova da mudança. Era a hora de fazer diferente, Agora deveria ser assim: “FAÇA O QUE EU DIGO POR AQUILO QUE EU MESMO FAÇO!”

Descobrimo o Ponto



A família de Matias era muito rica, tinha muito dinheiro e bens materiais, mas também era rica, muito rica de valores espirituais. Eles tinham de tudo na matéria: uma mansão no centro da cidade, dois carros, piscina no quintal, uma moto de quatro rodas, bicicletas profissionais para andar nos fins de semana e até casa de praia no litoral. Mesmo com tanta riqueza a família procurava ter uma vida modesta, equilibrada, hábitos saudáveis, sem vaidade ou gastos desnecessários; era generosa nas atitudes, solidária para com o próximo, receptiva e alegre no seu jeito de viver. Muitos dos seus parentes e a grande maioria dos vizinhos estavam sempre presentes nos almoços de domingo, ao ar livre, preparado com uma mesa grande sobre o gramado na frente de casa. Várias crianças da vizinhança apareciam de vez em quando para tomar um banho de piscina junto com Matias. Além do banho, quem por lá aparecia, podia jogar com seu videogame, andar de patinete, brincar com seus brinquedos, etc., etc. Nos fins de semana, nos dias quentes de verão, a casa de praia recebia todos que quisessem aproveitar o ar fresco e as águas revigorantes do mar logo ao lado. E tinha mais: a família emprestava as bicicletas, a máquina de cortar grama para os vizinhos, a máquina de lavar calçada, os eletrodomésticos para misturar receitas e até o carro a quem precisasse em qualquer emergência, enfim, todas as coisas que Deus lhes emprestara nesta reencarnação eles colocavam, equilibradamente é claro, ao alcance dos seus semelhantes. Eram, realmente, três espíritos desapegados: o pequeno Matias, Seu Lídio e a Dona Ana. Em seus círculos de amizades todos bem-vindos.

Na escola ele conquistara vários amigos e amigas, estes adoravam viver perto do seu conforto material e do jeito generoso de ser. Para acalmar a fome de alguns colegas comprava lanches e sucos; emprestava sem apego os materiais escolares mais caros que detinha e, inclusive, deu uma das suas melhores mochilas para o colega que perdeu tudo em uma enchente. Porém, certo dia, Deus resolveu verificar se Matias e a família estavam preparados para seguir adiante no projeto de evolução. Será que estariam prontos para as dificuldades financeiras, o abandono, a ingratidão?

De uma hora para outra, por causa de um mau negócio do seu pai, enganado pelo sócio na hora de montar a nova empresa, a família adquiriu imensa dívida com o banco. Estavam muito endividados. Precisaram vender os dois carros, a moto, as duas bicicletas e a casa de praia. Não dando conta de pagar tudo venderam também a própria casa com a piscina e compraram uma mais simples, pequenina, que não tinha sequer uma calçada para brincar ao redor. Única vantagem dessa nova residência era o fato de permanecer no mesmo bairro onde todos se conheciam.

Matias ficou um pouco afetado com a mudança, é claro, entretanto “levou numa boa”, do mesmo jeito que seus pais estavam “levando”: com calma, tranquilidade, sem ódio ou indignação. Afinal de contas eles tinham os sentimentos e as virtudes necessárias para se manterem firmes num momento como esse. Unidos se amavam, apoiavam um ao outro, semelhante a um grande time compartilhando desafios e seguindo sempre em frente, apesar de terem perdido uma grande partida.

É verdade, muita força e união, mas algo específico vinha chateando o menino. Os familiares e os vizinhos não apareciam mais para o então almoço de domingo, agora dentro de casa, casa pequena, espaço mais apertado e um pouco menos confortável. Não vieram nem mesmo para sua festa de aniversário. Os amigos e amigas do bairro, as crianças sempre próximas a ele nos dias de escola, o deixaram de lado ou pararam de acompanhar seus passos. Verdade é que a maioria dos amigos o abandonaram. Matias ficou muito mal com tudo isso!

Estimulado por seus pais, pessoas alegres e cheias de esperança, o menino conseguiu perdoar inicialmente o desamor das pessoas, pois entendeu que não possuíam virtudes suficientes para manter uma amizade verdadeira. Porém, certo dia, pior do que os demais, Matias não aguentou a pressão de tamanha prova. Um dos colegas, durante o recreio, justamente aquele que costumava dizer “ Galera, eu sou o melhor amigo de

Matias!”, esse colega resolveu humilhar o menino com dureza e crueldade. Acompanhava o infeliz um grupinho de outros meninos, todos ex-amigos de Matias.

— E aí, Matias? Agora a piscina é a bacia velha embaixo do chuveiro, rá, rá, rá, rá, rá! Aquela casa de madeira que seu pai comprou é um ninho de cupim! Se der um “pé” de vento vocês ficam na rua! — e todos riam às gargalhadas.

Ouvindo as palavras de desrespeito, todo aquele deboche, todas aquelas gargalhadas de crueldade, Matias sentiu seu orgulho ferido. Puxa vida! Quem de nós não passa por uma grande decepção, tristeza e raiva quando ajudamos as pessoas e elas nos devolvem a ingratidão, o desprezo e a humilhação? Naquele momento um impulso de ódio tomou conta do ofendido. Matias empurrou violentamente Diego para longe. Diego tropeçou, caiu para trás e bateu a cabeça na calçada; desmaiou e a sua testa sangrou com o corte gerado pelo tombo.

O Diretor correu para atender. Procuraram reanimar o garoto. Ligaram para a ambulância e em breve tempo Diego dava entrada no hospital da cidade. Os pais de Matias, assim que receberam a ligação, correram ao hospital procurando notícias e o diálogo com os pais de Diego. Pediram desculpas em nome do filho. Somente após as notícias do médico, a mãe de Diego desabafou aliviada:

— Graças a Deus foi só um desmaio!

— Sim, sim, fiquem tranquilos! — confirmou o médico. — Algumas horas de observação e ele será liberado. Fizemos alguns pontos no corte, mas nada grave.

Depois da situação inesperada, Matias sentiu um pesar na consciência: era arrependimento. Não acreditava ter se zangado tanto com Diego a ponto de lhe causar uma emergência médica. O ódio havia dominado. Nesse instante o garoto percebeu algo mais profundo, descobriu um ponto importante em si que deveria melhorar. Precisava aperfeiçoar seu autocontrole, para não perder a chance de vencer a próxima prova de ingratidão. Matias tinha dado tudo de si para o próximo; recebeu de volta o pior do ser humano. Entretanto, sabia este mal ser possível de acontecer em nosso mundo e os próprios pais já haviam ensinado o caminho interior para a calma e a paz de espírito em tempos de provas mais duras.

Imediatamente no dia seguinte vamos ver Matias conversando com Diego: pedia desculpas. Diego também pediu o seu perdão. Os dois, aos poucos, retomaram a

amizade e Diego passou de ex-amigo para o primeiro dos colegas que voltou a respeitar Matias e ser mais compassivo com a atual situação da sua família.

Guardaste a Lição?



Naquela tarde Jamili brincava com os vizinhos em uma singela pracinha perto de casa. Bairro superseguro: as crianças podiam brincar à vontade. E como brincavam! Inventavam “mil modos” de se divertirem, várias formas de pega-pega, pega-congela, pique-esconde, brincavam nos escorregadores, balanços, de futebol, vôlei, muitos “papos”, boas conversas, etc., etc. Porém, em um dia específico, dia desta história que vou lhe contar, Miguel estava muito bravo. Por qualquer detalhe discutia e xingava os amigos, palavrões feios, alguns terríveis de se escutar.

Quando chegou a vez de Jamili, gritou com ela e falou algo muito ruim em voz alta. Jamili se ofendeu profundamente, ficou extremamente magoada. Saiu chorando da praça, correndo para casa. Chegando aos choros a mãe perguntou imediatamente sobre a origem do drama.

— Ah, mãe — disse a filha ainda chorando —, o Miguel, está bravo! Ele me xingou e falou palavrão! É um bobo!

— Alguma coisa deve ter acontecido! O Miguel não é assim. Nunca fez isso com os amigos — disse a mãe.

— Ele é um estúpido, isso sim! — exclamou Jamili sem dó nem piedade.

— Amanhã vamos visitar a sua casa e procurar entender a situação! — terminou Dona Mágridi com ares de preocupação.

No dia seguinte mãe e filha bateram à porta do revoltado. Ninguém atendeu. Pelo lado de fora, porém, as duas ouviram o que parecia pessoas falando, falando muito alto. Vinha lá de dentro da casa. Era uma discussão entre adultos. No meio de tudo podia-se ouvir frases de desprezo e palavrões terríveis. Sim, com toda certeza a briga ocorria nas dependências da casa de Miguel. O pai e a mãe do menino discutiam por causa da separação. Jamili e Dona Mágridi escutaram alguns berros. Ficaram extremamente espantadas. Quase chamaram a polícia, mas, tempos depois, veio o silêncio e uma certa calma. Deixaram, então, a porta de entrada e retomaram a via pública. Dona Mágridi falou para a filha:

— Guardaste a lição? Agora entende porque Miguel anda tão bravo, revoltado e malcriado com todo mundo?

— Sim! — respondeu Jamili.

Uma semana depois a filha voltou da escola pensativa, quieta, com os olhos distantes, longe, bem longe, vagando por algum problema em segredo... Parecia refletir sobre os últimos acontecimentos da manhã.

— O que foi, minha filha? — perguntou a mãe uma segunda vez.

— É o Pedro, meu amigo da sala, anda muito quieto. Nos últimos dias vive andando de cabeça baixa. Eu tento falar com ele e me despreza, não diz absolutamente nada. Estava pensando: o que eu fiz para chateá-lo? Chego a ter raiva, sabe? Não vou mais falar com esse ingrato, e ponto final.

Dona Mágridi, consciente de um possível problema, comentou com a filha:

— Vamos ligar para mãe dele e marcar uma visita! O Pedro mora longe, mas isso não impedirá a nossa busca por compreensão.

Dois dias depois mãe e filha batiam à porta do amigo indiferente. Logo que entraram na casa perceberam uma situação de extrema carência material. Pedro e seus irmãos passavam fome, a geladeira desligada, a dispensa vazia e na fruteira da mesa somente moscas voando, uma mãe solitária e mais seis crianças desesperadas. Seu Agaldo tinha saído de casa e abandonado a família — um verdadeiro desastre.

Dona Mágridi compadeceu-se profundamente, Jamili também ficou triste ao se deparar com a situação. Sem demora a mãe convocou sua filha para irem ao

supermercado. Em menos de duas horas estavam de volta com comida e materiais de higiene suficientes para um mês inteiro. Dona Mágridi prometeu intervir junto à prefeitura da cidade, pedindo ajuda para a família de Pedro, e no mesmo dia conseguiram um benefício mensal em dinheiro para todos os aflitos daquele lar em situação de abandono. No caminho de volta Dona Mágridi aproveitou para lembrar:

— Jamili, guardaste bem a lição? Agora entende porque o Pedro anda tão triste, quieto e indiferente? Ele passava fome, minha filha, e não queria contar isso, talvez por sentir vergonha, talvez por estar tão fraco que não tinha forças para falar!

— Entendi, mãe, entendi! — disse a filha bem consciente da situação.

Um mês após o último acontecimento Jamili chegou em casa com a mesma cara de tristeza, dessa vez muito abatida, apresentando olheiras na face.

— O que foi, minha filha? O que aconteceu? De onde vem essas olheiras?

— Ah, mãe, hoje foi muito ruim, muito ruim mesmo! A merendeira da escola...

— A Merendeira?

— Sim! Eu não consegui comer toda a comida. Quando fui devolver o prato ela brigou comigo na frente de todos os outros alunos. Eles riram de mim e eu chorei muito. Me senti humilhada quando ela disse que eu tinha nojo da comida.

— Pois vamos na escola ainda hoje resolver essa situação! — exclamou a mãe.

Dali a algumas horas as duas estavam na sala de reuniões com a Diretora e a Merendeira, perguntando o que e por que havia acontecido aquele episódio tão desgastante. A empregada da escola caiu em choro, desabafando entre lágrimas de puro desespero:

— Peço mil desculpas! Eu estava mal, estou mal, ando muito nervosa. Perdi um filho recentemente... Morreu de acidente. O pai dele, meu marido, está bebendo, gastando o pouco dinheiro que temos no bar da esquina, aprofundando ainda mais o nosso sofrimento. Eu não sei mais o que fazer...

Dona Ema, a merendeira, interrompeu a fala, um choro mais forte tomou conta da sua alma. A própria Jamili compreendeu a situação. Deixou o colo da mãe e abraçou a funcionária da escola.

— Eu sinto muito pelo seu filho! Tá tudo bem, eu já estou bem! Espero que seu sofrimento passe logo!

— Obrigada, minha querida! — respondeu Dona Ema dando um beijo na criança.

Dona Mágridi também apontou seu entendimento e combinou com a filha para pegar menos comida no prato, repetir quando necessário. Dona Ema também prometeu ser mais paciente. Dessa forma terminou a reunião e a repetição de uma certa lição. Saindo da escola Jamili ouviu uma vez mais a mesma pergunta de tempos atrás:

— Guardaste bem a lição?

— Sim, mamãe!

— Então não reclame mais quando alguém te chatear e te ofender sem motivos! Na maioria das vezes quem te faz algum mal ou te despreza pode estar sofrendo algum problema maior em sua vida pessoal. É só por isso que agem dessa forma.

— Sim, mamãe, entendi! — repetiu a filha.

Jamili estava surpreendida com os últimos acontecimentos. Agora guardou o ensinamento em definitivo. Era preciso entender: por trás de uma pessoa que nos faz o mal, qualquer mal, sempre há, antes de tudo, um desesperado, um doente, um sofredor.

O Valor da Compaixão e o Acréscimo da Compreensão



Era a noite de estudo do Evangelho no Lar. Na hora marcada uma prece sentida foi realizada, para pedir maior inspiração no entendimento das mensagens. Em seguida um texto sobre compaixão foi aberto ao acaso. Primeiramente os adultos comentaram e logo após os dois jovens da casa foram convidados ao debate. No entanto, permaneceram quietos, pareciam algo incomodados. Quando o pai insistiu pela palavra, Rodrigo desabafou:

— Eu entendi a lição da noite, contudo, outro dia um amigo — bem amigo —, ficou irritado comigo porque não passei “cola” na hora da prova. No recreio ele veio até mim e me humilhou, deu um tapa na minha cara na frente de todo mundo. Eu não reagi lembrando do Cristo, mas aqui dentro passei a sentir um ódio destruidor e cortei para sempre a amizade! O que eu deveria fazer?

— Você poderia deixar a lição desta noite entrar no seu coração — falou o genitor. — Se acontecer novamente uma situação de injustiça, ao invés do sentimento de ódio, por que não ver na pessoa que te agrediu a fraqueza e fragilidade do seu espírito? Tenha piedade do seu agressor e responda a violência com atitudes generosas. De agora em diante, quando tiver uma oportunidade, faça boas coisas para o seu amigo e seja gentil. Logo logo quem te xingou ou bateu se arrependerá do que fez, porque o teu amor vencerá as trevas desse coração confuso. E ainda, depois que perceber a tua capacidade de perdoar ele seguirá o exemplo.

Querendo também compartilhar suas dúvidas, Indiara, a filha, questionou:

— Outro dia a Adriana, minha melhor amiga, traiu a minha confiança: contou para todo mundo os meus segredos. Agora as meninas riem de mim e vivem pegando no meu pé. Eu quis me vingar dessa amiga traiçoeira, ainda quero, mas depois dessa lição do Evangelho fico pensando: o que eu deveria fazer?

— Compadece-te dela e dos teus colegas! — falou a mãe. — O traidor, a traidora, ao ter cometido este ou aquele erro de confiança já carrega consigo uma grande marca na consciência, um peso e um resgate para o futuro próximo. Pode não ser muito evidente para você, mas toda pessoa que pratica o mal grava em si mesma a necessidade de reparar o erro e resgatar o sofrimento em um outro momento, seja com você mesma, com outras pessoas ou situações. É da Lei de Causa e Efeito: o tempo dá a cada um conforme as suas obras.

E porque Rodrigo ainda estava bem incomodado, o pai deixou-o falar:

— O Luiz, outro amigo, às vezes me persegue, só por diversão! Ele se aproveita porque é o mais popular e o mais forte. Gosta de me provocar e ficar zombando da minha cara. O que eu faço?

— Tenha compaixão, meu filho, e procure ampará-lo no que for possível! O Luiz dorme um sono profundo, cheio de pesadelos e ilusões!

Indiara também revelou outra angústia:

— Eu tenho uma amiga que namora com todo mundo da escola, vive trocando de namorado e insiste para eu começar a beijar na boca, só porque eu nunca beijei ninguém! O que eu devo fazer?

— Tenha compaixão por essa menina, minha filha! Mantenha-se no caminho da autoconsciência! Haverá muito tempo para namorar no futuro logo adiante, quando você estiver adulta, madura, preparada para uma relação a dois. Por agora é tempo de estudar, fazer boas amizades, esperar o corpo crescer e aprender sobre o que é o amor e o que é amar. Namorar muito cedo e, pior, ficar trocando de pessoa a toda hora é muito prejudicial para a vida. Essa amiga deve sofrer de uma coisa chamada carência. Sem consciência do que está fazendo planta o sofrimento e decepções amorosas no caminho do seu futuro. É muito difícil conquistar o amor e construir um lar cristão agindo dessa forma.

Concluída a lição os irmãos se acalmaram. Um silêncio renovador surgiu no ambiente. No íntimo mais íntimo todos entenderam o real valor da compaixão e o poder que tem a compreensão. Certamente, aplicando o entendimento, o perdão, a gentileza, a resposta generosa, O AMOR, qualquer pessoa pode transformar o mal alheio em uma fonte de amizade verdadeira.

Fim do estudo, endereçando o coração aos céus uma prece de encerramento foi recitada. Marjorie proferiu as primeiras palavras de gratidão a Deus e Marquinhos terminou com um eloquente “Pai Nosso”.

No Rumo da Perfeição



Beatriz participava de um grupo de escoteiros chamado “Aprendizes da Terra”. Durante os acampamentos, toda noite junto à fogueira Bia tinha a função de ler e contar histórias ao grande grupo, narrativas edificantes, com algum ensinamento importante, por exemplo, valores ligados ao altruísmo, à prática do respeito e responsabilidade com o Planeta Terra, sobre a disciplina, as práticas do bem viver, enfim, tudo que pudesse proporcionar felicidade ao ser humano, aos seus amigos.

A garota executava a tarefa há muito tempo, era respeitada e admirada pelos colegas de acampamento, principalmente porque sabia como contar uma história aplicando toques especiais e envolventes. Quando abria boca para falar e usava o corpo para se expressar cativava a todos e fixava as atenções. Porém, certa noite parou seriamente para refletir sobre a sua própria vida e tudo o que fazia no dia a dia. Reconheceu em si mesma grandes defeitos e tremendas dificuldades para viver conforme as histórias que costumava contar para os escoteiros. Beatriz entristeceu, sentiu-se mal, sentiu desânimo, chorou de desilusão. Chegou à conclusão de que não merecia e, portanto, não deveria mais contar histórias tão bonitas aos companheiros de grupo, não praticava sequer a metade dos ensinamentos transmitidos. Após a autodecepção abandonou a tarefa.

Nas noites seguintes, incentivada por seus amigos a continuar sua missão, Bia simplesmente se desculpava e ia dormir na barraca. Nada lia, nada contava. Contudo,

em uma dessas noite em especial, durante o sono do corpo, a pequena contadora participou de um encontro esclarecedor com seu espírito protetor, seu companheiro de luta desde tempos muito distantes.

— Beatriz, por que abandonaste o trabalho?

— Porque eu não tenho o coração puro, não consigo... não posso fazer isso, não posso ensinar o que não pratico e vivo! — respondeu angustiada.

O espírito continuou:

— Quantas vezes seu amigo Diego, do acampamento, se envolveu em brigas com os companheiros de equipe?

— Várias vezes — respondeu ela. — Já perdi a conta.

— O que faz a Vitória a maior parte do tempo junto à fogueira?

— Quando não está ouvindo minhas histórias, vive fazendo fofoca.

— E por que o Marquinhos frequentemente se isola e some do grande grupo?

— Porque ele fala palavrões e responde aos adultos. Então é enviado à sua barraca para meditar sobre seus erros.

— Isso mesmo e, no entanto, aqui no grupo “Aprendizes da Terra” cada um faz o seu trabalho e ajuda a manter a organização. O Diego, responsável por recolher lenha e manter a fogueira, cumpre bem a sua tarefa. A Vitória adora fazer a comida e ver todos satisfeitos, apesar da mania de fofoca. O Marquinhos cava buracos para servirem de sanitários a todos os que precisam fazer suas necessidades e você é a responsável por contar histórias morais ligadas à evolução espiritual de quantos aqui se encontram.

E porque a menina não conseguisse responder perante a sabedoria do mentor, ele acrescentou:

— Enquanto não atinges o nível de espírito superior, purificado de todas as imperfeições, continue trabalhando no bem! Não desanime nem desista! É pela luz que espalhas no mundo que nós, os amigos espirituais, conseguimos permanecer ao teu lado, ajudando a implantar o Reino de Deus nos corações de todos, inclusive no seu próprio coração.

Neste exato instante da conversa Beatriz acordou. Sentiu-se renovada em suas forças, contente, empolgada, aliviada das angústias e do desânimo. No mesmo dia passou a observar com mais cuidado e carinho a amiga Vitória, ajudando sua equipe no preparo dos alimentos. Viu marquinhos voltar da floresta pingando de suor, com uma pá e uma enxada apoiadas no ombro. Ao fim da tarde acompanhou o trabalho do amigo Diego recolhendo o material necessário para ascender a fogueira e nesta mesma noite lá estava ela, a própria Bia, com os todos olhares fixados em sua contação, vidrados que estavam nas suas palavras. A história escolhida continha uma mensagem poderosa e renovadora a respeito de como fazer para conhecer a si mesmo.

O Valor da Mudança



Na casa de Waguinho vivia ele e o irmão mais novo. André, o irmão, era um menino super bonito e esperto. Procurava parecer bonzinho e fazer o jogo dos adultos. Nas brincadeiras do dia a dia se portava como uma criança cuidadosa e cheia de nobreza. André também tinha bom jeito com as palavras e convencia todo mundo a concordar com suas ideias, seguir suas decisões e fazer o que desejava.

Waguinho, seu irmão, nem era tão bonito e nem tão bonzinho feito ele, pelo contrário, aprontava todas e de vez em quando se metia em confusões extraordinárias. As crianças não gostavam de ficar por perto quando Waguinho aparecia. Estar com ele era garantia de confusão, bronca e castigo.

Certo dia Waguinho foi além dos limites. Em uma disputa para ver quem desceria mais rápido o escorregador do parquinho derrubou seu amigo lá de cima. Marquinhos quebrou um braço. Foi aquela correria: todo mundo desesperado, correndo contra o tempo para socorrer o garoto, chama a ambulância, “Hospital, hospital! Avisa os parentes!”

Waguinho se arrependeu do que fizera e escutou a bronca com um olhar profundamente triste. Ele já se sentia mal com tudo aquilo. Todavia, após este acontecimento, uma forte e intensa vontade de mudança despertou no espírito do

menino, um desejo de ser melhor. Começou a arquitetar um plano para seu próprio resgate.

Passaram-se alguns dias e ele no mais completo silêncio. Estava trabalhando os pensamentos e seus impulsos para os novos rumos. Nesse tempo Waguinho acordou pela manhã e começou a tomar o café com paciência. Foi quando, de repente, por volta das oito horas, um ônibus escolar levando crianças para a escola perdeu o controle e bateu em um poste bem na frente da sua casa. Com a força da batida o veículo virou de lado e tombou no meio da estrada.

A família ouviu o estouro “PULFFFFF”, depois o desespero e a gritaria. Correram para ver o ocorrido; encontraram o ônibus esfaляlado, crianças feridas, trancadas dentro do veículo, chorando, pedindo socorro. Ao verem situação tão angustiante e emergente, os quatro — mãe, pai, André e Waguinho — ficaram paralisados, sem saber o que fazer. Ouviram um vizinho gritar:

— EU JÁ CHAMEI A AMBULÂNCIA!

Retornando a si, a mãe dos garotos exclamou com veemência:

— RÁPIDO, FILHOS, VAMOS AJUDAR!

O pai correu para resgatar as crianças conscientes e aquelas que já haviam saído pelas janelas do ônibus, na parte mais alta. A mãe ordenou aos filhos:

— ANDRÉ, WAGUINHO, VÃO BUSCAR TOALHAS PARA ESTANCAR E LIMPAR O SANGUE DAS CRIANÇAS. TRAGAM TODO O MATERIAL DE PRIMEIROS SOCORROS, RÁPIDO, RÁPIDO! — A mãe era enfermeira.

— EU NÃO VOU! — respondeu André. — VAI SUJAR TODA A MINHA ROUPA!

O menino esperto, bonito, bonzinho, cativante, não quis nem saber. Sentou na calçada, cruzou os braços e ficou ali, parado, só olhando. Waguinho, porém, não contou trê! Saiu correndo com a força de um relâmpago e, rapidamente, trouxe todas as toalhas da casa e a maleta de primeiros socorros.

Waguinho ajudou a socorrer as crianças feridas. Consolava as tristonhas, pedia calma aos desesperados, propunha esperança aos aflitos e renovava a coragem aos que tremiam de medo, enfim, fez todo o bem que pôde no seu limite e posição infantil!

Naquele momento Waguiño parecia um verdadeiro enviado de Deus sobre a Terra, ajudando a resolver o drama do acidente. Enquanto isso, André, que parecia até agora ser o melhor dentre os irmãos, o mais puro e evoluído, ficou sentado na calçada, totalmente indiferente, olhando o sofrimento de longe e torcendo para logo acordar, pois achava que aquele evento não passava de um sonho, um pesadelo.

Com a chegada das ambulâncias e dos socorristas tudo foi mais rápido: quem estava trancado nos escombros também foi resgatado. Nenhuma criança havia morrido, nem mesmo o motorista. Waguiño sentiu aquela sensação do dever bem cumprido, uma onda de contentamento interior. Foi o seu primeiro trabalho de renovação e mudança. Ao invés de gastar tempo maquinando e aprontando alguma traquinagem por aí, ajudou a salvar e a confortar inúmeros amigos e amigas vítimas de um acidente. Mas ele permaneceu instigado, impregnado com aquela vontade de fazer mais, de mudar o comportamento, ser ainda melhor, continuar sua autotransformação. E isso de fato ocorreu!

Com o passar do tempo ele entrou em contato com o Evangelho de Jesus em um centro de evangelização para crianças, aprendendo a como potencializar e fazer acontecer seu desejo de melhoria, como ser mais generoso, mais humano. O velho menino foi dando lugar à uma criança nova, um novo jovem. Passou a ser conhecido no bairro como o irmão de todos, o grande “Brother”. Alguns amigos mais divertidos o chamavam de “WL”, que quer dizer: “Waguiño Love”, o cara do amor.

baseado em mais uma história real

Importância da Ação



Certa feita a pequena Cristina resolveu se isolar completamente das outras crianças, simplesmente cortou relações. Em casa ou na escola evitava o irmão, os amigos, as amigas, os primos e até durante a evangelização permanecia calada. Seus pais vigilantes notaram a mudança repentina e chamaram Cristina para conversar:

— Filha — disse a mãe —, notamos que você anda meio isolada, um tanto sozinha, não quer brincar ou conversar com ninguém. O que aconteceu?

— Ah, mãe, eu resolvi cortar relação com as outras pessoas!

— E por quê?

— Eles cometem muitos erros, por vezes são muito malvados e não sabem nada sobre a Lei do Amor! O mano mesmo, só apronta comigo! É melhor ficar longe, meditando e rezando o tempo todo.

Um momento de silêncio tomou conta do ambiente. Tão logo tiveram algo de bom e de fácil entendimento para falar, perguntou o pai com sabedoria:

— Filha, me responde uma coisa: o que acontece quando chove e a água fica presa lá nas poças do quintal?

— Ah, depois de um tempo ela começa a ficar amarelada e vem um cheiro muito forte, cheiro ruim, cheiro de podre! — respondeu Cristina.

— Muito bem! E o que acontece se a gente não capina a terra do nosso pátio na frente de casa?

— Enche de mato e de mosquitos!

— A mamãe já conversou sobre isso com você: o que acontece com uma roupa se ela ficar guardada por muito tempo?

— O mofo toma conta e as traças comem tudo, enchem de buracos.

— Mais uma coisa: se alguém tem um talento, por exemplo, sabe tocar violão, mas não exercita seus dons e deixa o instrumento de lado, o que acontece?

— A pessoa perde o jeito e acaba restringindo sua habilidade com o instrumento.

— Você já foi na praia! Por que algumas vezes surge algum peixe flutuando na água, sendo levado de um lado para o outro pelas ondas do mar revolto?

— Quando isso acontece é sinal de que já está morto.

— Então preste bastante atenção! — acrescentou a mãe. — É assim também nas nossas relações com as outras pessoas, com as outras crianças, com o seu irmão, seus pais, parentes, com este mundo em que vivemos. Se você se afastar, se isolar, parar de conviver, parar de tolerar o mal e praticar o bem que está ao seu alcance, a sua luz interior poderá ser abafada, diminuída, imobilizada igual a água no quintal, destilando o mal cheiro do egoísmo. O mofo e as traças da solidão poderão formar buracos em sua alma. O mato e os bichos da aversão social poderão tomar conta da sua mente. Os talentos do seu espírito acabarão esquecidos e você será jogada pelo mar da vida às ondas da Lei de Ação e Reação, Causa e Efeito, onde o fim será voltar para o mundo espiritual sem ter conquistado os tesouros do amor e da amizade.

Encerrando o assunto concluiu o pai:

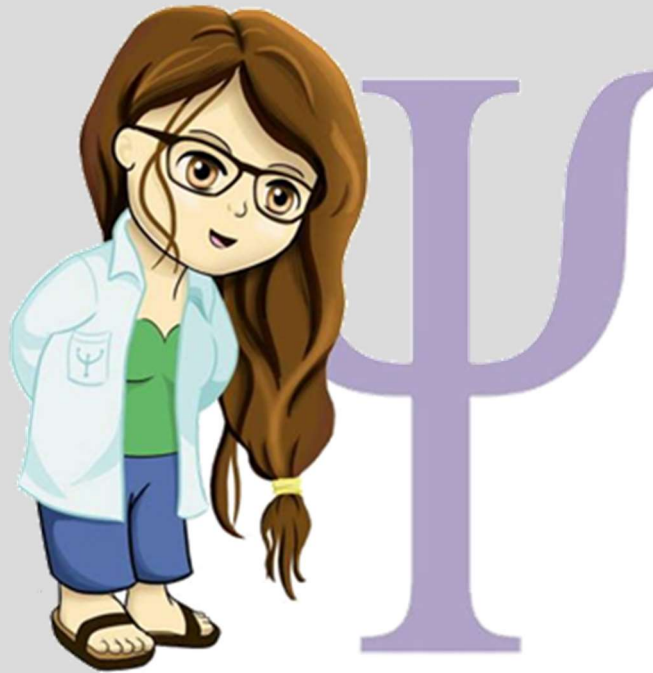
— Precisamos continuar convivendo em paz e harmonia com os habitantes desse planeta, movimentando todo o bem ao nosso alcance! Me diga uma última coisa: para que serve o fermento utilizado no preparo de um pão ou de um bolo saboroso?

— Para dar vida aos alimentos, fazendo-os crescer no ponto certo!

— Hmm, isso aí! Então seja você o fermento da vida e ponha a mão na massa!

Ao fim do diálogo Cristina compreendeu o recado. Nos dias imediatos você poderia encontrá-la em diversos lugares, sempre rodeada de pessoas interessadas em seus atos de bondade.

Cezar



Liana renasceu. Menina inteligente. Não se lembrava, mas veio com uma meta bem específica: servir o próximo auxiliando com os pendores da psicologia. Era uma psicóloga reencarnada. Desde cedo interessava-se pela observação das atitudes e emoções humanas; adorava estudar e compreender como as pessoas agiam no mundo.

Começou a vida física no lugar previamente escolhido, simples, acolhedor, com dois gatos e um cachorrinho. Entre dias melhores e dias piores, altos e baixos da vida evolutiva, períodos de maior carinho e amizade, dias de brigas e discussões, observava naquele ambiente como é trabalhoso e desafiador a busca pela felicidade. Com os pais aprendia diversas formas de entender os comportamentos, noções de certo e errado, de bem e de mal, do que é seguro e o que é perigoso, do amor e do desamor e assim por diante. Um exemplo de grande lição ocorreu no trabalho do pai, o Senhor Cezar. Naquela noite ele estava angustiado, o coração estacionado em amarguras. No decorrer do jantar desabafou indignado:

— Não aguento mais um dos meus patrões lá da empresa, o Diretor de Produção! Que homem duro, mal-humorado, ruim, péssima pessoa! Hoje humilhou um colega, um amigo, bem na minha frente. Amanhã pode ser eu. Estou muito irritado.

Dona Sônia perguntou com certo cuidado:

— Por que você não pede para mudar de setor?

— Pois amanhã eu vou fazer isso!

Liana acompanhou a conversa com muita atenção. Na noite seguinte o pai retornou ao assunto depois de ser questionado por Dona Sônia:

— Então, meu bem, conseguiu se livrar do patrão insensato?

— Não!

— Como assim? — perguntou surpreendida.

— Eu fui falar com o dono da empresa para pedir a mudança, mas ele me fez uma contraproposta.

— E o que ele disse?

— Ele me muda de setor e até me coloca no lugar do Diretor, mas antes eu preciso passar duas semanas com ele, assumindo as mesmas tarefas, trabalhando junto na função e respondendo por ele em algumas decisões.

— E o que você respondeu?

— Eu aceitei, é claro! Já pensou? Duas semanas passam logo. Depois disso eu posso assumir o lugar de Diretor e tudo melhora. Nunca mais alguém sofrerá com aquele coração frio e impiedoso.

No dia imediato Cezar assumiu o compromisso lado a lado com o chefe, dividindo as tarefas da liderança. Não demorou muito para ficar estressado. Tinha muita coisa para fazer, para decidir, comandar, organizar, fiscalizar os setores, acompanhar a eficiência dos funcionários, a qualidade dos produtos, etc., etc., etc. De vez em quando o telefone da sala gritava, chamando-o a resolver emergências em algum lugar da fábrica. E assim foi seguindo a ordem dos dias, múltiplas tarefas e responsabilidades consumindo toda a energia do trabalhador.

A nova rotina obrigava Seu Cezar a permanecer no trabalho até tarde da noite. Durante esse tempo não tinha um horário regular que pudesse parar, sentar descansado e cumprir a rotina de uma boa alimentação. Dormia mal à noite, apareceu um problema de visão por excesso de computador, vieram as dores de cabeça e a enxaqueca. O homem

chegou à beira do colapso, adquirindo complicado problema de estômago. As energias se esgotaram e o bem-estar foi embora.

Liana a acompanhar todo o processo e as dificuldades do pai. A filha procurava ampará-lo hora ou outra com um abraço, um carinho, uma palavra amiga, incentivando a persistência de Cezar. No último dia de estágio na função de Subdiretor, o pai surpreendeu a família chegando em casa no horário da janta. Parecia mais calmo e satisfeito. Dona Sônia e a própria Liana estranharam.

— Então, papai, deu tudo certo?

— Sim, minha querida!

— Fale logo, Cezar! — exclamou Dona Sônia. — Essa sua cara parece dizer tudo: você agora é o patrão!

— Não!

— COMO ASSIM, NÃO? — perguntaram mãe e filha.

— Ser patrão não é tão bom como a gente pensa, pelo contrário, é bem difícil. Têm muitas decisões em jogo, muitas responsabilidades, trabalhadores para cuidar, administrar, a qualidade e o nome da empresa em jogo, enfim, as pessoas te chateiam o tempo todo e você não consegue nem mesmo chegar em casa para o jantar. Fiquei doente do estômago, atacou minha enxaqueca e a nossa gaveta está cheia de remédios. Agora entendo porque meu patrão, muitas das vezes, é tão mal-humorado e rude com os funcionários. Que Deus o ajude! Na função de outros tempos estava mais feliz e satisfeito. Pedi para voltar ao posto. Pagando um salário digno que alimente e conforte minha família já é suficiente para me sentir bem e suportar um ou outro problema de sintonia com o patrão. Se, um dia, conquistar a sua posição, deverá ser por meio do carisma, da solidariedade e do bom trabalho, nunca por meio da raiva, do ódio e da disputa.

As últimas palavras de Cezar fizeram a filha refletir profundamente na questão do trabalho e dos ofícios da Terra. É verdade: cada um precisa procurar a função que mais lhe agrada no plano da vida, onde encontre equilíbrio e a alegria de ser útil, o sustento e o conforto da matéria, suportando essa ou aquela pessoa que apareça para desafiar a nossa paz de espírito.

A Coroa e as Asas



Todos os domingos, no final da tarde, tia Júlia vinha jantar lá em casa. Depois de ajudar a escovar os nossos dentes ela sentava do lado da nossa cama para contar uma de suas histórias. Eram histórias surpreendentes, porque tinham sido contadas por Jesus em tempos bem antigos. Mas não sei porquê eu entendia tudo o que ela contava. Vai ver a tia dava um jeitinho, transformando a forma de contar para o entendimento da criançada. Naquela noite, em especial, ficamos bem conectados. O tom de voz estava diferente, mais especial do que nunca. Tia Júlia começou assim:

“Uma criança apaixonada pelos estudos e com uma extraordinária vontade de aprender descobriu que a inteligência bem trabalhada podia ser a chave para conquistar grandes prêmios durante vida. Com sua mente bem desenvolvida poderia ir longe, muito longe e em pouco tempo. Desde muito pequenina alimentou o sonho de ser cientista, queria conhecer todos os detalhes e os segredos do Universo: as estrelas, os planetas, os sóis, as galáxias, a energia escura, os buracos negros e assim por diante. Esta criança queria ser um Astrofísico.

Atirou-se ao trabalho de estudar e esforçou-se, dedicou-se muito, muito, mas muito mesmo, buscando aproveitar ao máximo cada fase da vida. Na escola e em casa os

livros eram a principal companhia; tinha por hobby assistir documentários sobre os segredos do Cosmos; em seu quarto um planetário tomando conta do teto e no criado mudo uma foto do maior ídolo: um cientista.

A criança desde cedo também percebeu o segredo: para adquirir conhecimentos avançados de tempos em tempos é necessário deixar ideias ultrapassadas para trás, que perderam o sentido e não ajudam o progresso e a conquista do destino. Semelhantes às roupas velhas deixam de servir e vamos deixando pelo caminho, assim é o progresso das ideias e dos valores: alguns precisam ser melhorados, outros reciclados e uma boa parte descartados, pois deixaram de ser úteis ou adequados para a vida espiritual no caminho da perfeição. Esta máxima aplicada no dia a dia e a criança evoluiu rapidamente no campo da ciência, passou à frente dos colegas, cresceu em sabedoria e se tornou o Astrofísico tão sonhado tempos atrás.

Agora um adulto formado, era reconhecido mundialmente, famoso, detentor de conhecimentos e ideias surpreendentes, muito à frente do seu tempo. Além dos saberes específicos da sua área entendia quase tudo de Engenharia, Química, Matemática Aplicada, Biologia, era grande conhecedor da Literatura Mundial e outros tantos ramos do conhecimento humano. Porém, todavia e entretanto, o tamanho da sua inteligência era o mesmo tamanho da sua falta de sensibilidade e dureza de coração.

Colocado em uma alta posição de trabalho, chefe do Observatório mais avançado do Planeta, tratava os subordinados como se fossem pessoas sem valor, seres desprezíveis. Humilhava os que cometiam erros, isolava os questionadores da sua liderança, gritava com todos os que não atendiam às expectativas. Eram expressões desanimadoras: “VOCÊS SÃO UNS IMPRESTÁVEIS!”, ou então “QUEM TE DEU UM DIPLOMA HEIM? É MUITO BURRO MESMO!”, ou ainda “O QUE VOCÊ PENSA QUE AINDA ESTÁ FAZENDO AQUI? PODE IR EMBORA, PORQUE NESTE LUGAR SÓ TEM VAGA PARA PESSOAS INTELIGENTES!”. Professor dos estudantes e estagiários da faculdade, costumava desacreditá-los e rir das suas ignorâncias. Normalmente chamava um ou outro aluno de “Pessoa sem futuro”.

Muitos dos que conviveram com o renomado Astrofísico desistiram de estudar e de trabalhar na sua área por causa das humilhações e do desânimo gerados pela convivência com o tirano; pessoas deixaram o emprego no observatório por não suportarem tantos traumas na companhia do chefe.

Dando pequeno salto no tempo, mas sem tantas mudanças de comportamento, quando o brilhante cientista alcançava os seus 67 anos de idade deixou o mundo físico após sofrer um infarto fulminante (morreu, capotou, mortinho da silva). Vendo-se no mundo espiritual lembrou do último estudo empreendido no corpo físico, a leitura de uma obra chamada “Livro dos Espíritos”. Reconheceu-se, então, no mundo dos errantes, os desencarnados. Sentiu-se mais uma vez orgulhoso de saber sobre tal verdade. Achava certo ser encontrado rapidamente e encaminhado por um espírito de luz para uma colônia espiritual super avançada. Lá seria parabenizado pela conquista do alto nível de inteligência e de vários conhecimentos adquiridos em terra. Logo estaria numa situação de destaque, em um lugar cheio de luz, paz e felicidade.

A ilusão das ideias, porém, o impediu de perceber onde o espírito realmente estava: lugar escuro, cheio de lama e sofrimento. É óbvio — o Umbral! Esperando o anjo maravilhoso para levá-la ao paraíso, advinha quem apareceu? Outro apagado cientista, seu único amigo em vida, que tinha desencarnado vinte e cinco anos atrás com o mesmo acidente do coração. Este amigo também não apresentava qualquer luz que pudesse iluminar a ponta do nariz.

— Edvaldo, Edvaldo, você por aqui? — perguntou o Astrofísico.

— Sim, amigo! Vim te buscar para estudar e se preparar novamente!

— Estudar? Já estudei muito na vida passada! Me preparar para que, afinal?

— Para reencarnar em breve tempo!

— Eeeeeuuu?! Mas eu já conquistei muita inteligência, meu amigo, tenho vastos conhecimentos, ideias revolucionárias! Não, não, Edvaldo, o que eu quero é ficar no mundo dos espíritos e ser levado para conhecer o meu cantinho no paraíso!

— Enganaste a ti mesmo, Rivael! É bem verdade que carregas a coroa da inteligência, entretanto, onde estão as asas do teu amor para poder voar ao paraíso? Ninguém poderá te carregar. Estas asas só fazem voar o seu dono. Rivael, quantas pessoas deixaste para traz, quantos desanimou e desacreditou abandonando os estudos, quantos deixaram de trabalhar, de perseverar, de evoluir por sua causa? O teu desequilíbrio, a loucura que o dominou, as tuas palavras e a vaidade de cientista o impedem de voar ao Reino de paz e felicidade prometido aos filhos de Deus.

Estudantes jovens, colegas de trabalho e até os melhores amigos abandonaram o esforço de progredir. Prejudicaste muita gente! Precisarás reencarnar quantas vezes for necessário, para aprender a amar e ajudar os companheiros de jornada. Esses que deixaram ser tocados pela sua tirania esforçavam-se por trilhar o mesmo caminho. No início de tudo, inclusive, o admiravam, ao ponto de vê-lo na posição de um exemplo a ser seguido: o brilhante cientista, o mais dedicado, o mais capaz, porém, o mais cruel. Todos sem exceção buscavam descartar as mesmas ideias e valores sem sentido, verdades passageiras, erros e enganos de uma vida mal pensada, mal vivida, com o fim de avançar no rumo da perfeição.

— Não, não, não e não, eu não quero, Edvaldo! Isso não é possível! Não vou reencarnar, eu não preciso!

— Tudo bem então! Até mais!

— ESPERA, ESPERA! EDVALDO, ESPERA! Você vai me deixar aqui, nesse lugar, e sozinho? Tô vendo umas pessoas esquisitas me rondando, tentando se aproximar. Está acontecendo muito antes de você chegar. Elas usam roupas de cientista, mas parecem estar com ódio de mim. Vejo isso nos olhares.

— Se você não quer seguir as Leis de Deus e as determinações do mais alto, não pode ser ajudado! Vai ficar aqui até aprender o que precisa.

— EDVALDO, ESPERA! ... Pensando bem... eu mudei de ideia. Vou contigo!

Edvaldo sorriu satisfeito. Nos braços do amigo o inteligente cientista rumou para uma escola no mundo espiritual, onde estudou com dedicação e profundidade o Livro da Vida, a Boa Nova, o Evangelho. Precisararia da ajuda deste riquíssimo compêndio de conhecimentos para iniciar a conquista das suas próprias asas quando retornasse para a Terra. Afinal, a coroa da inteligência já possuía em uma certa medida”

Tia Júlia terminou de contar a história e a gente estava com um pouquinho de medo, sabe como é, por causa do Umbral. Mas o medo foi embora, porque a tia explicou que Marquinhos e eu podíamos crescer conquistando, ao mesmo tempo, uma boa parte da coroa da inteligência e um “tantão” grandão assim das asas do amor. E para concluir disse ela antes do beijo de boa noite: “Quem ama, meus pequeninos, segue sempre à frente de quem apenas sabe!”

Os Mansos da Terra



Joana, desde muito pequena, demonstrava trazer consigo uma personalidade firme e decidida. Onde quer que fosse defendia o bem com garra, coragem, força, muita força, com “unhas e dentes”. Porém, a garota era extremamente enérgica na luta e defesa do amor e da verdade. Se alguém lhe fazia algum mal ou algo ruim a qualquer pessoa próxima, Joana entrava em ação pondo em prática um método pessoal de acabar com o mal: discutia, criticava, gritava mais alto que podia, movimentava verdades duras contra os adversários e, se fosse necessário, entrava em uma briga para defender a vitória do bem. Levava todos os inimigos a sentirem vergonha do que estavam fazendo. Geralmente incutia o arrependimento, a vergonha de si mesmos e o choro da culpa. Joana era especialista nesse tipo de abordagem.

Certo dia, na saída da escola, do outro lado da rua, enquanto esperava a filha aparecer no portão, Dona Marisa presenciou uma dessas situações onde a menina defendia o bem com “unhas e dentes”. Isabel, uma colega de sala, sofria um ataque cruel vindo de outras meninas quando Joana apareceu e percebeu a maldade. Mobilizou imediatamente uma grande concentração de alunos no portão, todo mundo em círculo para ver a discussão, ansiosos em presenciar a briga das meninas. Joana bravejava alto contra as garotas. Após elas serem atacadas por todo tipo de ofensa, cansaram as resistências emocionais e entristeceram até às lágrimas.

A mãe de Joana resolveu aguardar um instante antes de intervir no conflito. Queria entender melhor como proceder com a filha depois do drama, mas Joana não demorou para fazer as malvadas abaixarem a cabeça, sentirem vergonha de si mesmas e saírem de mansinho. As garotas passaram no meio dos alunos que gritavam:

— FORA! FORA! FORA DA ESCOLA! FORA, FORA, FORA DA ESCOLA!

A caminho de casa, lado a lado, andando a pé, Dona Marisa alertou:

— Olha, filha, lembra do outro dia quando estudamos sobre o assunto? Jesus disse: na Terra só ficarão os mansos e humildes de coração!

Joana fez aquela cara de quem não liga muito ou não entende muito bem a ideia. Injuriada, a menina resolveu questionar:

— Jesus diz pra gente ser manso e humilde, mas como posso ser assim? Vou ficar parada e não fazer nada contra as crianças e as pessoas malvadas, abusadas, violentas, que perseguem ou machucam os mais fracos? Vou ficar quieta e não fazer nada contra aqueles que me desrespeitam, me xingam e tramam contra mim pelas costas? Sabia que na escola tem até crianças roubando os materiais dos colegas? Se não é para combater o mal, então eu vou parar, ficar na minha, de boa, deitar na minha caminha e deixar o mundo explodir sem fazer absolutamente nada para ajudar. É isso?

— Estás naturalmente enganada, minha filha! Jesus não disse para sermos preguiçosos e covardes, aceitando o mal como se fosse algo normal no dia a dia; não pede para sofrermos parados, calados, deixando os maus abusarem de nós mesmos ou dos outros. Não, o Mestre nos ensina a resolver o mal com cortesia!

— O quê? Mas o que, afinal, é cortesia?

— Cortesia é ser gentil, educada, generosa com as pessoas que tentarem te maltratar ou prejudicar alguém. A cortesia parte de quem sabe compreender a situação e a fraqueza das pessoas ligadas ao mal, usando gestos de bondade que façam elas mudarem de ideia. É preciso ter equilíbrio, paciência, um jeito de agir e de falar baseado no amor e no perdão, repetir a abordagem se for necessário, até transformar o mal alheio em fontes de bondade. Não dá para entrar na mesma sintonia da maldade: entendeu? Reagindo da mesma forma com grosseria, violência, estupidez, xingando, zombando, gritando, batendo você não vai ajudar a construir o Reino de Deus nos corações humanos, muito menos conseguirá construir no seu próprio.

Ainda um tanto injuriada, Joana resolveu concordar:

— Tá bom, mãe, entendi o que você quer dizer!

— E não se esqueça do que Jesus ensinou!

— Sim: “Os mansos herdarão a Terra”.

— Isso mesmo!

No dia seguinte, Joana, por meio de muito esforço, começou a praticar a cortesia com todas as crianças inconscientes imersas em maldades cotidianas. Aqui e ali procurava resolver os problemas utilizando palavras bem pensadas, gentis, educadas, com calma, por meio de gestos amorosos, cheios de compreensão e respeito pela fraqueza e fragilidade alheia. Por onde passava deixava sinais de um novo tempo, uma nova energia, energia de elevação, bem-estar e amizade. Muitas vezes precisou repetir o gesto cristão, pois o mal é teimosinho e caprichoso: demora a entender os próprios erros e os seus delicados problemas íntimos. Poucas vezes Joana precisou chamar um adulto, professor ou diretor, alguém mais próximo para ajudar a educar os mais cruéis. Suas palavras carinhosas e inteligentes davam conta de quase tudo. Conseguia resolver inúmeros problemas movimentando o poder da cortesia.

Juíza



Ludmila ainda era menina quando se apegou ao gosto de fazer justiça. Após assistir a notícia sobre a força e a ética de um Juiz reto e corajoso, exemplo inspirador de todo um país, a pequena criança passou a sonhar com a profissão, decidida a se tornar uma juíza de renome e acabar, por sua vez, com o mal que há no mundo. Já bem pequenina aplicava sentenças e condenações aos seus amigos, amigas, primos e primas:

“Machucou alguém: não brinca mais!”

“Pegou o brinquedo do outro sem pedir: é roubo. Não poderá brincar em grupo durante uma hora!”

“Estragou a brincadeira? Vai ficar preso no guarda-roupa, para aprender a lição!”

“Mostrou língua ou cuspiu? Receberá três beliscões de cada amigo!”

Ludmila pegava pesado, era bem inflexível, linha dura. Um tanto crescida, atingindo a juventude dos dias, apresentou o hábito de questionar praticamente tudo o que os adultos faziam, falavam ou decidiam em relação à sua vida, tendo ela o prazer de apontar os próprios erros e defeitos dos pais, tios, avós e assim por diante. Como ela não podia aplicar punições aos mais velhos, apresentava a justiça na forma de palavras rebeldes, insensíveis, na posição de revolta, gritando contra qualquer adulto considerado injusto ou falho. Falava o que bem entendia na cara da pessoa, sem rodeios, criticando o erro e o mal feito na política da tolerância zero.

Vó Maria percebeu o tamanho e a força deste “espírito de juíza” e como vinha se manifestando nas atitudes da neta. Havia um problema claro e Ludmila não podia enxergar naquele momento: o excesso de rigidez e inflexibilidade, a frieza, a indiferença, a própria tirania. Em um dia de festa na casa da avó a garota foi questionada pelos pais sobre o excesso deste espírito justiceiro. A família entrou, mais uma vez, em uma discussão problemática. Vó Maria estava presente, acompanhou tudo bem de perto. Mais tarde chamou a neta para sentar na varanda e conversar:

— Olha, filha, muito boa é a tua justiça, mas você está esquecendo de algo muito valioso!

— Ah, vó, bom que você me entende! Essa tal coisa valiosa, o que é?

— A Misericórdia!

— O quê?! — perguntou Ludmila quase nervosa.

— Justiça sem misericórdia é coisa errada de se praticar, erro grave, acaba com o bem, a vontade que as pessoas têm de evoluir e melhorar. Você poderia ter um olhar diferenciado, perceber e praticar a justiça pelos parâmetros do amor. Certamente teria parado a discussão e concluído: seus pais só querem te alertar, proteger e direcioná-la na vida, porque te amam.

Ludmila respondeu exaltada:

— VOCÊ TAMBÉM, VÓ? ATÉ QUANDO EU VOU TER QUE ATURAR A INJUSTIÇA DOS ADULTOS? LOGO FAREI 18 ANOS E ESTAREI LIVRE PARA IR ONDE QUISER E PRATICAR A MINHA JUSTIÇA SEM TODAS ESSAS COBRANÇAS DESCABIDAS!

Ludmila, inconsciente obviamente, não entendeu “nadica de nada” e continuou a viver julgando pessoas, coisas, o mundo, seus próprios pais e familiares sem a mínima piedade, um amplo entendimento e alguma tolerância. Com 18 anos arrumou um emprego, começou a faculdade e foi morar sozinha. Depois de muitos anos estudando, muito esforço aplicado, muita luta, conquistou o patamar e o cargo de Juíza em uma Vara Criminal localizada em outro Estado do país. Mudou de cidade, mudou de vida e levou consigo sua particular noção de justiça.

Pessoa dura e inflexível, logo que começou a aplicar sentenças os condenados sofreram com penas máximas. Nenhum choro de mãe desesperada, nenhuma esposa pedindo recurso, nenhum avô, avó solicitando julgamento mais brando aos seus, nenhum filho implorando uma nova chance aos pais, nada podia amolecer aquele coração fechado e impiedoso, quase cruel. Mas Deus, que é sábio e justo por natureza, não quer nenhum dos filhos perdido no caminho da tirania.

Certo dia as Leis Divinas colocaram Ludmila numa situação delicada. Mulher já feita e mãe de um filho muito amado, viu seu tesouro mais precioso ser levado à julgamento por ter assassinado uma pessoa enquanto dirigia bêbado e em alta velocidade pelas ruas da cidade. Não foi a primeira vez de Rodrigo no tribunal sendo julgado por um erro tão grave. Em outro tempo saiu da prisão após pagar fiança, mas agora, se fosse condenado podia parar na cadeia e permanecer encarcerado por muitos anos. E dessa vez Ludmila não podia cuidar do assunto. Juiz que é da família ou próximo a ela não pode julgar o caso: é contra as regras.

Sem remédio para a dor e a angústia de mãe, Ludmila pôde acompanhar, tão somente, o julgamento da plateia, assistindo sem recursos o desdobrar dos fatos. O juiz escolhido para o caso era um ex-aluno da faculdade, das aulas de Direito. Aluno dedicado, havia aprendido com a professora a postura linha dura, a inflexibilidade no ato de julgar, a aplicação da lei em suas penas máximas, a tolerância zero.

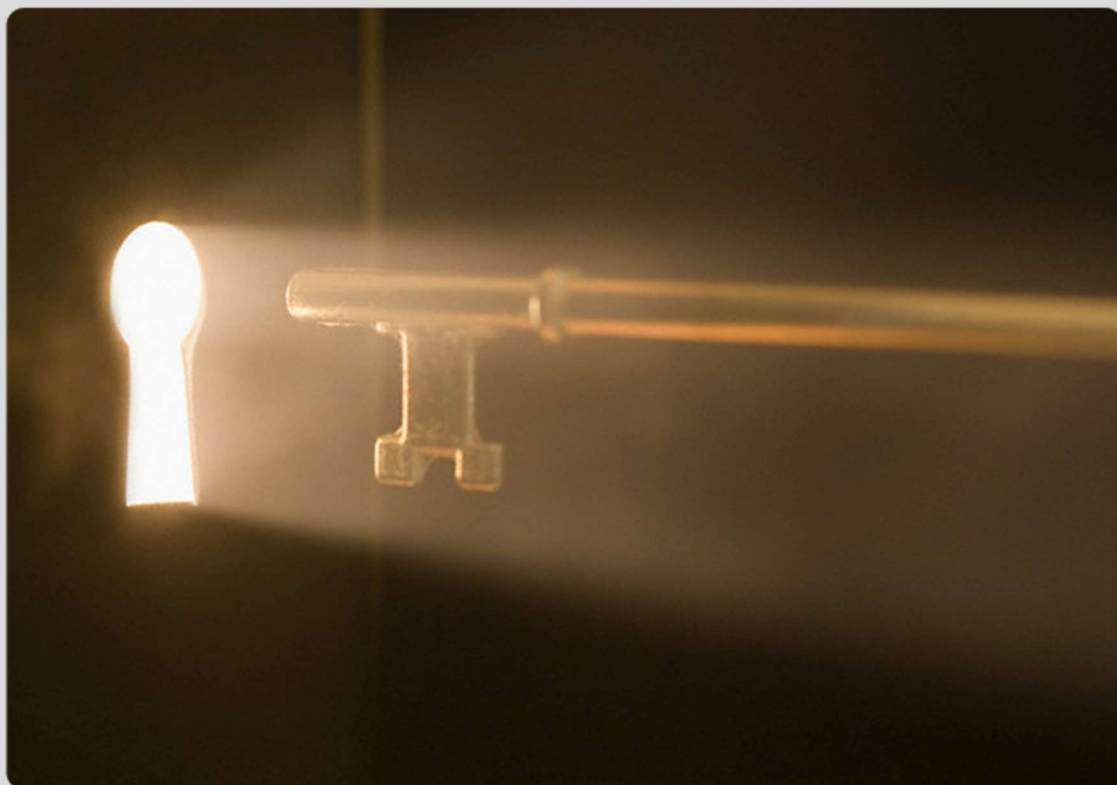
Mesmo sabendo sobre quem se tratava a mãe do acusado, a presença e o sofrimento da estimada professora não mudou o julgamento do Doutor Demétrio. Ele executou a justiça e aplicou a pena máxima. Rodrigo recebeu a sentença: trinta anos de prisão sem direito a pagar qualquer fiança para sair da cadeia. Ludmila, da plateia, tomou um choque quando ouviu o veredito. Segurou o choro na garganta para não gritar de sofrimento, tamanha a dor moral que inundou sua alma.

Que dor, que sofrimento! A ausência do filho lhe causou imensa desilusão, anos de depressão e muita luta para reerguer emocionalmente. Passou longas horas meditando sobre as lições da vida. Lembrou as palavras da vó Maria e refletiu muito sobre o sentido da verdadeira justiça. Descobriu em si mesma o juiz tirano que condenou o filho. Não havia chance de uma maior compreensão, traços de piedade ou de amor.

Após o acontecimento a juíza mudou de postura. Tornou-se mais humana nos julgamentos, ponderada, mais cuidadosa e consciente sobre o impacto das sentenças.

Tornou-se em todos os sentidos uma pessoa mais generosa — Cristã. Sempre que podia, permitia a lei e assim o entendia, aplicava medidas educativas antes de prender um ser humano atrás das grades. Quando prendia analisava de tempos em tempos a conduta do condenado e avaliava uma nova chance de liberdade. Ludmila aprendeu, enfim, que a justiça deve sempre andar de mãos dadas com a misericórdia, o amor, a caridade, e tudo mais que engrandece e enobrece o juízo humano.

O Desafio de uma Família



Outro dia a gente teve que assistir um estudo dos adultos. Não tinha evangelização porque a sala passava por reformas. Eu achava muito chato ficar sentado ouvindo os adultos falarem sobre coisas difíceis de entender, mas para minha surpresa a professora da vez contou uma história superinteressante sobre o Evangelho, e eu entendi. Ela falou mais ou menos assim:

“O pai de uma família muito simples faleceu, deixando para a esposa e os três filhos nada mais do que um pequeno baú de mão trancado à chave. Após o luto da perda os herdeiros resolveram abrir a caixa. Encontraram inúmeros papéis e várias contas a pagar: a prestação do carro, da TV, da geladeira nova, um empréstimo em dinheiro feito no banco, contas de água, luz, telefone e internet atrasados. Com tais dívidas vinha a soma da necessidade diária de ter comida na mesa para quatro pessoas se alimentarem.

Uma semana depois do triste enterro, consciente de tantas responsabilidades e da nova situação, a mãe chamou os três filhos para conversar — Mônica de 15 anos, Jean de 13 e Carlos, que estava para fazer 18.

— Olhem, filhos, agora a mãe precisa da ajuda de todos vocês! Do contrário, podemos passar por grandes necessidades!

Os três jovens acenavam positivamente com a cabeça, mostrando entender a gravidade do problema. Continuou a mãe:

— Eu vou arranjar um emprego, o Carlos também! Nós vamos pagar as contas, manter a comida na mesa e comprar os materiais escolares para os três continuarem estudando, enfim, tudo o que precisar para se ter uma vida digna. Você, Mônica, depois do dever de casa e do descanso, ajudará a mãe com algumas tarefas da casa. O Jean vai te ajudar com a limpeza dos banheiros e manter o pátio limpo. Cada um fazendo a sua parte, depois do dever da escola, é claro, tudo ficará organizado e limpo rapidamente, sobrando muito tempo para o descanso e o encontro com os amigos.

Todos eles responderam conforme o esperado:

— Tá bom, mãe! — disse Carlos.

— Pode deixar comigo! — falou Jean.

— Nós vamos passar por essa! — afirmou Mônica.

Na semana seguinte todos os espíritos daquela morada faziam a parte combinada. Ajudando com as dívidas, com a manutenção de uma vida digna, com a construção de um lar harmonioso e alegre, os quatro integrantes, semelhante a uma grande equipe, iam vencendo todas as dificuldades materiais e fortalecendo o laço de família.

Após três anos de muito esforço conseguiram pagar todas as dívidas. Carlos trabalhava durante o dia e estudava à noite, na faculdade de engenharia; Mônica iniciava o curso Técnico de Enfermagem e Jean prestes a terminar o ensino médio. Dona Fernanda continuava sua luta pessoal de todos os dias, bem cedinho, saindo para trabalhar no lar de outras famílias na função de empregada doméstica.

O resultado do valoroso esforço? A família conseguiu atingir uma renda extra para passear, melhorar o espaço da casa com algumas reformas, comprar um computador e uma impressora para auxiliar os estudos e, principalmente, compartilhar a nova

condição de conforto com famílias carentes, comprando, todo início de mês, cestas básicas e cobertores para doar a quem precisa.

Tudo andava bem! Nada mais esperavam. Entretanto, coroando tamanha felicidade, certa noite, quando faziam o “Evangelho no Lar” Jean abriu ao acaso um versículo do antigo testamento que dizia: “O senhor não deixa com fome as almas dos justos” (Livro dos Provérbios, capítulo 10, versículo 3).

Todos perceberam a sintonia da mensagem com os desafios enfrentados pela família desde que o pai desencarnou. Com muito esforço, humildade, honestidade e boa vontade ninguém passa necessidade e ainda há muito tempo e recursos para se dedicar à solidariedade universal.

A Receita da Felicidade



Théo passara boa parte do verão numa colônia de férias, lugar imensamente lindo, cheio de crianças, com alojamentos rodeados de gramados, um riozinho de água pura logo adiante e um bosque de árvores do outro lado da margem. Quando calor era costume na colônia brincar nas águas mananciais, mergulhar à vontade e passar boa parte do dia nas gramíneas verdejantes próximas ao bosque. Havia ali grandes possibilidades de alegria, mas algo totalmente diferente aconteceu com Théo durante essas férias.

Lá estava ele no ônibus, banco da frente, retornando para casa: sentado, mega chateado, cara fechada, braços entrelaçados à mochila, bravo. Uma insistente memória o entristecia. Durante todo o período de férias as crianças do alojamento não lhe deram a mínima atenção. Em diversas ocasiões sentiu-se desprezado em suas propostas e ideias.

Théo propunha alguma brincadeira — todos negavam;

Théo queria ser ouvido — não escutavam;

Théo queria ser o líder — ninguém lhe obedecia;

Théo procurava compreensão — ninguém o entendia;

Théo queria sentir-se parte do grupo — poucos permitiram a amizade;

Já o Alex, as crianças o seguiam e admiravam, era o preferido.

Alex inventava brincadeiras e todos brincavam;

Alex falava e a maioria escutava;

Alex dizia para eles fazerem isso ou aquilo e todos obedeciam;

Alex falava, se explicava e todos entendiam, ou fingiam entender;

Alex tinha um grande grupo de amigos que o considerava e tinha por ídolo.

Théo estava bem magoado! Desceu do ônibus do mesmo modo como descem as crianças irritadas, entrou em casa batendo a porta, subiu as escadas sem falar com ninguém. Dona Lúcia percebeu o problema quando passou correndo pela sala. A mãe não perdeu tempo, subiu para conversar:

— Filho, posso entrar? ... O que foi, Théo? O que aconteceu?

— Ah, mãe, as férias foram muito ruins! Nunca mais quero pisar os pés naquele lugar!

— Mas por quê?

— Porque ninguém me deu “bola”! Foi tudo muito chato!

— Explique melhor! O que aconteceu?

O menino não queria comentar os fatos, mas a mãe insistiu com sabedoria:

— Filho, fala para sua mamãe, como você gostaria de ter sido tratado pelas crianças da colônia?

— Ah, mãe, eu queria que elas me considerassem, me ouvissem, compreendessem, me respeitassem, fizessem um pouco das coisas que eu digo! Queria ver a galera aceitando participar das minhas ideias, queria que não me xingassem e fossem mais amigas!

Neste momento da conversa dona Lúcia, amorosamente, colocou em cena um precioso ensinamento de Jesus:

— Então, meu filho, se quer que te ouçam, te respeitem, te compreendam e participem das suas ideias, faça aos outros a mesma coisa que gostaria fosse feito para você mesmo!

— Não entendi! — replicou Théo.

— Explico melhor: para ser ouvido é preciso primeiro aprender a escutar os colegas com paciência e dedicação, da mesma forma que você gostaria escutassem eles a você; para ser respeitado, respeite o outro/os outros da mesma forma que gostaria de ser respeitado; seja compreensivo da mesma forma que espera compreensão! Dessa forma você será um menino considerado e terá amigos te ouvindo, te respeitando, amigos de verdade, participando das suas ideias. Mas não espere que o outro comece e faça primeiro, antes de você. Experimente começar por sua vez, sem esperar a iniciativa alheia. Aplique essa verdade antes de qualquer um. Garanto que terá resultados extraordinários mais adiante.

— E se eu fizer tudo isso, mas eles não mudarem, não me ouvirem, não me considerarem?

— Podem não mudar rapidamente ou não mudarem quando no momento que você deseja, podem até mesmo demorar para lhe retribuir todo o carinho e respeito que merece, mas fazendo a coisa certa, com calma, sabedoria e amizade chegará o momento de receber de volta todo o bem que plantou. Dessa forma você verá o movimento da Lei de Amor, a maior de todas as Leis de Deus. Confia nessa verdade, meu filho, e fique em paz! — concluiu a mãe. — Agora que tal modificar essa energia negativa? Vai lá tomar um banho bem quentinho e relaxante! A mamãe irá fazer aquela panqueca deliciosa para você comer. Está com saudade do seu prato preferido?

— Sim, mamãe, e como! Então está bem! Vou me esforçar para agir com o próximo da mesma forma que espero aja ele para comigo! — disse Théo com grande calma.

Depois de pequeno silêncio ele olhou no fundo dos olhos de Dona Lúcia e completou:

— Te amo!

— Eu também te amo, meu grande aprendiz! — respondeu ela com lágrimas nos olhos, gotinhas que não chegaram a cair.

Depois do abraço e do beijo apertado Dona Lúcia foi preparar a panqueca. Lá da cozinha podia ouvir um menino alegre, contente, cantarolando enquanto tomava o seu banho:

*“Uma palavra tão linda
Já quase esquecida
Me fez recordar.
Contendo sete letrinhas
e todas juntinhas se lê cativar.
Cativar é amar, é também carregar,
Um pouquinho da dor
Que alguém tem que levar.
Cativou, disse alguém,
Laços fortes criou.
Responsável tu és pelo que cativou.”*

O Candidato à Felicidade



Certa vez eu ouvi minha vó contar uma história baseada num livro de Chico Xavier. Gostei tanto que pedi para ela contar de novo no dia seguinte, e de novo no terceiro dia, e mais uma vez, e outra, até eu gravar tudinho. É sobre um jovem candidato à felicidade que queria adquirir os dons de Deus. Ele orava com muita fé, pedindo, suplicando para o todo poderoso enviar-lhe estas possibilidades; e como parecia merecer algumas chances, a entidade criadora de todo o Universo resolveu atender aos seus pedidos.

Primeiramente o jovem candidato solicitou a riqueza. Ficou rico, rapidamente rico e com grandes facilidades materiais. Em breve tempo, entretanto, fascinou-se pelos papéis-moeda, escravizou-se aos cofres e às contas milionárias. Gastou grande parte da vida defendendo a fortuna contra usurpadores mal-intencionadas, bandidos, ladrões, charlatões de todo tipo.

Certo dia, já cansado e doente de preocupação concluiu que a riqueza não trouxe a felicidade desejada. O homem, então, pediu a Deus a permissão de exercer a liberdade sem limites, e recebeu-a sem ressalvas. Todavia, tão logo começou a agir como bem entendesse notou-se perdido, com muitas dúvidas sobre o que fazer e para onde ir. Trilhou caminhos perigosos, ligou-se a pessoas de má-influência, criminosos, entidades

sem compromisso com a vida, quase morreu em um assalto após uma noite de festa, etc., etc., etc. A vida sem limites tornou-se um campo de desastres.

Novamente cansado em face de tantos problemas e perigos, o candidato à felicidade pediu aos céus o dom do poder. No final do ano foi eleito presidente do país. Mas não demorou a entender o problema de liderar um grande número de pessoas. Atraiu para si o ódio e a revolta de muitos, inimigos gratuitos, preguiçosos de toda parte, invejosos interessados em tomar o seu poder. Não havia paz e vivia com medo de ser traído pelos próprios amigos ou colegas de trabalho.

Poucos meses depois, exausto do poder, o candidato pediu a Deus recebesse o dom da inteligência avançada. Desiludiu-se novamente. O brilhante médico, pesquisador de doenças, foi inserido em uma trama horripilante, obrigado a mentir sobre a gravidade de certa epidemia e esconder a cura que ele mesmo havia encontrado. Se revelasse a sua descoberta toda a sua família poderia ser assassinada.

Frustrado com a experiência e alcançando já os setenta anos de idade, o candidato à felicidade pediu para ser jovem novamente, bonito, exuberante, retomando a saúde de outros tempos. Mas assim que experimentou o vigor dos vinte anos caiu em depressão. A juventude não proporcionava calma e tranquilidade ao espírito, muito menos os dons da sabedoria e do amor, ingredientes adquiridos com tempo, experiências e muita meditação. Num corpo mais jovem vivia ansioso e sem saber o que fazer para encontrar o caminho mais adequado aos seus anseios.

O homem, então, implorou a Deus para lhe adiantar alguns anos e lhe oportunizar uma nova família: queria uma esposa, queria se casar, amar outra pessoa. Apareceu a mulher perfeita que compartilhou com ele um ninho de paz e de amor. O dois tiveram três filhos lindos e muito generosos. O candidato à felicidade sentia-se feliz, enfim. Porém, um certo dia, sem avisar, a Lei de Causa e Efeito chamou de volta ao mundo espiritual a esposa e os três filhos. No acidente de carro sobreviveu tão somente o candidato à felicidade, a se culpar pela morte de toda a família.

Angustiado, depressivo, doente e enfraquecido o homem viveu mais alguns anos até alcançar, uma vez mais, a velhice do corpo. Prestes a desencarnar um enviado de Deus apareceu. Perguntou se desejava mais alguma coisa. O candidato à felicidade respondeu:

— Não, meu amigo! Estou cansado de tantas experiências árduas, sofridas, dolorosas e cheias de ilusão!

O espírito, então, explicou:

— Meu irmão, os maiores dons de Deus esqueceste de pedir! Esqueceste de pedir a coragem e o bom ânimo para te sustentar nas provas da vida; a resignação e a fé para superar as dificuldades; a paciência e o amor para fazer de cada experiência um ponto de luz em tua alma! Venha comigo, voltemos ao tempo quando eras um lindo bebê na barriga de uma bela mãe. Poderás recomeçar a vida física aplicando os ensinamentos do Cristo.

Foi assim que o candidato à felicidade reencarnou a centésima milésima vez.

A Caridade Desconhecida

Na região de determinada cidade havia uma comunidade muito pobre onde viviam milhares de pessoas: ruas sem asfalto, iluminação pública precária, rede de esgoto à céu aberto, falta de água e luz com certa frequência, etc., etc. Apesar das dificuldades, viviam na comunidade muitas pessoas de bem, honestas, sinceras, trabalhadoras.

No conjunto desse povo forte morava, em uma mesma casa, pai, mãe, sete filhos e a avó materna, família numerosa dividindo dois quartos, pequena sala, um banheiro e a cozinha. Os pais dormiam em um cômodo com mais dois filhos; outros dois dormiam com a avó no segundo quarto e três ficavam na sala. Não havia cama, somente colchões. O dinheiro dos salários mais a aposentadoria da boa senhora eram destinados ao sustento das 10 pessoas. Apesar das dificuldades era uma família batalhadora, honesta, generosa.

As crianças da família eram privadas de muitos prazeres ligados à fase infantil. Sobre os brinquedos: as três meninas compartilhavam duas bonecas e os quatro meninos possuíam dois carrinhos e uma pipa cada um; no único guarda-roupa da casa apenas um conjunto de “roupa nova” para cada menina vestir em ocasiões especiais.

Procurando superar algumas carências as crianças costumavam inventar brinquedos de madeira com taboas e pedaços de madeira recolhidos a esmo ou encontrados aqui e ali nos terrenos baldios da comunidade. Os inventores sabiam como utilizar materiais de sucata para criar ambientes de fantasia e objetos variados, por exemplo, uma pista de carrinhos com canos de plástico ou uma casinha de bonecas com pequenos armários abandonados pelos moradores nas calçadas.

Todos os sete, sem exceção, sonhavam com os pais ganhando na loteria ou ficando ricos por meio dos seus empregos. Todavia, as duas alternativas estavam bem distantes da realidade. Certo dia sentaram juntos para conversar sobre essa possibilidade, de ficarem ricos, ganharem na loteria e mudar de vida da noite para o dia. Marquinhos se adiantou:

— Se eu ficar rico vou comprar uma casa nova para cada pessoa da minha família.

— E eu — afirmou Isadora —, vou dar um carro para o papai e comprar muitas bonecas; vou montar uma coleção delas e encher o quarto com princesas.

— Eu vou comprar uma casinha de bonecas do tamanho de um caminhão! —
Exclamou Patrícia ingenuamente.

— Pois se eu ficar milionário — disse Kauã —, vou comprar um carro importado e investigar na minha carreira de MC.

— Vocês não sabem de nada! — provocou Lenin indignado. — Eu quero ficar rico para ajudar todo mundo da comunidade! Sim, senhor! Vou fazer do nosso bairro o bosque das mansões, vou asfaltar todas as estradas, colocar luz nos postes, tampar o esgoto atrás da nossa casa, construir um parque gigante e muito mais.

Todos concordavam que, para realizar os seus desejos precisariam, primeiro, da grande sorte. Dos sete irmãos Ana e Vitor foram os únicos que não falaram nada a respeito. Os dois pensavam um pouco diferente, na verdade muito. Não tinham a intenção de conquistar a riqueza para só depois pensar em ajudar as pessoas. Queriam se sentir bem, estar bem, tão somente bem e passar uma infância tranquila, estudar, brincar, colher alegrias e ser feliz na medida do possível. Mas no fundo sentiam enorme vontade de concordar com os outros cinco. Ah, se tivessem muito dinheiro a vida de toda a comunidade poderia ser diferente, muito melhor!

Certa noite porém, iluminada de estrelas, todos os sete acompanharam a avó Bernadete no Centro Espírita mais próximo: outra casinha simples, de madeira, com um ranchinho de fundo dedicado à evangelização. Na sala magnetizada por energias espirituais transcendentais todos aprenderam sobre a caridade desconhecida, aquela que não precisa de nenhum tostão para ser realizada. Mas, como era de se prever, dos sete irmãos apenas Vitor e Ana prestaram a devida atenção e entenderam profundamente a lição, guardando a máxima de Jesus na alma e no coração.

Após descobrirem o segredo da caridade desconhecida uma força nova e potente tomou conta dos seus espíritos, um poder acionado pela boa vontade e a certeza de que o amor representava o tesouro mais precioso de todo o Universo. Nos dias imediatos e nas semanas seguintes Ana e Vitor passaram a cuidar do clima de amizade e de paz em qualquer lugar que recebesse tais presenças renovadoras. Em uma briga de irmãos ou entre os amigos lá estavam eles para separar os oponentes, acalmando os corações mais furiosos. Toda vez que uma criança vinha lhes prestar uma fofoca ou falar mal de alguém, fingiam não ouvir ou mudavam de conversa, lembrando ainda das qualidades e das coisas boas que a pessoa atacada tinha para mostrar ao mundo. Quando brincavam

com os vizinhos Ana e Vitor dividiam os poucos brinquedos que possuíam. Um dia Vitor conseguiu evitar inúmeros acidentes após empurrar para o lado uma grande pedra jogada no meio da rua. Ana salvou uma amiga deficiente evitando que caísse da cadeira quando todos estavam distraídos. Vitor ajudou um senhor idoso a subir a ladeira da comunidade com todas aquelas compras e sacos pesados; Ana a uma senhora após tropeçar, cair na calçada e cortar o rosto no muro. Vitor parava para ouvir os amigos quando vinham pedir ajuda ou chorar as suas tristezas; Ana fazia o mesmo e os dois sempre transmitiam palavras de incentivo para alegrar os tristes, os desiludidos, os injustiçados e, principalmente, os dramáticos.

Os irmãos aprenderam a praticar o bem sem cogitar o fator da riqueza material ou do dinheiro. Cada vez que empregavam a caridade desconhecida um ponto de luz surgia em seus corpos sutis. Ao lado dessas crianças, todos os dias, aumentavam o número dos anjos vindos de outras esferas, atraídos pelos mensageiros de amor que cresciam e se desenvolviam no coração daquela comunidade. Esta equipe de espíritos ajudava, abençoava e protegia os pequenos discípulos do Cristo. E para concluir é preciso revelar: Ana e Vitor, com o tempo, ficaram verdadeiramente ricos, muito ricos, ricos do TESOURO DO CÉU.

Riqueza



Diogo, desde os 9 anos de idade, foi ensinado a ser prudente e fazer economias, juntar dinheiro, valorizar as conquistas materiais. Os genitores o ensinaram o valor de administrar os próprios ganhos, planejar o que se gasta e guardar sempre um pouco da mesada ou do salário para dias futuros. Na última reencarnação o garoto viveu na posição de um comerciante bem-sucedido, rico, muito rico, entretanto, totalmente indiferente à ideia de utilizar a fortuna no bem-estar e no progresso coletivo. Naquele tempo Diogo vivia somente para o seu próprio benefício.

Era a vez e a oportunidade de fazer diferente, ser menos apegado ao dinheiro e às riquezas de outrora. Corpo novo, vida nova, grandes chances. Mas um forte e antigo desejo de ser rico, e muito rico, começou a surgir na intimidade do garoto. Queria tornar-se um milionário, se possível, bilionário. Dos sete aos vinte e sete anos de idade passou a juntar mesada sobre mesada, moeda sobre moeda, dinheiro sobre dinheiro, utilizando toda a energia para estudar e trabalhar com determinação, visando a conquista de extraordinária fortuna. Adquiriu o diploma de Administrador, juntou algumas economias e, com a ajuda dos pais, montou um supermercado em região movimentada da cidade. Sempre lotado de clientes, passou a amontoar grandes volumes de dinheiro.

Com as novas reservas adquiriu um espaço maior, um supermercado maior, e depois outro, depois outro e mais outro, até possuir toda uma rede de lojas em diversas cidades da região. Trabalhando arduamente, longas horas todos os dias, encontrou tempo para casar com uma bela e adorável amiga de infância, tendo com ela dois filhos lindos e saudáveis. Muitos anos de trabalho, muito esforço para crescer financeiramente e estava milionário, rico, extremamente rico. Os cofres e as poupanças do banco encontravam-se cheios de dinheiro, os negócios bem encaminhados.

Até aí tudo bem. Em certo momento da vida, entretanto, depois de dar conta do sucesso material, fruto do suor e do trabalho honesto, Diogo resolveu parar um pouco e apreciar a sua vida particular, ver com um olhar mais lúcido como estava a sua própria casa, o seu lar, a família, os filhos, os amigos, o progresso das redondezas, do bairro, da rua onde morava.

Saiu de casa numa manhã de sábado com a intenção de dialogar com os vizinhos. Não fazia isso há muito tempo. Ao se aproximar, antes de ser notado, identificou velhos colegas, alguns deles moradores do bairro, falando mal da sua pessoa, das suas conquistas materiais, criticando a vida que ostentava e os filhos do seu lar, os quais chamavam de “fúteis, mimados e imprestáveis”. Quando perceberam a presença de Diogo, espantados, mudaram de assunto e de fisionomia, sorrindo para ele com um ar de simpatia.

— Mas olha quem vem aí? Diogo: o homem mais rico da cidade! Como vai meu amigo, e como está a família?

Irritado com tamanha falsidade Diogo deixou-os sem resposta e voltou para casa. No dia seguinte, na parte da noite, marcou um reencontro com antigos amigos dos tempos de escola, pessoas as quais não travava contato há mais de oito anos. O encontro seria na casa do homem rico. Alguns momentos de conversa e o anfitrião percebeu claramente as más intenções dos visitantes, concluindo por ele estar na presença de amigos em virtude da atração que possuíam pelo seu patrimônio. Dois deles chegaram ao ato de pedir dinheiro emprestado bem no meio do jantar.

Na segunda-feira pela manhã, já profundamente decepcionado, resolveu visitar o seu primeiro e agora maior de todos os supermercados, para saber como andavam as rotinas, o negócio em si, rever antigos funcionários, andar novamente por aqueles

corredores. Entretanto, Diogo não costumava fazer isso na segunda-feira, dia reservado para visitar a fazenda no interior da cidade.

Quão magoado não ficou quando chegou sem ser percebido e notou vários funcionários de confiança falando mal do patrão pelas costas. Diogo saiu rapidamente do local tomando cuidado para não ser percebido. Sentia no coração um misto de raiva, tristeza e dor moral. Voltou para casa à procura do colo, do carinho e do consolo da esposa, mas Viviane não parava em casa. Sua vida era visitar shoppings centers e lojas da região na ânsia de compensar a falta de felicidade gastando tempo e dinheiro com tudo aquilo que não precisava. Fazia isso há muito tempo, como forma de preencher a ausência do marido nas longas e intermináveis horas de trabalho com os supermercados.

Notando a falta da amada procurou pelos filhos. Queria conversar com alguém de confiança, que possuísse algum carinho para com ele, alguma consideração, mas ao chegar no quarto, posicionado atrás da porta, o pai pode ouvir os jovens discutindo enquanto jogavam no videogame. Disputavam em palavras quem iria ficar com a maior parte da herança quando o pai, enfim, morresse. Diogo quase caiu para trás após o choque emocional diante da terrível frieza e cruel ingratidão. Saiu cambaleando e falando sozinho:

— MAL, MAL, MUITO MAL ISSO, QUE DESGRAÇA!

Desnorteadado, apavorado, a vida do rico estava um caos, cheia de inveja, falsidade, maledicência, futilidades, desamor. Tinha todo o dinheiro do mundo, no entanto, viu-se pobre, muito pobre de paz, carinho, harmonia, equilíbrio, lealdade, de alegrias, contentamento. Ninguém gostava da sua pessoa, nem mesmo a mulher e os dois filhos. O homem tornou-se triste, depressivo, doente, emagreceu, perdeu o sentido e a vontade de viver, chegou a pensar em suicídio.

Certa noite, porém, depois de derramar densas e demoradas lágrimas, Diogo lembrou de algo importante, algo esquecido por ele fazia muito tempo. Lembrou que Deus existe e pulsa em todos os lugares, em todos os caminhos, em todos os corações. Orou fervorosamente à entidade criadora do Universo, Pai e Mãe de tudo o que existe. Pediu ajuda, pediu paz, pediu consolo, uma direção. Em seguida adormeceu no quarto de hóspedes qual se fora um passarinho perdido à procura do ninho. Dormindo teve um sonho. Um espírito protetor veio ao seu encontro e ao chegar lhe disse com ares de advertência, mas também de muito carinho:

— Diogo, Diogo, todo o dinheiro movimentado a favor do bem é igual à água pura fluindo no rio da vida, levando alegrias e bênçãos para o oceano de amor que reside em nossa alma. Mas toda riqueza parada nos cofres, nos bancos, no egoísmo, e utilizada de forma equivocada é igual a uma poça de lama tomada de água podre e parada no tempo. Então por que, Diogo? Por que fizeste da tua riqueza uma poça de sujeiras? Volta, volta e transforma este dinheiro que adquiristes em sementes do bem e do progresso, do amor e da felicidade na vida dos teus semelhantes.

Diogo acordou de um salto, extasiado, feliz, contente e agradecido com a resposta celeste! No dia imediato começou a usar parte da riqueza para ajudar os vizinhos em suas dificuldades materiais. Afastou-se dos amigos interesseiros e dedicou maior tempo na construção de projetos beneficentes em um bairro pobre da cidade; aumentou o salário dos seus funcionários com a intenção de lhes proporcionar mais sustento e conforto; passou a tratá-los com cortesia, gentileza, benevolência; financiou a materialização de um lar para idosos de baixa renda, a construção de um clube comunitário para a prática de exercícios físicos, uma clínica de desintoxicação para dependentes químicos; criou a campanha do “Pão para quem tem fome” e das “Roupas para quem precisa”. Diogo passou a construir obras de amor por onde passava, e nunca mais parou! Fazia o dinheiro bem empregado multiplicar os benefícios e as bênçãos da caridade, movido pelo único interesse de proporcionar segurança, bem-estar, paz e progresso às comunidades. Continuou o trabalho com a rede de supermercados, é claro, mantendo a administração da própria riqueza. Todavia, boa parte do tempo e do que sobrava em seus lucros movimentava a favor do bem, do amor, da solidariedade.

A esposa e os dois filhos o diagnosticaram como louco e quiseram interná-lo numa clínica psiquiátrica, mas não conseguiram! E o homem transformado, fortalecido, contente, passou a conquistar algo diferente no campo sentimento, uma alegria oculta que nascia na alma, uma fonte pulsante e transformadora. Diogo pode sentir a felicidade chegar, bater na porta, entrar em seu coração e nunca mais sair.

O que é Essencial?



Uma mulher riquíssima, dona de vários empreendimentos e lojas de grife, resolveu viajar em um cruzeiro com a sua filha. Além de rica era muito famosa, todos a conheciam, admiravam, paravam-na na rua para pedir autógrafos.

Chegado o dia da viagem, ao adentar a estrondosa embarcação, a mulher foi recebida com grande pompa e bajulação; todos os favores lhe eram direcionados. Seus empregados acorriam para dar conta das bagagens e, dentre as malas sofisticadas, duas delas estavam cheias de joias preciosas, peças que a ilustre dama costumava usar em suas aparições públicas ou em ocasiões especiais.

A excursão seguia tranquila quando, em certa manhã nevoenta, o navio apresentou uma infiltração no casco, buraco gerado pela batida em algum objeto não identificado. A enorme embarcação começou a afundar. Muito longe do litoral, de alguma porção de terra que pudesse lhe abrigar dos perigos, uma onda de pânico tomou conta das pessoas. O chamado de socorro foi emitido em direção ao continente, mas levaria muitos dias até a chegada dos bombeiros. Botes salva-vidas foram preparados com urgência para garantir a vida de alguns tripulantes. A mulher ilustre foi convidada a entrar em um

deles com o fim de salvar a sua vida e a vida da sua filha. Neste momento dramático ela abraçou a pequenina e falou com ternura em seu ouvido:

— Não se preocupe, meu amor, vai dar tudo certo!

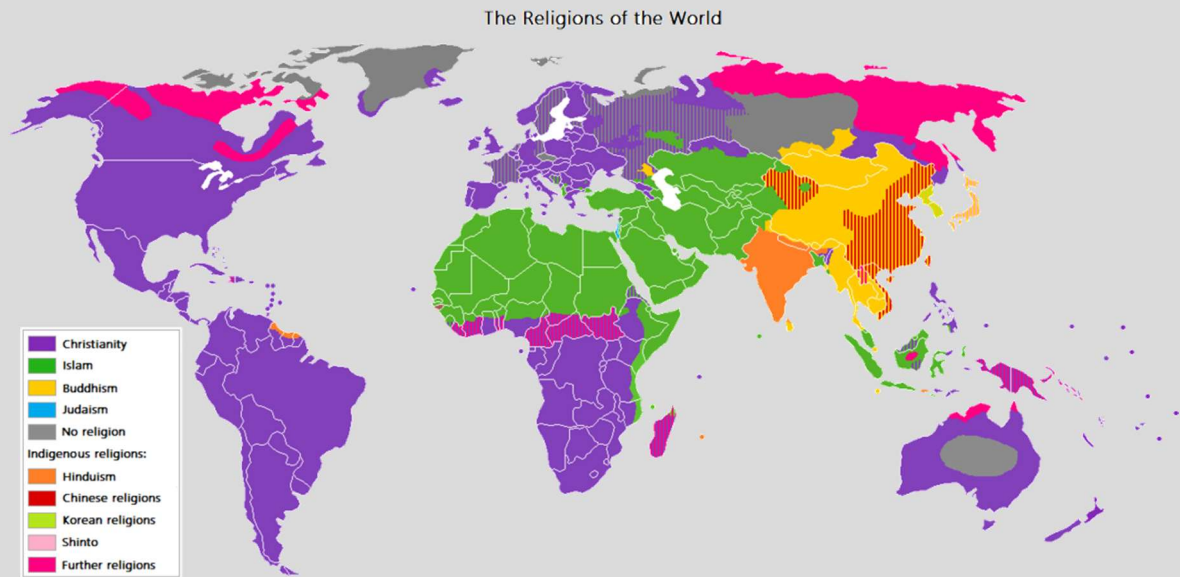
Dentro em pouco as duas desceram pela lateral do navio incluídas na pequena embarcação. Acompanharam-nas outras pessoas escolhidas por ordem de prioridade. A ilustre dama partia sustentando a filha em um dos braços e uma pequena maleta em outro. Os companheiros do bote não aguentaram a curiosidade, cochichando vez em quando sobre o conteúdo da pequena maleta, supondo que a tal mulher procurava salvar algumas das suas joias mais preciosas. Contudo, para surpresa de todos, após dois dias de muita aflição, no momento de maior necessidade, ela abriu a maleta e apresentou o conteúdo, afirmando em boa voz:

— Minha filha é meu único e maior tesouro. Nessa maleta trago comigo comida enlatada e água pura para não morrermos de fome ou sede durante a espera do resgate.

Todos os fofoqueiros, é bom que se diga, sentiram o peso do arrependimento e da vergonha, todavia, serviram-se dos alimentos e da água pura oferecida pela nobre dama, saciando as necessidades básicas e preservando suas vidas durante os longos dias em mar aberto. Os mantimentos evitaram o adoecimento e a morte de quantos ali se encontravam.

Dentro de uma semana chegou o tão esperado socorro. Todos foram resgatados com vida. A mulher ilustre, apesar de muito rica e poderosa, sabia o detalhe: a felicidade real não está fundamentada em riquezas passageiras e no apego material. Um dia todos somos obrigados a nos separar dos bens exteriores pelas portas das emergências existenciais, uma delas a própria morte do corpo físico.

A Melhor Religião do Mundo



Três jovens estudavam na “Escola da Vida”, um longo e imenso prédio de três andares localizado no coração da cidade: alunos da mesma sala de aula, terceiro andar, quarenta passos à direita da escada. No centro do pátio um lindo jardim cortado por trilhos de cimento e ladeados por canteiros de flores multicoloridas; uma quadra de esportes mais ao fundo e o parque infantil imediatamente ao lado; mesas e bancos aqui e ali e um maravilhoso palco de madeira construído próximo aos bebedouros; na frente da escola uma guarita, o seu porteiro, cercas e muros de proteção e a entrada para as pessoas, veículos dos funcionários, dos ônibus escolares, carros dos familiares, etc.

Carla, Ariel e Pâmela adoravam estudar na Escola da Vida, mas os três amigos também amavam aprender em outro local de grande importância, dedicado ao ensino de conhecimentos essenciais, lugar onde cada um podia aprender e praticar as verdades relacionadas à sua fé.

Carla era evangélica: duas vezes por semana participava, feliz, dos cultos da igreja e mais duas vezes do grupo de jovens orientado pelo Livro Sagrado, o Livro da Vida, o Evangelho. Omar, católico, acompanhava a catequese aos sábados e frequentava a missa todo domingo. Participante do coral e voluntário nas leituras da palavra sagrada durante as horas dedicadas à igreja. Pâmela não perdia a evangelização do Centro Espírita que passava duas vezes por semana em sala separada e durante a palestra dos adultos. E

tinha mais! Na própria Escola da Vida os três também participavam da aula opcional de Educação Religiosa oferecida pelo colégio toda terça-feira na parte da manhã.

Poucos alunos frequentavam a disciplina, mas quem se reunia para as aulas do professor Miro adorava estar em sua presença. A forma como ensinava e aplicava as matérias do conhecimento religioso era algo fora do normal, muito legal. Certo dia, durante o debate sobre a história da fé, começou uma discussão entre Pâmela, Carla e Ariel sobre qual dos três detinha a melhor religião.

— Com certeza minha religião é a melhor, tem mais fieis e seguidores, mais fama e poder diante da autoridade divina! — disse Ariel cheio de si.

— Não viaja! — exclamou Carla irritada. — Todos sabem, minha igreja e minha religião são as maiores de todos os tempos!

Pâmela rebateu com expressão:

— Vocês dois não sabiam que o Espiritismo é mais aperfeiçoado? Fomos umas das últimas religiões a surgir na Terra, e diz no evangelho: “Os últimos serão os primeiros!”

Os ânimos se exaltaram e a discussão começou a ficar mais agressiva. Professor Miro interviu rapidamente pondo fim no assunto e convocando todos para o próximo tema. Os três, agora quietos, se entreolhavam com ar de soberba e desconsideração, vez em quando escondendo um sorriso de deboche ao pensar sobre a religião do colega.

Na semana seguinte, em situação semelhante, porém mais delicada, a turma do professor Miro estava com um compromisso marcado para visitar uma Casa Lar ligada ao acolhimento de crianças vulneráveis, aquelas que sofrem por conta da pobreza extrema, que passam fome, perdem a vitalidade e a capacidade de estudar, de manter a saúde, crianças com problemas de violência e outros abusos sofridos em suas casas ou qualquer outra situação mais grave relacionada aos seus direitos. Estas crianças são retiradas das suas famílias e enviadas para uma Casa Lar. Lá ficam durante o tempo determinado pelo juiz, antes de serem adotadas ou voltarem para o lar de origem, retornando para os pais somente quando apresentam condições de garantir a segurança e o bem-estar dos filhos.

Os alunos do professor Miro deveriam realizar um trabalho escolar junto às crianças da Casa Lar, alguma atividade relacionada ao poder do bem viver, da força de vontade, da fé, da humildade e da paciência. Cada grupo trabalharia com um dos quatro

temas. Pâmela, Ariel e Carla foram escolhidos para “bolar” algumas historinhas sobre o tema da fé. Revelariam seus textos para as crianças no dia da visita. A única condição exigida pelo professor era para que as histórias possuíssem mensagens com o tema escolhido e conectadas com a esperança, a paz e o perdão, elementos fundamentais e complementares a toda pessoa humana.

O grupo dos três achou a tarefa muito fácil, fácil demais, tranquilinha, pois conheciam diversas histórias sobre valores morais e atitudes positivas que circulavam no seu meio religioso. Reunidos durante o tempo de aula para escolher e decidir qual seria o plano de trabalho, Ariel queria e insistia para que as histórias fossem retiradas da sua religião, a Católica. Seria bom contar algo sobre a vida dos santos, mas Carla “bateu o pé” e exclamou:

— Nada disso! Precisamos ler histórias da bíblia, histórias do antigo testamento, do “Livro do Êxodo”!

Pâmela achou um absurdo, pura besteira. Falou que na Doutrina Espírita podiam encontrar histórias superiores. Na verdade, os três não conseguiram se entender e perderam o foco do trabalho. Novamente a discussão sobre as próprias religiões:

— Você está doida, Pâmela! — disse Carla. — O Espiritismo não é coisa de Deus! Venha para minha igreja e será salva!

— Não fala assim! A sua religião que é ruim: a sua e a do Ariel!

— O quê? Quem disse? Vocês duas seguem a mentira e a ilusão! A religião Católica é a primeira, a única que honra a Deus e a Jesus!

A discussão durou até o final da aula: duas horas de desentendimentos sem nenhum proveito. Quando o professor encerrou o prazo estipulado ao planejamento das tarefas, Carla, Pâmela e Ariel não tinham sequer uma linha, um texto ou qualquer história para contar. O mestre, então, tomou a palavra:

— Parabéns a todos que fizeram a sua parte! Carla, Omar e Pâmela, porém, não irão à visita da próxima semana!

— Mas por que, professor? — perguntou Pâmela chateada.

— Porque vocês não têm nada para apresentar! Perderam o tempo em discussões inúteis e com elas a chance de fazer o bem aos semelhantes!

— AH NÃO, PROFESSOR! — respondeu Ariel irritado. — A gente pode terminar em casa, fora da escola ou algo assim! — disse o estudante querendo mudar a decisão.

— Não! A tarefa era para a sala de aula — continuou o mestre. — Nosso tempo já é pouco, uma vez por semana. Os seus colegas agora irão tirar as dúvidas, trocar ideias com a sala, aperfeiçoar o trabalho no coletivo e corrigir possíveis erros. É o que faremos depois do recreio. Aliás, eu também avalio o trabalho em equipe, o espírito de grupo e o quanto cada é solidário com o outro aqui mesmo, na sala de aula.

— Ah, nada a ver! — exclamou Pâmela.

— Tudo a ver! — disse o mestre. — Qualquer discussão que tire nosso foco do trabalho edificante é tempo perdido, sem proveito, inútil, atraindo mais problemas para a nossa vida.

Professor Miro fez um pequeno instante de silêncio. Logo após questionou os alunos da sala:

— Me digam todos! Qual é a melhor religião do mundo?

E ninguém soube responder. Alguns até quiseram professar “A melhor religião é a minha, professor!”, mas preferiram o silêncio. Senhor Miro, então, respondeu a própria pergunta:

— A melhor religião do mundo é aquela que conduz mais almas para Deus em matéria de espírito e verdade, na forma do amor e da generosidade!

E sem mais nada para comentar o mestre liberou a turma para o recreio. Apesar dos pesares os jovens, chateados, um tanto amargurados com o problema, aprenderam a lição, porque nos dias e aulas posteriores pararam de discutir sobre quem possuía a melhor religião. Lamentaram perder a chance de trabalhar no bem, é claro. Entretanto, certamente não iriam desperdiçar as próximas oportunidades, aproveitando o tempo oferecido na Escola da Vida para materializar o bem e o amor conforme a Religião da Tolerância e da União.

Fanáticos

Quatro crianças religiosas, todas muito fanáticas e ligadas de reencarnação em reencarnação pelos laços do passado, nasceram novamente na Terra para encontrar o caminho do silêncio interior e da paz orientada ao esforço no bem. Seriam amigas, vizinhas durante um certo tempo e acabariam estudando na mesma escola.

Tudo correu conforme o previsto do nascimento à primeira infância, mas assim que cresceram um pouco mais e desenvolveram certa capacidade de debater ideias, passaram a gastar longo tempo em conflitos delicados em torno da temática sobre quem ou o que é Deus. A menina defendia que Deus era um homem velho, de barba grande, túnica branca, que tinha um cajado seguro pela mão direita. O menino afirmou ser Deus uma entidade de mulher protetora da natureza, de aparência jovem, forte, com roupas indígenas e olhos da cor do sol. Outro amigo reclamava irritado porque Deus deveria ser algum tipo de super-herói ainda não descoberto pela televisão e os videogames. A última criança tinha certeza de que Deus era um meteoro de luz vivendo escondido nos confins do Universo, e que vez em quando se unia a uma estrela-guia para criar algo novo ou fazer uma visita à Terra.

A divergência de opiniões sobre quem ou o que é Deus fez surgir uma guerra declarada entre os quatro. Depois de várias discussões e intrigas passaram a se odiar e querer o mal um do outro. Começaram com a triste ideia de transformar materiais escolares em armas de combate. A menina, todo dia, na fila da cantina, passou a espetar os outros três com uma ponta de lapiseira. O menino colocava tachinhas pontiagudas nas cadeiras onde os colegas sentavam. Outro menino andava sempre com uma régua na cintura, para bater nos adversários se viessem falar sobre um Deus diferente do seu. A quarta criança costumava colar chicletes mascados dentro das mochilas dos outros três.

A coisa estava ficando muito delicada, para não dizer perigosa. Os responsáveis dos pequenos fanáticos foram chamados para uma conversa com a Diretora. Ouvindo os detalhes dos fatos os pais ficaram surpresos e boquiabertos perante as atitudes dos filhos. Não esperavam tanto ódio e tanta violência por um motivo tão desnecessário. Afinal os quatro amigos estavam disputando, e com violência, quem teria a verdade sobre Deus, a sua forma e a sua origem. Naquela mesma noite as famílias se reuniram,

obviamente cada uma em seu lar, para conversarem com os fanáticos e esclarecerem o erro grave que estavam cometendo.

— Filha, por que ficar espetando os amigos com uma lapiseira, machucando o semelhante só por causa de uma ideia diferente sobre o que seja o nosso Deus? A lapiseira serve para você aprender, registrar nos cadernos da vida o exercício da sabedoria. E de onde você tirou essa ideia de que Deus é um homem velho, barba grande, túnica branca, que possui um cajado na mão? Essa leitura é muito antiga e ultrapassada. Vamos parar imediatamente!

Em outra residência, alertava a mãe atenciosa:

— Filho, Gaia, nossa mãe Terra, Deusa que acreditamos possuir a divina essência, não nos criou para a guerra, para colocarmos tachinha nas cadeiras dos colegas, machucando nossos irmãos. Por favor, pare com isso! Seja amigo de todas as crianças e aprenda a respeitar a crença e a ideia de todo ser consciente!

— Ezequiel, meu filho — falou o pai —, o nosso Deus é o super-herói do amor e da sabedoria, não da violência. Pare de usar a tua régua como arma de ataque a quem pensa diferente de nós! Ora, régua é um instrumento útil para traçar linhas de inteligência, não para guerrear por uma desnecessária disputa de ideias! Já registrou o grande Mestre: *“a tua espada, porque quem com ferro fere, com ferro será ferido!”* Amém?

— Amém, pai! — respondeu Ezequiel.

E no último lar:

— Dolores, *“Ama o próximo como a ti mesma. Faça aos outros o que queres que eles te façam!”*. Espiritismo não rima com fanatismo! Até onde sabemos Deus não é um meteoro de luz e nem se liga a uma estrela-guia para criar novidades. Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, e muito mais! Ele está em todo lugar, inclusive dentro de você. Se não pode entender todas essas palavras aguarde o tempo de aprender! Chega de discutir com os amigos sobre religião e o que é Deus! Está bem? Estamos combinados?

— Sim, mãe! — exclamou a filha.

Nos dias posteriores aos alertas começaram eles a praticar o respeito pela religião e as crenças alheias, fazendo um enorme esforço para não discutir sobre o assunto que ainda empolgava. Três meses depois conseguiram se reaproximar e deixar as mágoas de lado. Um tempo mais e começaram a “trocar figurinhas”, se unir novamente. Brincando juntos, estudando juntos, conversando fraternalmente sobre todas as coisas transformaram-se em propagadores da fé e dos princípios fundamentais ligados ao Cristo.

Escola da Família

Yana tinha dez anos quando sua mãe resolveu frequentar um Centro Espírita na cidade onde moravam. Resolveu, por curiosidade, acompanhar a mãe e conhecer a nova religião. Dona Cintia assistia as palestras enquanto a menina participava da evangelização em uma sala separada dos adultos. “Puxa vida”, como eram legais as aulas sobre o Evangelho! Logo ao chegar a garota era direcionada para uma sala com muitas crianças diferentes e superamigas. Ali o conhecimento era aprendido com arte, dinâmicas, oração, vibração; havia conversas e debates inteligentes, cheios de respeito e, vez em quando todos assistiam um vídeo, um filme, ou visualizavam imagens inspiradoras no projetor de parede.

Yana adorava o novo ambiente, entretanto, voltando para casa, no apartamento onde morava, as coisas não iam bem. Uma pessoa muito importante em sua vida estava brava, muito brava com Dona Cintia. Nos últimos tempos vinha reclamando e criticando o fato de estarem frequentando um Centro Espírita. Essa pessoa dizia não acreditar em Deus, em Jesus ou qualquer coisa do tipo. Para ela Deus era o dia a dia, o trabalho, o sustento do corpo, o pagamento das contas, o próprio dinheiro e o conforto da matéria. Falava que a riqueza e, unicamente a riqueza, servia para se viver bem e curtir uma vida contemplativa. Reclamava, reclamava sem piedade, não dava trégua, incomodava mãe e filha nos dias de estudos e trabalhos da fé. Dona Cintia suportava as reclamações sem queixa alguma, mas também não deixava de frequentar o espaço onde aprendeu a amar a Deus sobre todas as coisas e procurá-lo no próximo como a si mesma.

Certo dia Yana surpreendeu a mãe desabafando com sinceridade:

— Mãe, tá muito chato! Ele vive “pegando no nosso pé”, e só por causa da nossa religião! Como é que a senhora aguenta?

— Nessas horas, minha filha, eu penso como Jesus pensou. Quem reclama de algo assim não sabe direito o que está fazendo. Então fica fácil para mim deixar o problema de lado e seguir em frente!

— Mãe, por que a senhora não manda essa pessoa embora das nossas vidas? — perguntou a menina sem maldade.

— Porque eu amo essa pessoa, minha filha, amo muito! Só mandaria embora se fizesse algum mal terrível a uma de nós. Essas reclamações bobas são passageiras. O lar, a família é assim mesmo, nem sempre acontece como a gente deseja. Às vezes surgem pequenas discussões, chateações, mal-estar, mas tudo passa! A melhor resposta, nestes casos, é o silêncio dos sábios: o silêncio cristão.

— Humm, acho que entendi! — exclamou Yana.

— Imagine o lar qual se fora uma linda rosa: o caminho até chegar ao seu perfume é cheio de espinhos, mas cada espinho é bem-vindo — continuou a mãe —, pois representa lições que a gente pode e deve aprender ao longo da vida em família! Você também ama essa pessoa, não é, meu amor?

— Sim, mãe, eu amo!

— Então aprenda a perdoar e não se zangue tanto! Vamos nos desviar desses espinhos para chegar às pétalas de amor que ele guarda no coração!

— Tá bom, mãe, captei a mensagem!

— Uhum! E que tal a gente ser mais esperta e conquistar o papai? Vamos dar bastante carinho e mostrar quão importante ele é para as nossas vidas! Nos dias de Centro Espírita vamos abraçá-lo muitas vezes e fazer convites afetuosos, pedindo para nos acompanhar. Vai que dá certo? Pode ser assim, minha filha?

— Eu topo! Vamos fazer bem assim como a senhora fala! — disse a menina toda empolgada.

Com duas semanas de amor intenso Seu Carlos amoleceu o coração. Começou a acompanhar Dona Cintia e Yana ao Centro Espírita. Em alguns anos olha ele firme na função, atuando como um dos trabalhadores da casa.

Em Tempos Não Tão Distantes



Minha vovó disse ter vivido em um tempo onde ainda existiam muitas crianças abandonadas morando nas ruas. Também contou ser comum ver os pequeninos naquela condição, pedindo esmolas e suplicando ajuda aos pedestres. As pessoas já não estranham, estavam acostumadas com a situação. Era normal ser abordado por alguma delas pedindo comida, água, dinheiro, roupas, cobertas, um banho.

Certo dia vovó disse ter presenciado algo transformador em sua vida. Parou de escrever na máquina onde trabalhava e resolveu observar, pela janela do escritório, o mundo lá fora, o movimento, o tempo, o clima, espiar a nova loja do outro lado da rua, o carro de som que passava, etc., etc. Viu crianças caminhando de mãos dadas com os familiares. Paravam em lojas, passavam tomando sorvetes, comendo um saco de pipoca, saboreando um pirulito e assim por diante. Todas elas cruzavam o caminho das crianças necessitadas, pedindo por ajuda e misericórdia, sentadas ou deitadas no duro chão das calçadas.

Vovó viu passar uma criança bem vestida, acompanhada de uma mãe distraída e apressada. Esta criança teve pena dos miseráveis. A mesma retirou do bolso algumas moedas e, como se estivesse jogando milho para as galinhas, atirou o dinheiro no ar em

direção dos famintos e seguiu caminho tão apressada quanto a mãe. Por quatro moedas as crianças pobres rolaram no chão e brigaram entre si.

Logo em seguida passou uma adolescente com a irmã mais nova. As duas pararam na frente dos pequenos famintos, movimentaram as mãos em um gesto religioso e rezaram rapidamente. Logo em seguida foram embora. Vovó disse que a oração foi bem rápida, muito rápida mesmo e foi só isso.

Mas eis que surge uma criança solitária. Ela havia soltado a mão do pai enquanto esperavam o semáforo abrir. Foi na direção dos sofrendores, agachou-se na frente deles e começou a conversar. O pai logo apareceu para acompanhar o filho. Já era fim de tarde e o frio de uma noite congelante começava a soprar. Vovó viu os dois saírem apressadamente. Minutos depois voltaram com comida, uma garrafa de chocolate quente e algumas cobertas quentinhas para todas as crianças. De repente, um dos meninos, muito doente, desmaiou de fraqueza. O pai levantou-o no colo, carregou o corpo magro até seu carro e, junto com o filho, saiu com o veículo a toda velocidade.

Vovó me contou nunca mais ter visto aquela criança. Porém, a atitude do filho generoso e do seu pai benevolente marcou profundamente o coração da minha boa velhinha. Desde então, disse ela, todo dia passava pelas crianças em situação de rua e deixava algo de bom para comer, agasalhos para aquecer, roupas, palavras carinhosas, carinho e tudo o mais que estava ao seu alcance. Vovó também me revelou a intenção de ter adotado todas elas, mas vovô não deixou.

Curioso, uma semana depois de mencionar essa passagem, minha contadora de histórias passou mal do coração. Nós chamamos a ambulância e os paramédicos vieram rapidamente. Quando chegaram imobilizaram seu corpo na maca. Eu achei-a meio “lelé da cuca” por causa do mal-estar e das tonturas, mas não! Nossa velhinha olhou na direção de um enfermeiro e disse:

— Meu Deus, parece que eu te conheço de algum lugar!

— Pode ser, Senhora, eu vivi nas ruas por muitos anos, até o meu Pai e o meu irmão aparecerem e me salvarem. Eles me adotaram.

— Sim, sim, é você! Meu Deus, meu Deus! Que lindo! Obrigada por este encontro!
— disse ela olhando para o céu.

Eu acho que o encontro fez muito bem à minha vovozinha, pois em algumas horas o coração já estava batendo em harmonia. Nós voltamos do hospital super felizes e, desde esse dia, o enfermeiro Milton passou a frequentar nossa casa como um verdadeiro membro da família.

O Excluído



Nossa cidade é pequena, pacata, segura, tipo uma vila do interior. Tem uma igreja, uma farmácia, dois supermercados, um posto de gasolina, a padaria, o postinho de saúde, a pracinha, o centro de eventos da prefeitura, algumas lojinhas e só. É um lugar bem tranquilo de se viver. Não tem grandes focos de pobreza e nem bandidos perigosos. Todos os cidadãos são pacatos e convivem bem desde o tempo dos meus tataravôs. Só tem um ser humano que incomoda a maioria dos habitantes da nossa questionável cidade, um senhor maltrapilho, morador de rua. Quando era pequeno, dizem, bateu a cabeça e ficou, como eu posso dizer, sem saber como cuidar da própria vida.

Seu Zé era um homem que vivia sujo, usava roupas rasgadas, de vez em quando doente e, frequentemente, abordava as pessoas pedindo esmolas, comida, um banho, roupas limpas, uma gilete para fazer a barba, um corte de cabelo. A maioria dos habitantes o desprezava, passava longe, falava mal da sua pessoa e de toda aquela condição miserável. Alguns, quando o percebiam vindo na mesma direção, cruzavam para o outro lado da rua; outros cuspiam no chão quando o encontravam, sentiam nojo; os donos das lojas o enxotam a vassouradas; os mercados e a padaria o ignoram; já foi até expulso do posto de saúde e dos bancos da pracinha por conta do mal cheiro.

Não sei como Seu Zé sobreviveu tanto tempo em nossa comunidade? Se fosse eu já teria ido embora! Um dia desses, resolvi espiá-lo, acompanhar de longe para ver como era o dia na condição de excluído. Me escondendo aqui e ali atrás de postes, lixeiras, árvores e na esquina de paredes passei a acompanhar o morador de rua, registrando o que fazia, onde ia e o que experimentava. De primeira vi o homem bater na porta de uma casa bem conhecida. Meu amigo Marquinhos abriu a porta, filho do dono da farmácia. Quando viu quem era começou a gritar:

— SAI DAQUI, SAI DAQUI, ZÉ BIRUTA! NÃO TENHO NADA PRA VOCÊ! VAI TRABALHAR, SEU MANDRIÃO! — e bateu a porta na cara do visitante.

Meu Deus, fiquei admirado com a reação do meu amigo! Por que fez isso? Coisa doida! Tratou Seu Zé com extremo desprezo e crueldade. Mais à frente o mendigo bateu na porta de outra residência, e quem atendeu foi Valentina.

— Ei, conheço ela! Estuda na minha escola! É aquela menina que anda com um carrão vermelho! Essa família tem dinheiro!

Eu consegui ouvir o mendigo pedir comida e água fresca. Valentina pediu que esperasse. Voltou logo com um saco de pão velho. Jogou no chão, no pés do homem. Junto com o pão arremessou algumas moedas que rolaram pela calçada.

— Tome aí, para você comprar um refresco!

Meu Deus! Eram duas moedas de vinte e cinco centavos! Com esse dinheiro, naquele tempo, mal compraria um copo d'água. Triste e cabisbaixo, Seu Zé saiu arrasado, deprimido, arrastando o pesado corpo sobre as pernas enfraquecidas. Dessa vez ele andou muito, foi longe, bem longe, e eu o segui. Fiquei mais cansado do que ele, garanto, e olha, eu tinha tomado um bom café da manhã!

Óh, grande surpresa! Seu Zé parou bem na frente da casa do prefeito, o prefeito da cidade: uma mansão daquelas. Agora eu tinha certeza do que ia acontecer — mais uma humilhação ao esfarrapado, mais uma chateação, mais um não e a porta na cara. Mas não foi nada disso que aconteceu. O filho do prefeito, jovem já formado, pediu com gentileza e amorosidade para Seu Zé entrar em sua casa. A porta fechou. Cara, eu fiquei curioso, muito curioso. Resolvi pular a cerca do quintal e espiar pela janela. Vi o menino colocando o homem à mesa e servir um saboroso sanduiche junto a uma xícara de café. Em seguida sentou com ele para conversar.

Meu Deus, fiquei surpreso! Depois de tudo que presenciei, aquele menino rico, filho do prefeito, ajudando um mendigo? Saí pensativo. Procurei o caminho de casa. Neste momento também caiu a minha ficha. Ora, eu mesmo, escondido, só fiquei espiando a vida do excluído sem nem pensar em ajudá-lo. Bisbilhotei até aquele momento e nada fiz de bom para reduzir o seu sofrimento. Senti um mal-estar, fiquei chateado comigo mesmo. Desde esse dia, toda vez que saia de casa e antevia cruzar o caminho do Seu Zé, levava comigo um lanchinho saboroso e uma garrafinha de suco.

Os tempos passaram. Atualmente eu e o filho do prefeito somos adultos maduros e grandes amigos. Trabalhando eu na Assistência Social e ele na função de Vereador da cidade conseguimos elaborar e aprovar um projeto para ajudar pessoas na mesma situação de rua a reconstruírem suas vidas em comunidade. A ideia foi tão bem aceita pela sociedade que ganhou fama e se estendeu para outras cidades do país.

Um dia desses descobri o segredo. Perguntei ao filho do prefeito em uma das nossas muitas conversas:

— Afinal de contas, Cristofer, com quem aprendeste a ser tão generoso e tão ocupado em melhorar a vida dos sofredores.

Ele olhou para o céu, respirou profundamente e me respondeu:

— Com Jesus, amigo! Com Jesus!

O Exemplo e o Esforço



Seu Raul era especialista na materialização da “Arte do Palhaço”. Por meio de tal recurso artístico conseguia arrancar sorrisos dos corações mais tristes e deprimidos. Todo final de semana preparava a fantasia e a maquiagem, juntava os apetrechos das brincadeiras, tomava seu filho pela mão e partir para visitar alguns Lares de Idosos, Lares de Crianças Vulneráveis e dois hospitais da região. Organizava a agenda de modo a visitar um ambiente a cada 7 dias.

O filho ajudava o pai carregando a maleta de surpresas, observando de perto todas as peraltices do bom palhaço. Gustavo também adorava participar das brincadeiras e conquistar seus próprios sorrisos. Entretanto, para a tristeza geral de quem os conhecia, a reencarnação de Seu Agenor não durou muito tempo. O pai de Gustavo apresentou uma grave doença vindo a falecer meses após a descoberta.

O filho, agora com 9 anos de idade, sentiu profundamente o choque da perda, qual se fora uma pedrada no coração. Ele e a mãe, no entanto, receberam o consolo e o carinho de muitas pessoas amigas que vieram ao enterro para prestar gratidão, contar as boas lembranças e dedicar todas as homenagens possíveis ao benfeitor da alegria. Foi tão linda a cerimônia! No final todos aplaudiram de pé.

Acordando da matéria no mundo espiritual Seu Raul percebeu-se em uma região deslumbrante, uma comunidade avançada e resplandecente. Ali passou por um

tratamento e a recuperação do trauma recente. Nessa comunidade do além continuou trabalhando e evoluindo. Aguardou doze anos até obter permissão de voltar à Terra e rever a família. Mas ó, quando retornou, em espírito, Seu Raul não encontrou o filho. Procurou-o por meio do sentimento e da energia que os conectava.

O pai foi atraído para um Lar de Idosos. Avistou Gustavo vestindo a sua velha roupa. Pulava, virava cambalhotas, arrancava sorrisos e gargalhadas, apresentava um palhaço superdivertido e generoso. Para a surpresa do pai o filho havia superado, em muito, as habilidades do seu mestre na arte de fazer sorrir.

Que lindo, que surpresa! O espírito podia registrar inúmeros raios de luz sendo emitidos pelos corações dos idosos na direção do filho.

Inundado de lágrimas, feliz, muito feliz, o genitor agradeceu a Deus pela surpresa. O que Gustavo passara a conquistar em matéria de amor e fraternidade, afinal de contas, tinha sido inspirado pelo exemplo do próprio pai, mas, acima de tudo, era o resultado glorioso do seu próprio esforço.

Isa

Em Busca da Compreensão

Depois da última evangelização Isa, uma garota de 11 anos, pediu licença à sua mãe para esclarecer dúvidas importantes:

— Mãe?!

— O que foi, minha filha?

— Ontem, na evangelização, aprendemos sobre os vários tipos de caridade, sobre ajudar diferentes tipos de sofrimento, mas eu não entendi muito bem. Por que a gente precisa ajudar os ricos, ou as pessoas que tem saúde, ou quem está frequentando uma religião, pessoas que já possuem facilidades e o sentimento da fé para guiar a própria vida? Estão todos numa boa, vão muito bem.

— Não é bem assim que acontece — respondeu a mãe. — Acredite: quem adquiriu bastante dinheiro e poder, muitas vezes, passa por grandes dúvidas e aflições, cometendo graves erros, comprometendo a própria vida; quem tem uma religião, por exemplo, pode sofrer de desilusão por não conseguir respeitar e seguir as Verdades Divinas, e isso, com toda certeza, causa muita tristeza, conflito e até depressão; quem está com saúde certamente passará por dores e dificuldades ao longo da vida, senão agora, mas daqui a um tempo.

— Ah, mas as pessoas muito boas, super legais, que fazem o bem sem olhar a quem, essas não precisam de ajuda!

— Precisam sim! Para fazer o bem é preciso superar inúmeras barreiras, vencer a si mesmo, seus instintos egoístas, superar as humilhações e o desânimo que o mal tenta impor aqui e ali para acabar com as atitudes e os planos das pessoas de bem. As boas almas necessitam manter a esperança, a boa vontade e a própria fé; para isso contam com o nosso apoio. Fortaleçamos elas por meio das nossas melhores vibrações e de uma presença direta em suas obras!

— Mãe, e a criança bem cuidada?

— Auxiliemos sempre!

— E os velhinhos com tudo em cima?

— Amparemos com tolerância!

— E os professores?

— Respeitemos sua autoridade e auxiliemos ainda mais, pois vez em quando estão estressados e desanimados com o seu trabalho!

Isa pensou um pouco, silenciou alguns instantes e perguntou novamente:

— Mas e o bandido, o ladrão, o malvado! Precisamos ajudá-los também?

— Precisamos! Oremos por eles e peçamos a misericórdia de Deus, pois quando surge o tempo da culpa e do remorso esses espíritos caem no abismo do sofrimento, tamanha é a dor do arrependimento. Somente mãos amigas e muita energia positiva para ajudá-los a retomar o caminho perdido.

— E... e... e... — Isa queria pensar e fazer mais algumas perguntas. Dona Catarina interrompeu:

— Ajudemos todos sem hesitar!

— Puxa vida, mãe! É isso, então? Mas tem muita caridade pra gente fazer!?

— Sim, sim! O amigo, a amiga em situação de tristeza, aquele colega com ódio, a colega que pratica o *bullying*, o mentiroso, a fofoqueira, o preguiçoso, o corrupto, a vaidosa, etc., etc., etc.

— MINHA NOSSA! — exclamou Isa.

— Ao lado do bem o ajudamos a se fortalecer, evoluir e seguir adiante. Percebendo o mal vamos até ele para ensinar, ajudar com toda a certeza e transformar suas fraquezas em pontos de luz, de uma bondade nova.

— Então é isso! — concluiu Isa demonstrando maior entendimento.

— Isso mesmo! — continuou Dona Catarina. — Vamos lá, mão na massa, mãos à obra! Não perca tempo perguntando sobre que tipo de pessoa você pode ajudar ou que tipo de situação você pode atuar! Simplesmente ajude com toda a força, sentimento e sabedoria armazenados em tua alma! E não gaste tempo criticando, procurando defeitos nos outros, dizendo que não tem tempo ou não tem energia para ser útil! O sofrimento

do próximo, o seu próprio mal, não precisam de juízes e condenações, mas da nossa piedade, da nossa compreensão e consolo, de uma ação cristã verdadeira!

— Entendi, mamãe! Entendi! — respondeu Isa com um sorriso.

Dona Catarina beijou carinhosamente a testa da bem-amada, arrumou-a melhor embaixo das cobertas e desejou uma confortadora noite de sono. Antes de encostar a porta olhou para a filha e registrou:

— Não esqueça de praticar essas verdades!

— Pode deixar, mamãe! Vou tentar, vou começar, vou praticar, vou ajudar, ser útil, uma fonte de amor e de caridade conectada à usina de Deus.

Catarina, sua mãe, surpreendida, deixou o quarto com grande esperança.

Ei, Dor!



— Linda história, mamãe! Adorei o novo livro! Agora vou dormir. Boa noite!

Ficou sozinha no quarto. Apesar de gentil e educada, de todas as boas palavras, Nina andava triste, deprimida. Desde muito vinha pensando friamente sobre o problema do ser, do destino e da dor. Espírito antigo em um corpo novo. Muito sabia por ela, muito pensava, refletia. E a dor era o tema que mais lhe incomodava, mais lhe doía. Não conseguia entender ou, quando conseguia, não podia aceitar o porquê dos sofrimentos e das aflições.

Aquela noite em especial guardava uma surpresa nova, um presente do mais alto. Seu Espírito Protetor foi autorizado a retirá-la do corpo e levar Nina, em espírito, para um lugar infinitamente lindo, perfeito para uma conversa reveladora. O objetivo: aplacar as dúvidas de Nina.

O Espírito recebeu a permissão de gravar todo o encontro na memória da menina, fazendo com que lembrasse de tudo ao acordar. E assim o fez! Levou Nina a um dos lugares mais bonitos da Via Láctea. Quando lá estavam, acomodados entre flores e pássaros exuberantes, sentados à sombra de árvores frondosas, aspirando doces perfumes, começou a conversa tão aguardada:

— Em que posso te ajudar? Desde algum tempo venho notando a tua tristeza. — disse o Anjo.

— É que eu queria saber... Mais do que saber: entender... Mais do que entender: queria compreender e aceitar o motivo.

— Qual motivo?

— Por que Deus criou a dor, o sofrimento e a aflição?

— Deus criou somente a dor e algumas doenças; não é responsável direto pelo sofrimento e a aflição. Os dois últimos são opções, formas de passar pelas dificuldades escolhidas pelos homens e mulheres que vivem neste planeta.

— Mas se Deus não criou ele permite!

— Sim!

— Então Deus sabia que existiria o sofrimento e a aflição pelos erros do livre-arbítrio?

— Sim, sabia! É uma das suas características tudo saber, porque, do contrário, não seria a perfeição suprema.

— E por que Deus permite a dor, o sofrimento e a aflição?

— Para despertar, para preservar, chamar a atenção, para corrigir, ensinar, transformar, evoluir e tantas outras funções onde a dor, os sofrimentos e as aflições têm papel fundamental na obra do Criador.

— Por que, então, a maioria de nós não consegue sofrer contente, resignado, sorrindo, “tipo assim”, feliz da vida?

— Porque a tristeza tem também a sua função mobilizadora. Em dose divina é fonte de reflexão, forma para renovar ideias e mudar a direção dos caminhos humanos.

— Mas a maioria das vezes não é só a tristeza, mas o desânimo, a depressão, a perda do sentido de viver, perda de energia, a vontade de isolar e sumir. Tem a rebeldia, a raiva da situação, o choro do ódio, o sentimento de impotência, algumas pessoas até se suicidam.

— Nós, aqui do outro lado da vida, que jamais os abandonaram, mas que também não podemos obrigá-los a escolher o melhor caminho, lamentamos muito esses exageros do drama e os crimes que praticam contra si mesmos.

— Ainda assim é difícil de entender! Por que Deus não criou outra forma de evoluir: mais branda, menos penosa, sem tantos sofrimentos?

— Boa pergunta! Para essa questão nem eu tenho a resposta e, talvez, Deus nunca te responda! Analise bem: se você criasse um desenho, simples desenho, um “sol”, por exemplo, e alguém viesse lhe questionar por que você fez dessa ou daquela forma, por que escolheu essa e não outra, uma e não várias cores, por que o sol está nesse canto da folha, não em outro, por que não tem dois sois no papel, por que não fez metade sol, metade lua e assim por diante, qual seria a melhor resposta?

— Ora, o desenho é meu! Foi assim que escolhi materializá-lo. Foi a melhor forma que encontrei para fazê-lo.

— Da mesma forma acontece com algumas perguntas que chegam ao Criador. Cabe aceitar fazer parte da sua sabedoria e escolha divina o problema da dor, do sofrimento, as aflições, as doenças, a própria Lei de Destruição. É preciso não só aceitar, mas estudar, compreender, saber como funcionam os mecanismos desses momentos evolutivos, para aprender com a sua passagem e seguir em frente pelo rumo da eternidade. Aliás, tudo isso é apenas uma parte de uma certa fase evolutiva. Quem já aprendeu não sofre mais, sabe como se prevenir dos desequilíbrios e ganha, assim, outros desafios universais.

— Então você me diz que a dor e tudo o que vem com ela não será para sempre, faz parte de uma fase e um tempo evolutivo em nosso caminho para Deus?

— Exatamente! Se não puder ver ou compreender o porquê pelo menos aceite, simplesmente aceite, exercite a fé, a resignação e a esperança, deixando a dor fazer o seu trabalho espiritual de renovação.

— Estou entendendo que precisamos sofrer parados, calados, sem buscar a solução das dores e seus respectivos problemas.

— É claro que não! Todos podem e devem procurar a saúde, a paz de espírito. Para isso a Terra já possui inúmeros recursos, a Terra e o Mundo Espiritual que a

acompanha. O problema é ver a dor como uma inimiga, sentir desespero ou revolta quando ela aparece. Dores, doenças são partes da vida e do progresso humano.

— Anjo amigo, acho que agora entendi. Agradeço as explicações. Pediria somente um exemplo vivo para fixar na memória!

O espírito sorriu bondosamente. Olhando fixamente nos olhos da menina, compartilhou pequeno conto:

“Dingo nasceu banhado de esperança, de carinho, de cuidados, de amor. Ao seu lado, desde o início da reencarnação, uma mentora espiritual o seguia de perto: um anjo de Deus escolhido para auxiliar o seu desenvolvimento na passagem pelo planeta. Desde bebê os pais do menino e a superprotetora do além faziam o possível, por vezes o impossível para protegê-lo de todo perigo. A guia espiritual não se afastava nem por um segundo, tanto de dia quanto à noite. Na escola, durante a fase de aprender a ler, escrever e contar Dingo recebia energias para fortalecer a concentração e a memória. No caminho de casa direcionava o seu caminhar de modo a evitar acidentes. Muitas vezes o impediu de cometer erros, erros muito graves, garantindo a saúde e a paz durante a primeira infância. Afastava, inclusive, os obsessores gratuitos que queriam prejudicá-lo. Por meio de bons pensamentos e dos seus mais puros sentimentos sempre convidava o pequenino a contemplar as maravilhas da criação. Sua vigilância e cuidado tornavam os dias calmos e felizes, as noites serenas e renovadoras.

O relógio do tempo, apesar de tudo, correu na linha da eternidade. Dingo chegou à adolescência sem grandes dificuldades. Dezessete anos de vitalidade, uma saúde forte, inundado de energias para a vida adulta. Mas havia um problema; na verdade, alguns problemas. Até aquele momento o garoto nunca lembrou de agradecer a Deus pelos benefícios da infância e as facilidades da juventude. Em breve tempo, surpreendendo a todos, ele mudou de postura: tornou-se rebelde e mal-intencionado. Contaminou-se com as manifestações do orgulho e da soberba. Entendeu, de si para consigo, ser tão importante quanto o dono do mundo e achava que tudo deveria girar ao redor da sua vontade e dos seus caprichos. Na relação com os semelhantes passou a humilhar os mais fracos, ser deseducado com os adultos, indiferente e desrespeitoso para com a namorada, pessoa essa que planejava um futuro ao seu lado. Adquiriu inimigos em toda parte. Não bastasse, começou a responder verbalmente para os pais e bradar

mentalmente para a própria guia espiritual em expressões de grosseria e total estupidez, tampando os ouvidos para toda sugestão do amor.

A mentora espiritual não desistiu. Procurava de todas as formas protegê-lo de si mesmo. Trabalhou para evitar sua queda no mundo da bebida e no consumo de drogas: não conseguiu. Tentou orientá-lo aos estudos edificantes e ao trabalho renovador, porém, a ideia de esforço nesse sentido passava longe dos seus desejos. Procurou protegê-lo das novas e perigosas amizades: tudo em vão. De fato, Dingo colocava a própria evolução em perigo, teimando em não escutar os alertas do mais alto. Por esse tempo outro anjo de maior hierarquia apareceu para a protetora espiritual e ordenou com sabedoria:

— Alexandra, precisas te afastar, acompanhar esse espírito de longe, deixando de interferir na forma direta! É a hora da dor e do sofrimento corrigir o seu caráter, ensinando, por sua vez, os valores necessários à espiritualidade. Se não permanecer na revolta quando surgir o novo remédio e aproveitar para meditar, aprender com as dificuldades, certamente se tornará um novo Dingo até o fim deste corpo!

— Anjo amigo — disse ela —, assim o farei!

Alexandra deixou de ajudar o tutelado mais diretamente, acompanhando a uma certa distância o desenrolar dos fatos. As leis de Deus, que jamais dormem ou cochilam, começaram a cobrar uma solução, trazendo para a vida do desequilibrado algumas lições impregnadas de dores físicas e morais. Era o tempo da colheita.

Primeiramente Dingo perdeu a linda e sensível namorada: ela terminou o relacionamento. Depois disso surgiram alergias e doenças estomacais, o impedindo de beber e ingerir qualquer tipo de droga. Dois de seus amigos o enganaram e traíram, causando um episódio de filme policial: Dingo foi parar na delegacia. Tornou-se, enfim, um homem adulto, rolando pela vida de aflição em aflição, de dor em dor, de sofrimento em sofrimento. Veio a tristeza e a depressão, terapias de longo tempo.

Sem maiores forças para desperdiçar com exageros e os erros do livre-arbítrio, resolveu direcionar a própria vontade na busca por uma profissão digna de futuro. Mais algum tempo de sofrimentos e a sua alma serenou, aplacou os instintos inferiores, procurou a maturidade. Nesse período afastou-se definitivamente das más influências, apareceram novos e melhores amigos. Há poucas semanas conquistou o perdão da

namorada e a nova chance de provar o amor em uma experiência a dois. Começava a aprender os valores do trabalho, da humildade, da bondade, da honestidade, a fidelidade, a paciência, o amor e a paz disponível a todos os que querem viver em harmonia com o Universo, em sincronia com o Criador. Dingo aprendeu a ser grato pela saúde e equilíbrio, pelas derrotas e pelas vitórias, pela própria dor e sofrimento, retomando, por sua vez, o caminho da felicidade.”

Concluída a pequena história Nina chorava discretamente abundantes lágrimas de alegria. Entendeu, enfim, a sabedoria do tema. Correu em direção ao mentor, abraçou-o com sinceridade. Sem mais nada a acrescentar o guia a tomou em seus ombros e levou-a de volta para a Terra. Aconchegou-a novamente no corpo físico e operou na memória a lembrança do encontro para quando acordasse no dia seguinte.

Nina lembrou de tudo, todos os detalhes. Acordou bem-disposta, inundada de fé e de esperança. Em sua alma vibrava uma nova energia, uma fonte de sabedoria, uma força guia que a faria ressignificar e aprender grandes lições com as questões mais sensíveis da vida, notadamente a solução da dor, dos sofrimentos e das aflições.

Caminhos



Vovô me contou que quando era jovem tinha muitos amigos, amigos muito diferentes uns dos outros. Alguns deles estavam começando a frequentar determinadas festas — baladinhas — e convidaram vovô para ir junto. Inocente, bem jovem e destemido, vovô aceitou o convite e foi se divertir uma primeira vez. Quando estava na balada se “tocou da real”: estava fazendo parte de uma grande “furada”.

Os amigos não paravam de beber, fumavam um cigarro atrás do outro e gargalhavam entre uma e outra conversa de mau-gosto. Insistiam para vovô beber, fumar junto com eles, mas vovô resistia! Cansado e sem paciência meu bom velhinho resolveu aceitar a bebida e tomou a primeira cerveja da sua vida, e depois outra, e depois mais outra, muitas e muitas outras — todas elas pagas e presenteadas pelos amigos. Bebeu tanto que foi parar no hospital, desmaiado, sem consciência, em um coma alcóolico.

Depois do acontecimento vovô até continuou a falar com os outros jovens, mas afastou esse tipo de amizade. Aquela vida não era para ele. Recusou todos os convites a novas festas e bebedeiras.

— Graças a Deus, minha netinha — disse ele no meio da história —, logo encontrei novos amigos e novas amigas, pessoas sensacionais. Só combinávamos de viver e partilhar o que era bom para a nossa vida.

Alguns desses amigos eram religiosos. Essa parte da história foi tão interessante quanto a outra. Venha comigo! Por um bom tempo vovô disse que acompanhou um amigo evangélico no seu templo de adoração. Vovô ficou maravilhado, se sentia muito bem! A adoração a Deus, a Jesus e ao evangelho animava o seu coração. Depois veio o convite de uma amiga da faculdade para acompanhá-la na Igreja Católica. Vovô se emocionou com os lindos cantos e hosanas ao Senhor.

— Além do mais — disse ele —, os vitrais de algumas Igrejas eram verdadeiras obras de arte, admiráveis trabalhos, de conquistar os olhos e elevar a atenção.

Vovô frequentou também, durante certo tempo, um Centro de Umbanda, a convite do companheiro de trabalho. E quando por lá estava sentia a vibração da batucada a tocar fundo a sua alma. Conversar com um espírito de Preto Velho, para ele, é como ver o amor e a humildade de perto. Mas foi em um Centro Espírita que vovô encontrou a verdadeira religiosidade para sua vida. A amiga Eloara o levou, pessoa com quem, anos depois, se casou — a minha vovó. Vovô encontrou no Espiritismo verdades que o preencheram por completo. Por meio de estudos edificantes conseguiu entender como funcionam as leis Deus, o seu amor e a sua justiça. Não que as outras religiões ficassem além desse entendimento, mas porque, simplesmente, foi no Espiritismo onde o meu avozinho encontrou a semente e a morada da sua fé.

Interessante notar a atitude do bom velhinho durante todos esses anos. Vovô disse nunca ter deixado de acompanhar seus antigos amigos, principalmente os que haviam escolhido o caminho dos vícios destruidores e dos prazeres sem sentido. Todos envelheceram ao mesmo tempo.

— Porém — disse ele em um tom de melancolia —, os desobedientes sofreram muito, principalmente por causa da Lei de Causa e Efeito. O primeiro acabou esquecido pela família em um asilo para idosos. O único que ia visitá-lo era o seu avô. Outro amigo morreu bem jovem, de overdose: usava muita droga. Um deles morreu com câncer de pulmão por causa do cigarro. O último adquiriu grave problema nos rins por conta de beber tanto e uma vida inteira. Este último eu acompanhei no hospital. Passou a acreditar em Deus quando já estava bem doente. Queria porque queria que o todo poderoso o curasse de uma só vez, como num passe de mágica. Algumas semanas de tratamento e este amigo desencarnou por conta da doença.

Vovô, nesse momento, ficou um pouco calado. Depois de alguns instantes continuou:

— Veja, você, é preciso observar as Leis de Deus: leis de equilíbrio, de harmonia e trabalho! Não basta apenas acreditar em Deus no final da existência, quando a vida inteira foi trilhada pelo caminho do erro, dos vícios e desequilíbrios de toda ordem. É preciso renovar nossos passos, fazer escolhas mais certas e saber aceitar a correção das leis eternas, suportando com resignação a colheita do mal que plantamos. Todos os espíritos terão novas reencarnações para corrigir o que fizeram no passado e optarem por melhores caminhos em direção ao futuro. Que Deus nos ajude!

Vovô concluiu nosso “papo” com uma comparação interessante: tanto ele quanto os seus amigos de outras religiões viveram vidas melhores, mais seguras, a saúde mais bem preservada, chegando à velhice sem grandes dores ou problemas. Viviam ao lado de pessoas amadas, queridas, de amigos verdadeiros. Tudo isso, segundo ele, porque escolheram o exercício da fé, o trabalho digno e a busca pela sintonia com as Leis de Deus.

Humildade Combina com Autoestima



Em uma esquina, há alguma distância de um Centro Religioso, jazia vigorante um pé de mostarda, árvore linda, verdejante, nascida nas cercanias de uma certa casinha, a casa da Dona Corina. Árvore enorme, tão grande que fazia sombra na metade rua.

Certa feita a evangelizadora do Centro Religioso usou da lembrança cristã guardada no Livro da Vida para explicar que o trabalho com Jesus necessita do desenvolvimento de alguns valores fundamentais. Ela abordou o tema da humildade, mas a humildade conectada com a autoestima e a fé em si mesmo. Para melhor esclarecer contou uma história.

“Morava em um apartamento, de um prédio, de uma rua, de um bairro, de um município, de um Estado, de um País da Terra um homem muito bom, pessoa de muita fé, praticante da caridade diária, responsável por uma linda obra de amor. Os espíritos do mal — os obsessores —, incomodados e tomados de inveja, começaram a odiar este homem. Nas primeiras tentativas de acabar com o seu trabalho os malvados bolaram e aplicaram diversos planos maquiavélicos, entretanto, fracassaram em todos eles. Cansados, enviaram um companheiro das trevas à procura do grande chefão afim de consultá-lo sobre o que deveriam fazer para destruir aquele bom servidor. Frente a frente com o obsessor maior, o menor contou ao seu mestre sobre todas as tentativas e os fracassos do seu bando. Pediu ao grande líder o ajudasse com uma ideia eficiente,

capaz de prejudicar as obras e acabar com a vida daquele homem. Entretanto, antes de ordenar o que deveriam fazer, o maioral das trevas perguntou:

— Diga-me você, seu imprestável, conte as ideias que ainda imagina sejam capazes de acabar com a vida deste homem!

E o obsessor mais fraco foi falando abertamente:

— Que tal tirarmos toda a sua riqueza material: o dinheiro, o carro, o apartamento? Arranjando algumas dívidas bem difíceis de pagar e o homem se perderá!

— Isso não! — disse o maior — Para uma pessoa deste tipo ficar pobre é libertação, a chance que esperava para desapegar-se totalmente dos bens materiais. Ele encontraria, deste modo, “mil” jeitos e formas de aumentar a oferta da caridade.

— Então vamos castigar a sua família, obsidiar a mulher e os filhos para atacá-lo com manifestações de ingratidão e desprezo!

O chefe deu uma gargalhada e exclamou:

— NÃO, SEU TOLO! O homem de bem, desprezado pelos parentes da Terra, fortaleceria sua ligação com a família universal e os espíritos do Cristo conectados com os seres da Terra. Seria um desastre para nós!

— Ó grandioso Chefe, por que não implantamos no corpo do homem as piores doenças deste mundo? Podemos lhe arranjar um câncer!

— Nada disso! — acrescentou o perverso orientador. — Ele ficaria mais forte e vigoroso na fé e na confiança depositada no Todo Poderoso, e as pessoas, observando a sua serenidade diante da dor, usariam do exemplo como inspiração para a própria vida.

— Vamos disseminar a fofoca, a inveja e o ódio contra ele, contra o seu caráter, contra as suas obras! — clamou o empregado das trevas.

— E para quê? Ele se tornaria o redentor de muitos com a purificação do próprio exemplo. Perseguição desse tipo o elevaria espiritualmente.

Já cansado da rejeição de todas as suas ideias, o obsessor tentou uma última cartada:

— Vamos matá-lo, chefe! Arranjamos uns ladrões, alguns bandidos em nosso controle e assassinamos o caridoso.

— Mas é mesmo um inútil! — redarguiu o líder do mal. — Se matarmos seu corpo será conduzido a mundos superiores, locais onde não poderemos rir da sua desgraça!

E vendo que o obsessivo desistia de propor novos planos, o chefe aconselhou:

— Não sejas tolo! Volta até o homem de bem e acaba com a sua autoestima. Sopra nos seus ouvidos o que eu te disser: diga que ele é muito pequeno e não tem forças para acabar com o mal deste mundo. Fale no pé do ouvido o que ele é para nós, um “zero à esquerda” da criação; diga que não terá resultado nos seus trabalhos, chame-o de verme desconhecido e campo de podridão! Aí verás qual é o resultado!

O malvado voltou a obsidiar o homem pondo em prática o plano nefasto. Mentalizava e enviava ao campo mental da vítima pensamentos e mensagens nesse teor: ‘As tuas obras não têm nenhum valor, são muito pequenas para Deus! Não sabe que um dia irás morrer e tudo isso se acabará? Você é apenas um grão de areia no deserto, uma gota de água no oceano! Não vês que és muito impotente para acabar com o mal deste mundo? Esqueceste, esqueceste disso? Inferiorize-se diante de Deus e da vida, porque és tão somente a pasta de lama em uma poça rasa!’

O homem de bem procurou resistir aos ataques, mas logo cedeu às sugestões destruidoras. Dentro em breve interrompeu todas as obras de caridade. O servo de Deus esquecera, de uma hora para outra, a lição da pequena semente, que começa do tamanho de um grão de areia persistindo contra o chão duro, as folhas secas, as pragas, as tempestades, tornando-se um enorme e vigoroso pé-de-mostarda, árvore pujante, exuberante, frondosa.

O servo de Deus tornou-se um deprimido, escondeu-se num quarto escuro entre o choro e a tristeza, o desânimo, a desesperança, o pessimismo, sem forças para suportar a ignorância do mal. Assim permaneceu por longos anos até encontrar o dia da morte. Despertou no mundo espiritual em um estado de profundo arrependimento.”

Nesse exato momento a evangelizadora terminou a história. Olhamos para ela com cara de surpresa, alguns de espanto. Esperávamos um final feliz, mas foi bem amargo. Ela, então, explicou:

— A história deste homem generoso e frágil serve para entender o problema e a necessidade de trabalhar no bem utilizando o suporte da autoestima. Humildade não combina com o abandono de si mesmo, não combina com a culpa ou a desvalorização

de nossas próprias qualidades. Humildade combina com autoestima, com gostar de quem você é perseverando na renovação íntima e na prática constante do bem.

Dito isso a evangelizadora pediu desculpas por conta do adiantado da hora e deu por encerrada a nossa reunião. Mas, Cara, a gente aprendeu muito com essa história e, sabe, ficamos bem curiosos porque Dona Lívia nos prometeu duas coisinhas para o futuro próximo: levar o grupo ao encontro de um pé-de-mostarda no parque florestal da cidade e contar história semelhante em um novo encontro no Centro Religioso.

Não sei você, mas eu estou contando as horas e pensando, pensando muito sobre o que ela vai nos trazer.

A Tristeza Venenosa



Nós estávamos expectantes com a evangelização daquela noite. Dona Lívia iria contar outra história super legal e eu queria saber qual seria a nova lição. Seria algo semelhante ao último encontro? Estava disposto a aprender. Depois da abertura por meio de uma prece emocionante, a evangelizadora foi contando:

“Havia uma comunidade de pessoas passando por grandes desafios e problemas morais: violências constantes entre os habitantes, jovens viciados e perigosos, crianças intolerantes, idosos mal-humorados, trabalhadores de todas profissões criticando uns aos outros, muitos problemas intrincados aqui e ali por conta da incapacidade de viver o respeito, a paz e a harmonia coletiva.

Preocupado com a situação Jesus ordenou aos seus amigos espirituais localizados mais próximos do drama procurarem nessa região alguém que tivesse um bom coração a ponto de ajudar a comunidade conflituosa. Esta pessoa generosa deveria apresentar resistência emocional suficiente para atender ao projeto, pois a tarefa previa esforço, paciência e um possível ataque das trevas.

Os espíritos amigos encontraram uma jovem mulher, honesta, trabalhadora, caridosa, emocionalmente resistente. Viúva há alguns anos, mãe exemplar e grande exemplo de bondade para os filhos. Seus rebentos observavam no exemplo da mãe os passos que deveriam seguir quando atingissem a maioridade.

Certa noite, enquanto os corpos dormiam, a família foi contatada pelos espíritos do Mestre: um encontro em desdobramento. Os quatro foram encaminhados para uma colônia espiritual repleta de luz, linda, lindíssima, muito superior a qualquer imagem que poderíamos descrever nas páginas deste livro. Acomodados no ambiente os espíritos explicaram o projeto de amor a ser aplicado na sociedade intolerante onde viviam. Apresentaram o plano de ação aos representantes da Terra e receberam a confirmação da família para servirem de instrumentos à paz e à união da comunidade.

No dia seguinte, durante o café da manhã, em um breve diálogo sobre a noite anterior todos os parentes compreenderam o fator da coincidência. Descobriram o mesmo sonho e a mesma lembrança. Decidiram, então, cumprir a promessa. Procuraram uma casa para alugar e ali materializaram um núcleo de caridade, de ensino e esclarecimento sobre as verdades unificadoras, oferecendo aos frequentadores a oportunidade de fortalecimento da própria fé, o desenvolvimento da paciência, da tolerância e tudo o que estivesse relacionado à paz e à vida em sociedade.

Tantas mudanças ocorreram na cidade, tanta coisa boa, novas manifestações de amor, movimentos renovadores, um novo clima existencial, etc., etc., etc., o governador eleito pelo povo se rendeu aos trabalhos benfeitores, criando novos planos para todo o território. Todavia, repetindo a história anterior, a inveja, o ódio e a ignorância ficaram extremamente incomodados com os atos de bondade. Espíritos obsessores decidiram perseguir a família caridosa, pois, em todos os sentidos, atrapalhavam os seus núcleos de maldade.

A primeira ideia dos obsessores foi induzir pessoas importantes, ídolos da sociedade a falar mal e criticar o trabalho realizado pela família benfeitora. Notícias de jornal, debates enfurecidos e campanhas contrárias surgiram nas redondezas. Todavia, mãe e filhos toleraram todos os boatos mentirosos e os ataques da ignorância. Utilizaram da paciência e do perdão com grande sucesso, suportando com heroísmo o mal alheio.

Falhando as primeiras tentativas, os espíritos invejosos e mal-intencionados influenciaram outras pessoas a fazerem justamente o contrário. Conduziram algumas figuras importantes até a casa de caridade com a finalidade de elogiar os trabalhos, enaltecer a instituição, “enchendo a bola” dos trabalhadores, estimulando a vaidade.

Mas os servos vigilantes do local não deram importância para os elogios e mantiveram o valor da humildade combinada com a autoestima.

Os obsessores, então, entregaram grandes fortunas nas portas do projeto, para ver se ocorria a fascinação pelo dinheiro. Entretanto, tudo que o lar de amor ganhava por doação era convertido em mais auxílio aos necessitados.

Os malfeitores resolveram fazer o contrário: arranjaram problemas financeiros, dívidas imensas, levando a casa para a condição de pobreza. Ainda assim a família trabalhou, se esforçou e confiou no valor da fraternidade, solicitando o amparo da comunidade para superar as dificuldades: e conseguiram! ”

No meio da história, Camila, nossa amiga de sala, interrompeu Dona Lívia:

— Mas que obsessores insistentes? Se usassem essa energia para fazer o bem...

— Pois é, Camila, todavia, um dia, todos os espíritos perdidos e cansados das fileiras mal acabam mudando de ideia! Voltemos à história:

“Sem outros planos ou ideias maquiavélicas, os espíritos obsessores resolveram apostar na tristeza.”

— Tristeza? — perguntei eu intrigada.

— Sim, tristeza — continuou a evangelizadora —, mas aquela tristeza doentia, desanimadora, depressiva. Iriam aplicar na mente e nos corações dos trabalhadores imagens, palavras e expressões relacionadas ao fracasso da obra e de si mesmos.

“Atacaram a autoestima de cada um em particular! Falavam coisas do tipo: ‘Você é uma mulher fraca, cheia de defeitos! Pensa que é um anjo? Não sentes vergonha de fazer o bem com tantas imperfeições e torpezas em tua alma? Você não passa de um reles espírito culpado resgatando os erros do passado! Não lembra de nada, não é mesmo? Diante das leis de Deus você é só uma coitada, culpada, CULPADA!’.

E com os filhos os obsessores utilizaram da mesma técnica: ‘O que fazes aí, pequeno e fraco aprendiz? Por que não vai curtir a vida, fazer uma festa? Você é apenas uma criança, não tem forças para fazer tanta caridade! És fraco igual a tua mãe! És tão culpado quanto ela! Vocês são devedores, vocês são destruidores! Parem de sofrer e trabalhar com essa miséria de lugar!

No começo a família resistiu e não prestou ouvidos às forças do mal, mas logo foram pegos na invigilância. Registraram as sugestões inferiores e caíram nas garras dos obsessores. A tristeza venenosa invadiu o espírito do grupo e todos, simplesmente todos abandonaram a tarefa, a obra, a promessa, o trabalho no bem. Adoecerem e se isolarem no obscuro quarto da depressão.

A mãe responsável pelo projeto, depois de um tempo amargando o fracasso, adquiriu uma doença muito agressiva, gerada pela culpa que sentia. Os filhos se perderam no mundo a procura de uma vida inútil, lamentando todos os dias não terem forças para superar o desânimo. ”

A história terminou nesse ponto, mais dramática do que a anterior. Eu falei chateado:

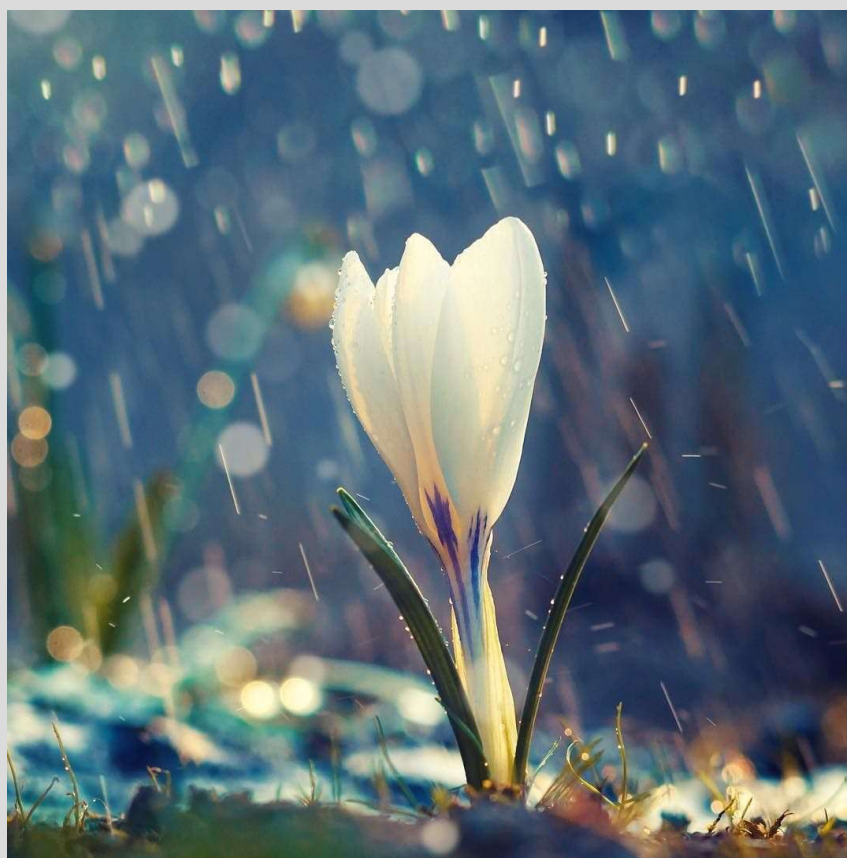
— Ah, Dona Lívia, pensei que dessa vez ia ter um final feliz!

Ela me respondeu:

— A vida aqui na Terra, meu amigo, é bem delicada! Essa história serve para nos lembrar que a tristeza destrutiva é uma grande adversária. Ela nos impede de viver com alegria, costuma abafar a nossa fé, nos impede de trabalhar no bem, de perseverar e vencer os desafios, nos deixa doentes, gravemente doentes e pode até matar! Todos nós temos o direito de ficar tristes, mas não devemos deixar a tristeza acabar com a nossa vida e as nossas obras de amor.

Eu não falei mais nada depois dessa conclusão, porque entendi “a real”. Puxa vida, história marcante! Deus ajude, esclareça e reoriente os trabalhadores que abandonaram a tarefa! Deus ajude, esclareça e reoriente também os espíritos obsessores! Se tem uma coisa que me deixa triste é vê-los perdendo tanto tempo atrasando a própria felicidade.

A Lição da Chuva



Um espírito de alta potência, responsável pela evangelização de Jesus junto ao Planeta, andava algo triste e desanimado, apresentando no trabalho uma redução significativa da sua própria energia espiritual. O Mestre, percebendo a condição inesperada, bem como os pensamentos e sentimentos mais profundos do seu amigo, chamou-o para uma conversa.

— Governador — disse o visitante —, aqui estou mais uma vez na posição de servo fiel da casa universal. Já sei o que vêes em mim. O trabalho no planeta está muito difícil. As crianças, os jovens e os adultos, em sua maioria, não fazem o que propomos e têm muitas dificuldades para seguir o Evangelho. É muita preguiça e distração, não respeitam as regras do amor e desistem das atividades renovadoras logo no início da ação. Outros parecem não estar nem aí para as propostas do Reino de Deus. Há jovens que me respondem em pensamento com grosserias e palavras de ódio.

Porque o espírito chorava, Jesus convidou-a para descerem à Terra e visitarem um parque florestal localizado na região onde o anjo trabalhava. Acabara de chover e o ar

umedecido do ambiente inspirava o frescor dos pulmões. Assim que adentraram o pequeno horto o Mestre convidou-o a observar:

— Observe esta obra da natureza!

O espírito registrou em suas retinas a visão de uma pedra muito antiga, rachada ao meio pela ação do tempo e da chuva. Da fissura brotava pequenina planta que verdejava na companhia do mineral.

— Compreenda a primeira mensagem! A ação do tempo e da chuva transformadora conseguiram modificar algo duro e inflexível como esta pedra, gerando um campo onde a vida cresce satisfeita.

Os dois flutuaram a outra distância até se depararem com uma árvore tomada por líquens e fungos, parasitas diversos, apresentando galhos apodrecidos e uma grande rachadura no tronco.

— Observe agora esta árvore! — indicou o Mestre. — Ela ainda não conseguiu se livrar dos parasitas, da fraqueza e da decomposição dos seus galhos, mas continua viva e lutando para manter-se virada para o céu, recebendo da própria chuva a chance de renovação e fortalecimento.

Os dois, então, desceram ao chão e continuaram o caminho por uma trilha no interior do parque. Logo à frente encontraram um pé-de-pêssego, um pessegueiro, cujas flores, lindas flores...



guardavam em suas pétalas as gotas de água viva mais limpas e cristalinas de toda a região.

— Constate agora, meu amigo, — falou o Mestre decisivamente—, essas pétalas, limpas e puras, guardam o dom dos céus com exatidão e fidelidade! Logo logo tais flores oferecerão doces frutos para revigorar a saúde de muitos. A mesma coisa acontece com os nossos trabalhos de evangelização pelo planeta. Cada criança, cada jovem, cada adulto encarnado recebe a chuva dos ensinamentos superiores de um modo diferente. Nem todos se comportarão como essas flores, mas com tempo, trabalho e persistência de nossa parte cada espírito entenderá a lição do amor puro e verdadeiro oferecidos pelos espíritos amigos. Corações de pedra abrirão espaço para uma vida nova; as vidas fissuradas, viciadas, infestadas de pragas e podridão serão renovadas, produzirão novos frutos; e aqueles que, desde já, se comportarem como estas flores liderarão meus núcleos de evangelização em crescimento pelo planeta, plantando e colhendo felicidades. Se o resultado de agora não está sendo como o esperado, coloque o futuro do seu trabalho nas mãos de Deus, pois é Deus que cuida das pedras inflexíveis, das árvores em posição de inutilidade e das flores dos pessegueiros.

O espírito evangelizador, evangelizado mais uma vez pela sublime lição, agradeceu ao seu Mestre extremamente emocionado. Jesus o abraçou feito a um amigo muito querido e, de repente, sumiu em pleno ar. O aprendiz permaneceu na região de trabalho, movimentando novas forças e esperanças a favor dos tutelados.

Jornada ao Reino de Deus



Amigo, amiga, leitores deste livro, outro dia ouvi uma história bem difícil de entender, pelo menos para mim. Mas achei legal vir aqui e dividir com vocês. Vou contar o que entendi. Pode ser?

Certo dia uma jovem bem-disposta e destemida chegou para Jesus e perguntou:

— Mestre amigo, como é, seria ou será a jornada ao Reino de Deus?

E Jesus respondeu com uma parábola:

— Numa terra muito distante um conjunto de jovens espíritos viviam em situação de extrema infelicidade, tudo porque repetiam certos erros e desvios repassados de geração em geração, desde o povo mais antigo. Todos na comunidade estavam acostumados a desrespeitar as leis de Deus: virou um hábito, um costume. Certo dia uma jovem passou por aquelas “bandas” acompanhada de seus pais. Rumavam em uma viagem de grande importância, muitas aventuras, desafios e descobertas. Interessada com a imagem de um grupo de jovens parados à beira da estrada (jovens dessa cidade), parou para contar ao grupo sobre o motivo da viagem: a sua família procurava uma colina muito distante, onde Deus conversava com os visitantes e podia levá-los a conhecer o seu Reino. Disse ela: “Quem foi até a colina e voltou para contar alegou que o Reino de Deus é inundado de amor e de paz”.

Os jovens, num primeiro momento, receberam a revelação boquiabertos, ficaram maravilhados com a boa nova. Entretanto, a maioria afirmou que não poderiam partir em tal jornada. Perguntados sobre o porquê de não partirem, alegaram pouca força e falta de vontade, poderia ser muito longe. A jovem viajante, porém, esclareceu: “Se tiverem coragem, se quiserem vencer os próprios limites basta usar a disciplina e a determinação, parando o desperdício do precioso tempo com maus hábitos e os erros dos antepassados”. Com essa sugestão poderiam obter forças suficientes para seguirem caminho. “Deus os esperava de braços abertos”, garantiu ela.

A maioria, todavia, ouviu os bons conselhos entre expressões de deboche e indiferença, não “deram a mínima”. Mas eis que um dentre eles, corajoso e paciente, acreditou ter forças suficientes para vencer as dificuldades de tamanha jornada e, quem sabe um dia, encontrar-se frente a frente com o Deus do Amor, o Deus da Justiça, o Deus de todo o Universo. Este jovem resolveu seguir a palavra da visitante, aplicou a si mesmo um regime de disciplina e de esforço, determinação e perseverança, trabalhando seu íntimo mais íntimo para deixar os maus hábitos e empreender a jornada dos sonhos. O cara pôs os dois pés na estrada!

Durante esse tempo de mudança e renovação, tempo difícil, tempo percorrido no laborioso caminho, o novo viajor orava, pedia o amparo dos céus para conseguir superar todos os obstáculos, principalmente os desafios íntimos, aqueles enraizados em sua alma. Decorrido o tempo necessário já podia enxergar alguns traços de luz indicando a colina. Neste ponto do percurso o viajor passou a ser monitorado, perseguido por lobos e cobras peçonhentas, tramando na surdina um jeito de afastá-lo da primeira luz. Em horas mais difíceis, mais tentadoras o jovem usava da cautela, da prudência, tomava redobrado cuidado, se protegia dos perigos, seguindo sempre em frente. Superou todas as armadilhas.

Mais adiante foi abordado por um ladrão cruel que roubou todo o seu dinheiro e a única manta térmica, peça usada para frio proteger do nas noites impetuosas. Mantendo-se firme na jornada encontrou, em breve tempo, o suporte de calor vindo da caridade alheia. Assim continuava: de ponto a ponto, desafio a desafio, conquista a conquista. O jovem cruzou diversas cidades, distribuindo aqui e ali as mais sinceras manifestações de alegria e fraternidade. Entretanto, não demorou a alcançar região povoada por adultos muito perversos. Não toleravam forasteiros. Impiedosos o humilharam, o xingaram, cuspiram em suas roupas e o agrediram. Mas durante todo

esse período de provação o viajante respondeu aos malvados com a caridade sincera e verdadeira, recolhendo desculpas logo adiante.

Perseverou no caminho em busca do lugar marcado para o grande encontro. Vários e vários anos de lutas, provas, doenças, espinhos, decepções, desafios e agora, já adulto, formado pelas leis da vida, conseguiu alcançar o destino. Subiu a colina indicada pela viajante de anos atrás; ali postou-se frente a frente com Deus, conversou com a suprema entidade e foi conduzido por ela ao seu Reino de Amor e de Justiça.

Jesus terminou a parábola, fixou sua bondade na jovem admirada e concluiu:

— Assim é o caminho para o Reino da Felicidade, o Reino que Deus tem guardado para todos nós. Antes de tudo é preciso ao espírito em evolução aprender e reconhecer os próprios defeitos, tudo o que o faz cego, incapaz de enxergar a luz da jornada. Junto ao autoconhecimento é necessário aplicar a disciplina para a renovação de si mesmo evitando o desânimo e a desistência. Só assim encontrará ele o seu destino. O último fator é o trabalho perseverante no bem de todos, marchando pela vida afora aproveitando todas as oportunidades encontradas ao longo do caminho.

Muitas vezes estaremos sozinhos nas lutas e nas provas renovadoras, outras seremos atacados, humilhados, roubados, desprezados pelos preguiçosos que descansam paralisados na beira da estrada. “Mas todo aquele que perseverar até o fim será salvo!” e terá como resultado o fim glorioso da jornada.

As Regras de Ajudar



Se você — criança, jovem, adulto — procura as regras para ajudar o mundo, o mundo que habita em ti, o mundo que habita o outro e todos que vivem neste Planeta, saiba o que poderá empreender:

- * Comece, ou se já começou, mantenha firme a busca diária e constante pelo autoconhecimento, corrigindo erros e aperfeiçoando acertos, alimentando bons hábitos e deixando para trás as más atitudes;

- * Não esqueça de ser amigo, generoso, solidário, compreensivo, paciente e tolerante para com os primos, primas, amigos, amigas, os colegas de escola, os desconhecidos, teus pais, avós, tios, tias, etc., etc., buscando amar a todos do mesmo jeito que queiras ser amado e querido por eles;

- * Aprenda a ser gentil e educado, evitando utilizar palavras e expressões que magoem as pessoas. Quando falar com alguém olhe nos olhos e ouça com paciência, com delicadeza, sem levantar a voz em qualquer resposta. Também não poderás ser útil ao amor fazendo fofoca ou deixando ela entrar em teus diálogos;

* Ajude nos trabalhos e nas tarefas do dia a dia, aquelas que estás preparado para executar. Não dê bola se o teu irmão ou qualquer outra pessoa apresentar preguiça e colocar-se em repouso enquanto trabalhas. Lembre-se: quando o preguiçoso decidir, por sua vez, também poderá movimentar grandes obras;

* Deixe de lado toda e qualquer reclamação ou queixa, pois elas, geralmente, não servem para nada. E não fique triste se a vida, aparentemente, perder sentido diante das dificuldades. Olhe para o Universo e lembre da Eternidade! Muitas vezes choramos por coisas bobas;

* Sorria mais para as pessoas que cruzarem o teu caminho. Às vezes um gesto simples como esse pode confortar e aliviar quem sofre calado; pode proporcionar alguma paz ao ansioso, um estímulo ao queixoso, uma alegria ao idoso; pode fazer com que o malfeitor mude de ideia e suspenda o mal planejado;

* Respeite os horários da escola, da rotina em seu lar, dos encontros marcados e até do brincar. Procure não chegar atrasado — é muito indelicado, desrespeitoso;

* Procure dar menor atenção e parar de vez com o consumo da cultura inútil, a busca inconsciente por elementos das mídias que nada contribuem com a evolução do teu espírito. Pare com o excesso e as muitas horas de TV, celular, videogame ou computador, utilizando do tempo útil para a busca constante de ideias e práticas impulsionadoras do amor e da caridade;

* Pesquise, estude, planeje, experimente desde já o projeto do presente e do futuro com o Cristo;

* Cuide da Terra! Cuide do Planeta, para que continue a ser um ninho acolhedor aos espíritos em evolução, todos eles sedentos de amor;

* Não esqueça: toda energia que te move para Deus sempre partirá da boa vontade e de uma coisa comumente chamada de primeiro passo;

* Enfim, faça o melhor que puder para promover a felicidade e elevação dos elementos da criação, não somente aqui, mas em qualquer parte, não apenas hoje, mas sempre. E jamais esqueça de agradecer a Deus por tudo, por todos e toda condição. Agradeça ao sol, à vida, à chuva que purifica, ao vento que refresca e às sementes do amor que brotam sem cessar no teu coração....

Sinais



Quando cada criança e jovem desse planeta deixar o Reino de Deus entrar e fazer morada em seu coração:

- ✓ A mais poderosa criança ou o mais poderoso jovem não será aquele que impõe medo aos semelhantes e sim o que usar da coragem para espalhar a segurança do amor sobre toda a Terra;
- ✓ O grande vencedor não será a criança ou jovem que ganhar a luta contra essa ou aquela pessoa; será aquele que voltar-se para dentro com a intenção sincera de conquistar e pacificar inimigos íntimos;
- ✓ O espírito mais transformador não será aquele que foge ou se esconde dos malvados para evitar a violência em atitude de covardia, mas aquele que procurar ensiná-los a fazer o bem e deixar o mal para trás;
- ✓ O mais cativante não será aquele que sabe apenas liderar pessoas e convencê-las a segui-lo, mas aquele que mostrar em palavras e atitudes o exemplo do cristão verdadeiro;
- ✓ O mais respeitado por sua posição não será o filho ou filha de gente importante, gente poderosa ou em posições de destaque na sociedade; o mais respeitado ou

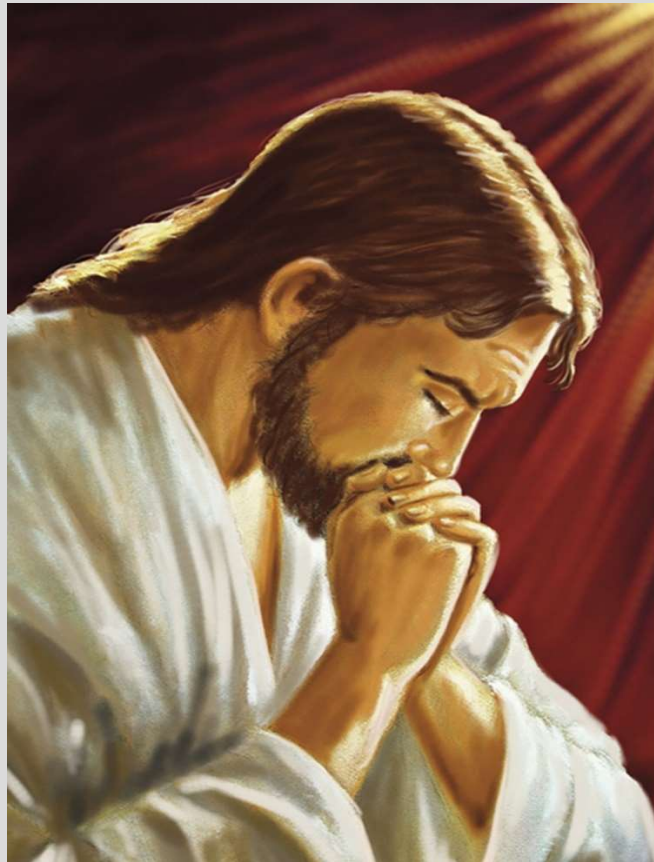
respeitada não será quem tiver maior número de seguidores, mais amigos virtuais, mais visualizações na internet, fama ou projeção nas mídias. O mais respeitado e respeitada sempre será aquele ou aquela que tiver o coração sintonizado com Deus e às suas leis eternas;

- ✓ A criança ou o jovem mais esperto não será o detentor do maior número de diplomas ou certificados, mas aquele que acumular créditos de amor e gratidão perante a vida dos semelhantes. “Quem ama segue sempre à frente de quem apenas sabe!”;
- ✓ O mais generoso e amado não será aquele que reza, e apenas reza, na proteção do seu quarto a desejar um mundo melhor; será aquele que une forças com os adultos procurando fazer algo melhor para o mundo em que vive;
- ✓ A criança e o jovem renovados não irão se ocupar com disputas ou competições na busca por medalhas, prêmios e um lugar no pódio, mas sim procurar construir a paz, a solidariedade e a amizade em todo lugar por onde pise a razão da sua vida;
- ✓ E todo espírito digno de continuar evoluindo nesse planeta saberá da importância de cuidar da Terra, da saúde deste planeta, de um lugar tão maravilhoso, digno de respeito e preservação, digno da nossa eterna gratidão.

Quando tudo isso acontecer — na sua vida e na vida dos teus semelhantes —, se assim o quiseres, nessa época, nesse tempo, você, as crianças, os jovens, os adultos terão feito de si mesmos e do mundo um lugar melhor, mais bonito, mais humano, paradisíaco, um mundo CRISTÃO.

Assim seja!

Oração do Mestre



Naquele tempo o Evangelho no Lar feito na casa do apóstolo Pedro tinha a presença garantida do Mestre Jesus. Todos se acostumaram com a presença do Senhor, mas algo não estava muito certo. O Mestre partiria no dia seguinte e muitos dos que ficariam na cidade e o veriam partir apresentavam nas faces expressões de tristeza e a saudade antecipada pelo afastamento do grande amigo. Alguns trabalhadores iriam com ele na missão de levar adiante a Boa Nova para outros povos e nações.

Nesta noite em especial, o estudo do Evangelho estava mais silencioso do que o habitual. Durante a leitura e os comentários do texto sagrado a multidão olhava para o Senhor com um ar de dúvida, uma angústia sobre o futuro. O Mestre, no entanto, permaneceu no mais profundo silêncio, como se quisesse ensinar algo com aquela atitude. Levantou-se para falar somente quando chegou o momento da prece. Orou:

“Pai, acende a tua luz no coração dos que esqueceram as vossas bênçãos, perdidos que estão nas dificuldades da caminhada terrestre!

- * Ampara os que negam dividir os alimentos de suas mesas fartas!
- * Ajuda os que fazem questão de mostrar a própria felicidade quando, logo ao lado, há alguém que sofre!
- * Socorre os que não se sabem agradecer aos seus benfeitores!
- * Tem compaixão dos viciados, que deixam o exemplo do erro aos que lhe seguem os passos!
- * Levanta os preguiçosos, que esqueceram o valor da saúde e do trabalho!
- * Tem piedade de todos os sábios que esconderam a inteligência entre quatro paredes!
- * Desperta os que não acreditam na vida futura, se apegando aos bens materiais e ao desejo de dominação!
- * Ergue os que caíram pelo excesso de conforto!
- * Corrige os que espalham sem cessar a tristeza e o pessimismo aos semelhantes!
- * Intervém a favor dos que acham que podem se igualar a vós em matéria de poder e justiça, condenando os próprios irmãos em evolução!
- * Oriente uma vez mais os que recusaram manter a paz e negaram o poder do amor, espalhando a indisciplina e a revolta por onde passam!
- * Acorda as almas insensíveis que prejudicam os semelhantes com suas grosserias e gestos impensados!
- * Esclarece os que se perderam no ódio e na vingança, na ambição e na impiedade, que se acreditam livres para fazer o que bem entendem quando, no fim de tudo, não passam de meros escravos das ilusões! Diante de vossas divinas Leis todos, um dia, terão de reparar o mal que praticaram!
- * Dentro dos teus desígnios e sábios projetos te peço: perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem! Deixarei saudade nos corações futuros, mas o meu amor jamais se afastará de cada ser, de cada elemento, do mais complexo problema ao mais simples de areia que me confiaste!”

A esse ponto o mestre terminou a oração. Nos olhos ofuscantes do grande irmão lágrimas, lágrimas de um puro amor. Bem lá no alto dos céus a lua radiante, cercada de estrelas cintilantes, parecia lembrar que Deus, apesar dos humanos frequentemente o esquecerem, continua onipotente, onipresente, velando pelo bem de cada ser localizado em cada ponto do Planeta Terra.

Referências

Deixando de lado as normas técnicas convencionadas para apresentação das referências achamos por bem indicar as obras consultadas sem os complicadores do entendimento comum. Foram obras de referência:

A Bíblia Sagrada – Novo Testamento

O Livro dos Espíritos de Allan Kardec

O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec

O Céu e o Inferno de Allan Kardec

A série de Romances ditadas por Emmanuel – Médiun Chico Xavier

Livro Boa Nova – Espírito Humberto de Campos – Chico Xavier

Jesus no Lar – Espírito Neio Lúcio – Chico Xavier

Série de livros de Divaldo Pereira Franco por Joana de Angelis

Série de livros de Emanuel (Chico Xavier) com estudos sobre o Evangelho

Nossas obras e trabalhos de pesquisa pessoais sobre a arte de contar histórias, produzir contos transformadores e revisar textos em suas mais diversas dimensões

*** A autoria das imagens utilizadas não pôde ser indicada por conta da multiplicidade e repetição das mesmas em diversos sites e links de consulta, tanto no Brasil quanto no exterior, sem a devida referência de origem.**